O CONDENADO

118

RAOUL DE NAVERY

O CONDENADO

ROMANCE

EDIÇÕES PAULISTAS

O GUARDA-LIVROS
DA CASA RAMEAU

A casa Rameau, em 1619, era considerada uma das mais notáveis da cidade de Cette, pelo seu intenso comércio e pela honestidade proverbial com que orientava os negócios. Os comerciantes que, havia aproximadamente dois séculos, estavam à cabeça do comércio deste pequeno porto de mar, gozavam, de facto, e justamente, duma óptima reputação.

João Rameau, oitavo deste nome, mantinha dignamente no seu apogeu a honra hereditária da família, com todo o direito se ufanava do prestígio impoluto dos seus avós. O comércio, a que primeiramente se entregara por necessidade, passou em seguida a constituir a sua ocupação predilecta, e cultivou-o com verdadeiro entusiasmo.

Ele era generoso, o que não o impedia de apreciar os lucros e de calcular com muito desvanecimento as vantagens que usufruía.

Apressamo-nos, no entanto, a dizer, em seu abono, que por mais de uma vez veio em auxílio de infelizes que, atingidos pela desdita, recorriam a ele. Quem quer que fracassasse, lutasse contra a sorte adversa ou moure-jasse, encontrava sempre nele simpatia e auxílio.

Vítima duma injustiça, aliás frequente, ele deplorava que os seus pais preferissem a ele o irmão mais velho. A pouca afeição que nutriam por ele levou-o a ocultar os seus sentimentos, assim, à força de os dissimular, estes quase chegaram a extinguir-se. A sua tristeza degenerou numa profunda melancolia, o coração tornou-se-lhe árido, e se não ficou totalmente privado dos dotes de que era possuidor, eles mantiveram-se no entanto de tal modo enfraquecidos e latentes que quase se não podiam adivinhar nele.

Esta sua penosa maneira de levar a vida durou até ao dia em que o irmão preferido morreu numa viagem por mar. O pai de João viria a dedicar, sem dúvida, a este último seu filho o amor paterno que nutria pelo filho primogénito, mas não sobreviveu à morte de André, e assim a perda, em certo modo inesperada, do pai, abriu uma nova chaga no coração de João.

Ele ficou senhor duma bela fortuna; não

havia porém quem o amasse, e ele, por sua vez, não sentia afecto por ninguém.

Um velho amigo do seu pai teve dó dum tal isolamento; conhecia uma rapariga pobre mas boa e formosa, e pensou dá-la como esposa a João Rameau. Este não quis, a princípio, ouvir falar de casamento: o pensar que essa rapariga jamais poderia sentir-se inclinada a amar um misantropo como ele, levava-o a diferir o seu assentimento às repetidas instâncias do velho amigo.

Ela porém, com aquele inefável instinto do coração que impele a mulher para junto dos que sofrem, não recuou diante do desconforto daquela solidão e daquela tristeza, e venceu com os atractivos da sua graça as hesitações e as inquietações de João.

Casaram; e o comerciante viu, como por encanto, transformar-se tudo à sua volta, a partir do momento em que aquela encantadora e afectuosa criatura uniu a própria vida à dele para a rejuvenescer. A casa tornou-se alegre e sorridente; a prosperidade aumentava todos os dias, e Luísa era uma verdadeira bênção.

O coração do comerciante, há tanto tempo oprimido, expandiu-se finalmente; ele amou a mulher não só pelas suas apreciáveis qualidades, mas ainda pelas que ela andava de-

senvolvendo nele, e louvou e bendisse a Providência quando Luísa lhe fez conhecer as alegrias de que a própria família o tinha privado.

Agora já nada lhe parecia tétrico e escuro; antes se lhe afigurava tudo alegre e agradável; o seu coração abria-se no amor do justo e do honesto; afectuoso, simpático, generoso, mais propenso à indulgência do que à serenidade.

Apenas um ano havia decorrido sobre as suas núpcias com a boa Luísa, quando a taça da felicidade se quebrou entre as suas mãos, e depois de ter saboreado as puras alegrias da família, João Rameau experimentou todas as opressões da humana desventura.

Poucos dias depois de ter nascido um anjinho querido, a pobre Luísa morreu. Este golpe fez sangrar o coração de Rameau; tornando-se triste, quase selvagem; deu-se a empresas mais complicadas e difíceis, cortou todas as relações de amizade contraídas após o seu casamento, e fechou-se em casa como numa fortaleza.

Luísa fora atingida por uma daquelas febres que matam tantas mães jovens; mal teve tempo de abraçar a criancinha recém-nascida.

Ao sentir a morte próxima, pediu que lho

trouxessem para a cama e colocou-o nos braços de João Rameau, fixando-o com um olhar de dilacerante angústia. Rameau sentiu-se então mais marido do que pai; levou o menino, à ama, e apertando entre as suas as pequeníssimas mãos de Luísa, que principiavam a estar geladas, chorava tão copiosamente que cortava o coração vê-lo. A moribunda ergueu os olhos ao céu num gesto de súplica, depois voltou-se para o marido e soltou o último suspiro, dizendo:

— É nosso filho! ama-o! ama-o!...

Não há uma pena que possa descrever a dor de Rameau; o ver a criança fazia-lhe um mal horrível como de quem, segundo ele, tinha sido a causa da morte da mãe; afastou-o de si durante muitos anos, e quando o chamou, não foi que sentisse por ele amor, mas fê-lo tão sòmente para cumprir um dever. O coração desconfiado e triste que Luísa tão habitualmente havia transformado, contraiu-se e fechou-se de novo sobre si mesmo.

Luísa tinha sido como que um relâmpago a iluminar sùbitamente aquela alma, mas num momento tinham-se adensado sobre ele as trevas; ficou o homem íntegro, não já o homem dos impulsos generosos e espontâneos, e só a memória de Luísa podia ainda fazer com que ele se dominasse.

Jamais alguém lhe pediria em vão qualquer favor em nome de sua chorada consorte, mas poucos se atreviam a relembrar-lhe aquela que ele tão apaixonadamente amara, sabendo-se que até o pequeno Honorato fora proibido de pronunciar a doce palavra: minha mãe!

Esta proibição que ao pequeno parecia misteriosa, a frieza do pai, o seu afastamento do lar paterno durante cinco anos, a tristeza que reinava naquela casa, tudo, tudo concorria para deprimir o espírito do Honorato, e a sua infância decorreu sem alegria, triste e monótona.

Desenvolvido na idade e posto a estudar, deu provas de possuir uma inteligência esclarecida, e aprendeu depressa para mais depressa acabar de estudar, não se importando com desenvolver as suas faculdades mentais.

«Bastam-me, dizia ele, as riquezas do meu pai». Sentia porém desprezo pelo comércio, como se não fossem fruto do comércio a riqueza e a estima a que haviam subido os seus antepassados. Sabia perfeitamente que era a ele que caberia por sorte continuar a gerir os negócios da casa Rameau, no dia em que o pai se afastasse para gozar dum merecido repouso e resignava-se com esta sujeição de futuro.

Quando o filho regressou à casa paterna, João Rameau vislumbrado no rosto do filho certas semelhanças fisionómicas com Luísa, sentia-se por vezes invadido por uma ardente ternura para com ele; quanto a Honorato porém, dir-se-ia que se sentia irritado. Ele não sabia perdoar-lhe o facto de o ter afastado de si, mandando-o para casa de estranhos, e este sentimento de irritação subsistiu e foi-se até tornando mais intenso.

Se Honorato fosse de índole boa, meiga e expansiva, teria suavizado a dor do pai, e este, à falta da chorada felicidade do passado, ter-se-ia abandonado às puras alegrias do afecto paterno.

Mas em vez de se atenuar, a barreira que separava um do outro aumentava com o tempo. João, sempre invadido pela tristeza, impacientava-se com as distracções procuradas por Honorato, o qual, novo e inexperiente, necessitaria de encontrar no pai um guia previdente e amoroso, em vez dum homem austero e duma severidade que quase roçava pela injustiça.

Privado do carinho filial, para atrair o qual ele, em verdade, nada tinha feito, João Rameau, com uma paixão mais febril do que nunca, dedicou-se todo ao comércio, alargando em maior escala a esfera das suas opera-

ções. Rico, estimado por todos, invejado por muitos, esgotava entre o trabalho ingrato de transacções comerciais e de áridos algarismos os recursos do próprio coração, paralizados com o isolamento.

O negociante residia numa casa construída pelo avô sobre o porto, casa de tétrica aparência, com grades nas janelas e varões de ferro nas portas; todavia no interior as grandes portas envidraçadas punham-nos em presença dum extenso e delicioso jardim.

Fora Luísa que o mandara delinear, e então, pelo respeito devido à sua memória, nada tinha mudado. João tinha até proibido ao jardineiro a poda das árvores, embora necessária, e o arrancar as ervas, de tal sorte que, quando a arte da jardinagem tomou uma nova feição, o jardim de João Rameau continuou tal qual o tinha criado a jovem esposa.

Uma sala de visitas decorada com móveis e cortinas vermelho-escuras e uma sala de jantar com as paredes revestidas de couro adornado de arabescos e figuras, davam para este ameno jardim. As grandes janelas deixavam entrar a luz e a perfumada e fresca brisa que ia desflorando os renques de árvores frondosas e verdejantes.

Contíguo à sala de jantar, ficava o escritório onde João passava a maior parte do dia.

As oficinas abriram-se para o lado que olhava o mar; mais adiante erguiam-se solitários e monótonos os armazéns, e entre estes e a casa do nosso negociante estendia-se um vasto pátio atulhado de carros, de fardos de mercadorias; ouvia-se um sussurro e um vozear contínuo de operários que carregavam ou descarregavam as mercadorias, um estridor de rodas, um incessante ranger de cabrestantes a contrastar com o silêncio sepulcral que dominava nas oficinas e no escritório do patrão.

Ali dentre tudo se ressentia do mau humor de João Rameau. Os seus empregados serviam-no com frieza e apenas pelo ordenado. Apenas alguns, que haviam conhecido Luísa e se sentiam desgostosos com a sua perda, sabiam compreender a dor e mau humor do patrão.

Havia entre eles uma velha criada de quarto de Luísa e Remígio Ciotat. Ninguém lhe era mais afeiçoado do que este seu jovem caixeiro. Era inteligente e honesto, filho duma mãe duramente atingida pela adversidade com a morte dum marido que muito amava.

O conhecimento do banqueiro com a família Ciotat tiveram a origem seguinte. Um dia uma pobre mulher vestida de luto, segurando nos braços uma criancinha de olhar inteli-

gente mas triste, pediu para falar ao senhor Rameau. Este recebeu-a friamente. À medida porém que ela ia narrando os padecimentos sofridos, depois de recordar o marido morto num naufrágio, e de lhe mostrar aquela pobre criancinha apertada nos braços, acrescentou, por entre soluços, que ele tinha ficado mudo em seguida a uma violenta comoção sofrida por ocasião dum perigo mortal de que o irmão o tinha salvo, João Rameau enterneceu-se até à compaixão e disse:

— Então o que é que queria?

— Senhor, respondeu ela, este pobre inocente, nascido um mês depois da morte do pai, não é o meu filho mais velho. Tenho um filho de treze anos, o meu Remígio; ele escreve bem, faz contas com facilidade; a sua docilidade e o seu amor ao trabalho criam-lhe habilidade para tudo. Aceite-o na sua casa e faça dele alguma coisa... Se a senhora D. Luísa ainda fosse viva, ela não deixaria certamente de interceder por mim; éramos da mesma freguesia e desde crianças que éramos muito amigas.

— Pois então admitirei o seu filho ao meu serviço, respondeu o comerciante com voz comovida. O que ele não souber, pode aprender; o Honorato não é certamente mais instruído do que ele.

A pobre mãe nem sequer se atrevera a pedir tanto; agradeceu com efusão e pondo os dedos na boca ensinou o pequenino a atirar um beijo ao seu benfeitor.

No dia seguinte a pobre viúva levava ao estabelecimento do banqueiro o seu filho mais velho. Remígio Ciotat, estimulado pelo desejo de prover às dificuldades angustiosas da mãe, mostrou tal atitude e uma tão contínua atenção, que o seu avanço foi tão rápido como legítimo.

João Rameau, já por ter prometido assistência à desolada mulher, já para despertar emulações no seu Honorato, quis que este comparticipasse dos mesmos estudos que o próprio filho. Honorato experimentou uma viva contrariedade ao ver este seu rival no estudo e aproveitava todas as circunstâncias que lhe permitissem fazer valer a sua condição social, a fim de fazer sentir ao pobre rapazito todo o peso da sua superioridade. Remígio deixava correr; fingia não reparar nas inconveniências do companheiro de escola; devia ao pai demasiada gratidão para estar a ter em conta as insolências do filho.

Em poucos anos, Remígio aprendeu, além da escrituração comercial, inglês e alemão. Por isso lhe foi confiada a vasta correspondência da casa Rameau. O banqueiro havia

já depositado tamanha confiança nele que, tendo falecido entretanto o seu antigo guarda-livros Jaime Rigot, quis que Remígio lhe sucedesse na delicada função.

Quantas lágrimas de alegria e de dor ao mesmo tempo derramou Julieta, quando o filho lhe anunciou a promoção e o aumento de ordenado! «Oh, se fosse ainda em vida do teu pai, exclamava a viúva, como ele seria feliz!» O pequeno mudo, com a vivacidade dos gestos e com as suas amorosas carícias mostrava compreender como tinha compreendido a alegria da mãe.

Todos os dias, à hora marcada, depois de dar um beijo na mãe, Remígio dirigia-se para o emprego. Começava a tarefa cotidiana com o tratar da correspondência. Lidas as cartas, respondia imediatamente, a não ser que tivesse de ouvir em primeiro lugar o parecer do patrão. Depois de haver concluído esta primeira parte da sua tarefa, ficava pronto a tratar os assuntos comerciais com o público, com negociantes e armadores.

Uma bela manhã, estava ele trabalhando com o habitual afã e via crescer o monte das cartas já terminadas, quando João Rameau entrou no estabelecimento. O rico negociante apareceu, como de costume, triste e abati-

do; todavia dirigiu-se delicadamente ao honrado rapaz e disse-lhe:

— Remígio, você dá cabo de si, e eu não quero isso de maneira nenhuma. Descanse um pouco, que demónio! Eu estava no jardim, quando você começou a trabalhar; há bem quatro horas que, passando e tornando a passar por diante da janela, notei que nem uma vez sequer você levantou a cabeça. À medida que terminava uma carta, colocava-a à esquerda, depois pegava noutra folha de papel em branco e aí estava logo a começar outra resposta. Eu estava sentindo por si afeição e dó, ao mesmo tempo.

— Dó? Mas porquê? — perguntou vivamente o jovem guarda-livros.

— Por você ter apenas vinte anos.

— A idade do trabalho e da luta.

— Mas leva uma vida tão triste!

— Triste! Mas que diz o meu bom patrão? Em primeiro lugar, eu gosto deste trabalho: à força de me ocupar em negócios, parece-me que me tornei também já um negociante. Não conheço nada mais atraente do que o estimularmo-nos continuamente com os negócios. Não possuindo dotes extraordinários, não podia aspirar nem às belas-artes nem às letras; o senhor fez de mim um rapaz laborioso; eu procuro tornar-me útil e não te-

nho merecimento algum por cumprir deveres que me são caros por muitas razões.

— E como vai a sua mãe? — perguntou o negociante como se quisesse interromper as demasiado vivas expressões de reconhecimento do jovem.

— Boa e reconhecida como é, o coração sustem-na mais do que a abalada saúde. Não há um dia que me não fale do senhor, nem sequer o Paulino o esqueceu.

— Ah! você é feliz, Remígio.

— Feliz...

— Eu sei, eu sei; a sua mãe não pode esquecer o seu pobre marido, nem deixou ainda o traje de viúva... a doença do Paulino é um espinho para o coração dela: mas você, Remígio, tem tanto amor à sua mãe e o filho pequenino cobre-a com tantos beijos, que ela não tem o direito de se lamentar.

Houve entre eles um momento de silêncio; o senhor Rameau levou a mão à testa e suspirou.

— O senhor está desgostoso com a tristeza do Honorato? — perguntou Remígio olhando para o patrão.

— Sim, Remígio, é isso: é uma coisa que me incomoda; aquela tristeza transforma-se em apatia; de vez em quando lê-se o desespero nos olhos do meu filho... um pensamen-

to há que o amargura e assedia; ele esforça-se por repeti-lo, mas não o consegue. Eu não o interrogo e espero uma confissão. O que terá ele? O que deseja? Porque não se abre?

— Talvez lhe falte a coragem. O senhor ama o Honorato, não duvido disso; mas, perdoe-me, se me atrevo a dizê-lo, a sua severidade para com ele parece-me muito grande... Eu tenho adivinhado a causa deste seu procedimento; o senhor sofreu tanto com a perda da mãe dele que não tem tido força bastante para amar apaixonadamente o filho. Quando a ama o trouxe de novo para junto de si, ele era ainda novo demais para fazer uma ideia do seu estado de espírito e para sondar o abismo da sua dor.

A frieza dele tem-lhe impressionado o espírito... e assim adquiriram ambos o hábito de, vivendo juntos, não fundirem as duas existências. No entanto, ele precisa dum guia, e o senhor dum amigo; e ambos sofrem, porque não aprenderam a compreender-se mùtuamente.

— Diz bem, Remígio, eu não tenho sabido cativar o coração do meu filho.

— Mas isso é fácil... A tristeza, de boamente confia os seus segredos, e o senhor Hono-

rato não deseja por certo outra coisa que não seja abrir-lhe a alma...

— Quem sabe, replicou o negociante, se ele se não terá já habituado a não dar valor ao auxílio moral do pai! É novo, vejo-o raramente, a falta de ternura e de solicitude tem-no afastado de mim. Nunca me dei ao cuidado de saber quem são os seus amigos, quais as suas distracções... tenho feito mal, tenho faltado a um dever... Luísa disse-me: Ama-o: e eu não o tenho amado, não o tenho vigiado. E ele está triste, e ele sofre!... Ah Remígio, como me sinto hoje profundamente infeliz!

Neste momento entrou o criado e disse a João Rameau:

— O senhor que aqui esteve ontem à noite depois de encerrado o estabelecimento voltou outra vez e pede o favor de se lhe pagar já a letra, embora a secção da caixa esteja ainda fechada, porque o barco em que deve partir levanta ferro dentro duma hora e por isso não pode esperar.

Rameau voltou-se para Remígio dizendo:

— Se lha pudesse pagar já... Ela é de?...

Mil e duzentos francos, respondeu o criado.

O banqueiro tirou da algibeira a chave do cofre forte e estendeu-a a Remígio, dizendo:

— Abra e pague a letra.

O jovem pega na chave e abre. Mas, em vez de pocurar o dinheiro, fica por um momento imóvel, estupefacto; depois revistando nas caixinhas tira para fora com mão febril rolos e maços, põe-nos em cima da mesa, conta-os ràpidamente, e voltando-se para Rameau diz-lhe:

— Se o senhor não levou ontem nada deste cofre forte, cometeu-se um furto.

— Um furto! — repetiu o banqueiro arregalando os olhos.

— Um furto! — murmurou surdamente Adriano, tornando-se pálido como um cadáver.

— Observe a relação dos valores, faça favor..., porque, quanto a mim não necessito dessa verificação para me certificar do facto. Apenas abri, vi logo os papéis em desordem, e com um simples olhar notei que faltavam cinco rolos de luíses de ouro.

— Mas, disse Rameau inclinando-se para examinar a fechadura, não se descobre aqui a mínima abertura nem qualquer tentativa... o dinheiro falta, e o furto foi forçosamente cometido por pessoa que conhece muito bem a casa e não por um ladrão qualquer... Aqui tem de haver chave falsa.

— Uma chave falsa!... — ia replicando

Adriano — um furto cometido por alguém da casa... mas nesse caso somos todos suspeitos... O patrão julga-nos capazes... e no entanto a velha Margarida está há mais de trinta anos nesta casa.

— Essa santa criatura que nem ordenado quer receber e que constitue meu filho herdeiro daquilo que tem na terra?... Impossível.

— É Guilherme...

— A honra, a probidade em pessoa!

— A Josefina?

— Mais do que impossível!

— Decerto não se poderia suspeitar do jardineiro?

— Quem, o velho António? Nada no mundo há-de vir a manchar essa vida intemerata. António?... Não, não!

— Mas então, senhor patrão, já só falto eu.

— E eu acuso-te, por ventura? Porque te defendes?

— Ah! se desconfia de mim, — gritou o criado — julgam-me um malvado! mas essa não a posso admitir, é demais! é demais! Rebusquem, procurem nos quartos! Quando se pratica um furto, tem de se encontrar o ladrão.

— Sim, — disse o banqueiro — mas com o

menor escândalo possível. Talvez o desgraçado que cometeu esta falta tenha sido honesto e leal até ontem... Um só instante perdeu-o. Há-de indagar-se, temos de estar vigilantes... Não me quero precipitar. Cinco mil francos a menos não serão a minha ruína. O que me aborrece não é tanto a perda da quantia, como o lembrar-me de que alguém que tinha necessidade não mo confessou, porque teria assim evitado um delito...

— Mas Senhor, — disse Adriano — se não se procura...

— Já te disse que hei-de procurar, mas hei-de procurar eu sòzinho. Remígio, pague ao tal senhor as mil e duzentas liras.

Remígio pôs um rolo de luíses de ouro a um lado, e começava a contar o resto, quando se abriu a porta do estabelicimento. A mãe do jovem guarda-livros, Julieta Ciotat, entra sorridente e avança para o grupo formado por João Rameau, Remígio e Adriano. A boa senhora percebeu logo que o seu filho estava um pouco agitado, e por isso, depois de ter cumprimentado o senhor Rameau, disse alegremente a Remígio:

— Vamos, vamos! sossega; quando os filhos têm falta de ordem, as mães têm-na por duas. Mas para a outra vez presta atenção, porque pouco faltou para se perder. Ontem

mudaste de fato e o teu irmão encontro-a na sala... vi-lhe nas mãos uma chave que não é da nossa casa; lembrei-me de que precisarias dela e trouxe-ta.

— Que chave? — perguntou Remígio.

— Esta, — respondeu a viúva, colocando-a em cima da secretária.

O banqueiro pegou nela, mirou-a, tirou a outra que se encontrava na fechadura do cofre, comparou-as depois fazendo girar a segunda com a mesma facilidade da primeira, deitou a Remígio um olhar significativo e calou-se.

— Quer-me parecer — disse insolentemente Adriano— que esta chave podia muito bem ter servido ontem à noite para abrir o cofre...

Remígio, rugindo como um leão ferido, lançou-se sobre o Adriano, mas o banqueiro agarrou-o pelo braço, conservando sempre o olhar fixo nele.

— O ladrão está descoberto! — disse Adriano; agora respiro!...

— O ladrão? que ladrão? — perguntou Julieta.

— Ah! mas então a senhora Ciotat não sabe nada? Então oiça: o meu patrão havia notado que faltavam no cofre cinco mil francos; ora só quem estivesse bem prático na casa e tivesse uma chave falsa é que podia

praticar o furto... nem mais nem menos... nisto aparece a senhora a trazer ao seu filho uma chave do cofre que...

Uma chave do cofre!... cinco mil francos! que quer isto dizer?... Meu Deus! — exclamou Julieta juntando as mãos.

— Quer dizer, minha querida e santa mãe, que um imenso infortúnio está sem dúvida prestes a atingir-nos... e que fostes vós que inocentemente o fizestes cair sobre a minha cabeça.

— Mas então que fiz eu? —exclamou a desolada mulher.

— Senhora Ciotat, — respondeu Rameau, — eu de bom grado teria preferido perder uma soma dez vezes maior a que a senhora me fornecesse uma tal prova... Eu jamais suspeitaria de Remígio...

— Suspeitar de Remígo? Mas de quê então, senhor?

— É simples: de ter furtado os cinco mil francos... Foi a providência que veio em meu auxílio, porque já suspeitavam de mim.

— E o senhor acreditou... Oh senhor Remeau, isso é impossível! Remígio, o meu Remígio que há bem sete anos está ao seu serviço... que o senhor conhece quase tão bem como eu própria o conheço...

— Pobre senhora! tenho muita pena, mas

depois duma prova tão flagrante, não posso ter dúvidas sobre a culpabilidade deste desgraçado.

— Como! — gritou o jovem erguendo-se possuído da maior angústa, então nem sequer se concede o triste benefício da dúvida? Sete anos dum trabalho assíduo e inteligente, duma vida sempre honesta, e a proverbial lealdade da nossa pobre família, não lhe dizem nada a meu favor, mesmo quando uma extranha coincidência me acusa...

— Uma estranha coincidência! — murmurou o banqueiro.

— E que outra palavra quer o senhor que eu empregue para classificar o que me aconteceu? Esta chave encontrada nos meus bolsos prova então que fui eu? Não a ter eu visto primeiro! Quem foi o miserável que cometeu a infâmia de a pôr nos meus bolsos? E a minha mãe, a minha mãe traz-ma! Meu Deus, meu Deus! — gritava Remígio chorando — que mal fiz eu para ser castigado com uma punição tão cruel?

— Remígio, meu filho!... não chores assim. O Senhor há-de manifestar a tua inocência! — exclamou Julieta, sufocada também pelas lágrimas.

— Também eu o desejo — disse o banqueiro — mas no entanto...

— Então o senhor despede-se — perguntou Remígio desolado.

— Confesse, — disse rudemente Rameau — confesse, Remígio, e então verei...

— Confessar, eu... que roubei? Nunca, senhor, nunca! Estou inocente, juro-o.

— Tenho sido bom para si, — disse Rameau — e agora mostrar-me-ei justo mais uma vez: confesse a sua falta. Eu não direi nada, você vai-se embora; eu esquecerei o tê-lo estimado e até o tê-lo conhecido.

— Entrega o caso a Deus, meu pobre filho, — disse a amargurada mãe, apertando ao seio o filho.

— E à justiça — acrescentou o banqueiro com voz cortante como uma machada.

Naquela mesma tarde, Remígio Ciotat encontrava-se encarcerado na prisão celular de Cette.

A MÃE DO CONDENADO

Pobre Remígio! ele estava já condenado; em vão o patrão dele, o seu acusador, tinha declarado à justiça que desistia da queixa; o processo segura os seus trâmites; havia sido dado como culpado, tinha de ser punido.

No momento em que foi pronunciada a sentença, João Rameau apertou desesperadamente a testa; naquele gesto havia ao mesmo tempo desgosto e cólera, porque o coração nunca se prende impuramente, e quando sucede espezinharem-se os laços dum profundo afecto, o coração sofre e sangra. O negociante continuava a ser mais afeiçoado a Remígio do que se poderia supor, de modo que, quando ouviu as terríveis palavras: **Dez anos às galés**, abandonou a sala do julgamento como um homem moralmente aniquilado e desejaria nunca ter acusado Remígio.

Não era a perda do dinheiro que o confrangia, mas sim a dor vivíssima causada pela suposta ingratidão do seu protegido;

não, não podia sentir-se em paz. Ele, que não queria amar ninguém, ter amado aquele que ele julgava um miserável!... Mas no entanto, quando surgia na sua imaginação o lento martírio que iria consumar a vida de Remígio, ele ia repetindo consigo mesmo que aquele castigo era grande demais para um transviamento talvez impensado.

Quando o negociante atravessou a passos rápidos o corredor do tribunal para evitar de ver aquele lugar de dores e de angústias, viu num relance erguer-se diante dele uma mulher pálida, vestida de luto, com os olhos vermelhos de chorar, o rosto contraído numa dor desesperada. Segurava pela mão Paulino, o pequeno mudo, o qual, à vista dele, todo estremeceu. O banqueiro não tinha pensado na mãe, e quando deu por ela, não pode suportar-lhe o olhar e recuou.

— Senhor, — disse ela com voz firme e solene — o senhor roubou-me o filho e desonrou-mo! Deus sabe, sim, Deus sabe também como eu que Remígio está inocente; não, ele não é culpado do delito pelo qual foi condenado a dez anos de galés... Mas eu confio na Justiça divina, e há-de chegar o dia em que o verdadeiro culpado será descoberto!

Permita Deus que o senhor, que me amar-

fanhou o coração privando-me do mais velho dos meus filhos, não seja, por sua vez, castigado pelo seu próprio filho.

Julieta pôs a mão trémula sobre a cabeça de Paulino cujo olhar cintilante se fixou no banqueiro, e afastaram-se ambos. Aquela aparição foi para o banqueiro como que o séquito dum horrível sonho. As palavras da viúva ressoavam contìnuamente aos seus ouvidos.

Quantas vezes a justiça humana, pensava ele, se não tem enganado?... mas e aquela chave encontrada pela mãe?

João Rameau regressou a casa taciturno, com ares téctricos, e na maior parte dos dias conservava-se escondido como um delinquente.

Ao mesmo tempo em que o tribunal condenava Remígio às galés, alguém mais havia, além da mãe desolada, que repetia: Remígio Ciotat está inocente. Esse indivíduo era Honorato Rameau, o filho do banqueiro. Este conhecia o réu: era ele mesmo!

Privado dos ternos cuidados duma mãe afectuosa, como que repelido pelo pai, abandonado a si próprio e perseguido pelo pensamento de que ninguém o amava, logo procurou fora da família distracções que o arrastaram aos excessos mais desastrosos. De

má índole e retraído, afastava de si a verdadeira amizade, mas os falsos amigos corriam para ele. Quantos não são afinal os jovens que se acercam de homens que, como Honorato, dissipam e, quando calha, contraem dívidas sobre a herança paterna!

A verdadeira e franca alegria era desconhecida do coração de Honorato: mas os lupanares e as contínuas alegrias efémeras entonteciam-no. Irreflectido, despreocupado, apesar dos negócios da casa paterna, era feliz quando podia presidir a um festim, impor-se aos outros, humilhar alguém. Não havia quem o estimasse: havia sempre fel nas suas palavras, e se de boamente se prestava a ser convidado, não se dava o caso de prestar qualquer serviço. Dissipações e prazeres, eis o objecto da sua vida egoísta.

O seu orgulho, o seu egoísmo, tornavam-no odioso; mas há pessoas tão vis que aceitam a humilhação a troco dum prazer mundano; era dessa escumalha desprezível que sempre estava rodeado o filho de João Rameau.

Este pouco vigiava o filho, porque, vendo-o habitualmente tão triste, estava a uma distância infinita de pensar que ele se tivera deixado arrastar tão violentamente a uma vida de dissipação. João Rameau tê-lo-ia re-

primido com severidade, se tivesse tido conhecimento das suas desordens.

Honorato levava uma vida bastante triste, conquanto tivesse nascido para melhores destinos. Faltou-lhe a direcção dum coração afectuoso. Se ele tivesse podido estimar Remígio, a influência do novo guarda-livros ter-lhe-ia sido salutar. Aquele jovem puro, trabalhador, tê-lo-ia robustecido e reanimado; ter-lhe-ia feito saborear as alegrias da esperança, a satisfação do dever cumprido, o prazer do descanso após a fadiga; mas ele não viu em Remígio Ciotat outra coisa mais do que um rival, e receava que um dia o jovem guarda-livros pudesse vir a ter parte na casa Rameau, tanto e talvez mais do que ele! Línguas perversas tinham-lhe segredado aos ouvidos que o guarda-livros, por quem João Rameau nutria abertamente uma simpatia bastante grande, viria a ser, num futuro não muito distante, sócio da casa; ao passo que ele não era alvo da menor consideração; que metade do património paterno, hàbilmente usurpado mediante uma escritura de sociedade, passaria para as mãos do hábil e astuto empregado!

Não foi preciso mais para que Honorato, que nutria já um velho rancor contra o seu émulo no estudo, se sentisse mais ferozmente

excitado contra ele. Recordou-se dos rápidos progressos feitos por Remígio Ciotat nos estudos, a sua actividade, e em tudo isto nadas mais quis ver do que ambição.

Como ele não amava o pai não acreditava que os estranhos fossem capazes de alimentar gratidão. Remígio, que teria desejado atraí-lo para si, amá-lo como a um irmão, viu-se repelido com uma frieza glacial. Não desanimou por isso, e por mais duma vez tentou ainda prestar serviços ao filho do seu patrão, mas Honorato tratou-o com dureza e fez-lhe compreender que entre o filho do senhor Rameau e o seu empregado não podia haver nada de comum. Remígio tudo sofria em paz, virtuosamente refreando o legítimo ressentimento. Para ele Honorato era um doente necessitado de cuidados extremos e da maior vigilância, e não perdia a esperança de poder conseguir restabelecer finalmente a paz e o amor entre pai e filho.

Quando Remígio percebia que o banqueiro andava preocupado com Honorato, fazia o possível por tranquilizá-lo, por acalmá-lo, e embora Rameau não abrisse completamente o coração, não se melindrava pelo facto de outrem tentar adivinhar o que era que o fazia sofrer; por isso estava extremamente grato a Remígio pelo interesse que este ma-

nifestava quer pelo filho ingrato, quer por si.

Remígio não logrou realizar o seu nobre intento e enganou-se quanto ao golpe que havia de despedaçar o coração de bronze do pai e o coração insensível do filho.

Tivera indícios de que o rapaz saía de casa cedo e só regressava alta noite. A velha Margarida que o tinha visto nascer, mantinha absoluto silêncio. Ela amava-o, como tinha amado Luísa, amava-o cegamente. Honorato era para ela o filho da sua querida senhora; podia cometer qualquer falta, podia mostrar-se colérico, ingrato, mau para com a velha criada, que esta nem por isso o estimava menos. Por mais duma vez, ao voltar a casa já de manhã, depois duma orgia nocturna, pálido, cansado, com os bolsos vazios encontrou Margarida à espera dele, escondida à porta do jardim para encobrir o seu regresso tardio. Ela tinha sempre pronta uma desculpa para ele, inventava defesas e argumentos; se ao escovar os fatos de Honorato não encontrava dinheiro nas algibeiras, metia-lhes dentro parte das suas economias; e o Rameau nem tampouco duvidava de que o dinheiro por ele esbanjado de noite sobre a mesa do jogo era o fruto das economias feitas pela criada do seu pai.

Honorato, na sua vida ociosa e desordenada, nem procurou amar nem ser amado: e a sua natureza egoísta manifestou-se até nas suas paixões. Duas ele possuía: o vinho e o jogo; paixões brutais que excitam até à loucura. Quando estava exaltado pelos vapores dum vinho capitoso, agarrava nos dados ou nas cartas com frenesi e jogava toda a noite e muitas vezes até ser dia claro. Jogava até ao desespero; e quando perdia, enfurecia-se contra os vencedores, lançava por terra as cartas e queria outros jogos, ferido na avareza e no orgulho. Quando ganhava, os olhos dele brilhavam à vista do ouro, amontoava-o diante de si, remexia-o com alegria febril, insultava os vencidos com insolência, sem se lembrar de que no dia seguinte os vencidos de hoje podiam tirar a desforra.

As ceias e a jogatina, repetidas todas as noites, custavam caro a Honorato! O pai dava-lhe todos os meses uma quantia avultada para os seus divertimentos; mas os gastos de Honorato tornavam-se de dia para dia mais dispendiosos, pelo que foi obrigado, ao fim de pouco tempo, a recorrer a empréstimos.

A facilidade com que contraiu os primeiros encorajou-o, e dentro em pouco encontrou-se nas garras dos usurários. Estes davam-lhe com um juro exorbitante os luíses

de ouro que ele arriscava sobre o pano verde todas as noites. Por espaço de dois anos, a bolsa dos judeus abriu-se ao prodígio; mas depois fechou-se, porque ele os assediava sem interrupção, e eles pensaram que um filho menor, muito embora ele fosse um Rameau, não apresentava as necessárias garantias.

Uma noite, instigado pelo demónio do jogo e perseguido pela má fortuna, obstinou-se em jogar. Perdia, perdia sempre; não importa! Esvaziada a bolsa, jogou sobre a sua palavra! até essa altura tinha mantido um certo respeito por si mesmo. Agora já não raciocinava; queria a todo o custo desforrar-se, comprometendo-se a satisfazer seu débito no dia seguinte, e a perda elevou-se bem a cinco mil francos!

A quantia era enorme, e voltou para casa muito agitado.

Como de costume, lá estava a velha Margarida à espera dele; ao vê-lo assim tão alterado, tão acabrunhado, com os olhos esbugalhados e o fato em desalinho, sentiu um arrepio a percorrer-lhe os ossos, e aproximando-se dele com voz humilde e carinhosa exclamou:

— Jesus, meu Deus! o que lhe fizeram para se encontrar nesse estado?

Em vez de se sentir comovido com as ternas palavras de Margarida, explodiu num acesso de cólera, acusando a pobre mulher de espionagem; proibiu-lhe severamente que o esperasse, e disse-lhe que a partir daquele dia só o seu criado podia pensar em servi-lo!

— Ah! suspirou Margarida, meu jovem e querido patrão, não me restava outra consolação neste mundo senão servi-lo... Depois da morte de sua querida mãezinha, eu julgava ter o direito de o amar como se tratasse dum filho meu... O menino esconde uma dor que não pode revelar a seu pai... ora bem, o coração às vezes sugere às pessoas simples ideias...

— Deixa-me, Margarida! — gritou.

— O menino está zangado comigo e despede-me; pois há-de encontrar-me igualmente na noite que vem, porque o patrão de modo nenhum deve saber que o menino vem para casa tão tarde, ele de mim não desconfia.

— Margarida! — disse o nosso jovem com um suspiro de cansaço.

— A velha criada aproximou-se dele e perguntou:

— Que deseja?

— Tens tu?...

Honorato não se atreveu a concluir a frase; estivera mesmo para lhe perguntar:

«Tens tu cinco mil francos»?

A pobrezinha apenas possuía algumas — poucas — moedas de ouro; ela sentir-se-ia feliz em as sacrificar, mas o que eram uns tantos luíses para satisfazer a dívida de Honorato?

Ele não se foi deitar; lavou a cara com água fresca, mudou de fato e apenas tomou o pequeno almoço saiu decasa. Valia a pena ver aquele soberbo a andar batendo à porta de alguns amigos, a quem havia prestado qualquer serviço, mais por vaidade que por estima. Estava convencidíssimo de que encontraria a quantia necessária. Mas quem precisa de dinheiro emprestado mostra tal perturbação, revela um embaraço de tal ordem que, antes mesmo de dizer «O meu bom amigo podia emprestar-me por alguns dias apenas...», o caro amigo compreende logo que, se ele se mostra tão aflito, é porque se encontra em circunstâncias críticas. Honorato despedido por uns, embora com uma linguagem cerimoniosa como a significar amizade sincera, mal recebido por outros, viu-se à beira do abismo e perguntou aterrorizado a si mesmo por que processo poderia ele conseguir os cinco mil francos.

Voltou aos usurários, mas estes desculparam-se, lamentaram-se do facto de terem si-

do já demasiado condescendentes, disseram que o pai dele devia ser o seu único banqueiro e, como que para o consolarem, acrescentaram: Se o senhor fosse de maioridade!

Honorato regressou a casa com a cabeça em chamas. Era forçoso pagar, custasse o que custassse. Coisa estranha! ao passo que há quem não se julgue na obrigação de pagar uma dívida a um honrado negociante, é tomado à conta de miserável aquele que não paga no prazo de vinte e quatro horas uma dívida contraída no jogo.

Honorato ainda pensou em confessar tudo ao pai, mas o receio da sua indignação fê-lo tremer. Que admoestações não havia ele de lhe fazer? E depois, teria de se humilhar, de se curvar perante a sua vontade: tornar-se suspeito e ser condenado a um trabalho cotidiano, objecto duma constante vigilância. Honorato, que tinha sofrido a indiferença paterna, não se resignou a suportar-lhe a autoridade!

Tentou repelir a tentação, mas ela assaltava-o com uma insistência tal, que quis voltar para casa do pai, persuadido de que, ao menos ali, ela não o continuaria a perseguir.

Por desgraça, no decurso daquela luta terrível, deu de caras com o Adriano, que anda-

va à procura dele. Este, apenas o viu, disse-lhe:

— O seu pai mandou-me à sua procura por várias casas; ele não está tranquilo a respeito do seu caso.

— Eu sigo-te! — respondeu o jovem, sempre com as torturas de diabólica tentação.

— O senhor vai comigo? É então capaz de se livrar do embaraço? Li que deve cinco mil francos ao Anatólio. Esses cinco mil francos têm de encontrar-se...

— Onde? — perguntou maquinalmente

Ela esperava poder chegar a casa sem

Adriano inclinou-se para ele e segredou-lhe algumas palavras ao ouvido. O mesmo pensamento havia passado pela mente de ambos...

* * *

Julieta, depois de nobremente ter enfrentado o banqueiro, saiu do tribunal com o seu Paulinito pela mão e dirigiu-se para casa. Que súbita mudança na sua vida! Das outras vezes ela teria caminhado tranquilamente, desejando a toda a gente um amigável bom-dia, informando-se sobre a saúde dos doentes, entretendo-se com alguma amiga a falar do seu

Remígio, abraçando as crianças, beijando os pequeninos; agora a infeliz arrastava-se na sombra com a cabeça inclinada, evitando encontros.

A partir do instante em que Remígio fora condenado às galés, deixou de fazer parte daqueles que têm o direito de caminhar de fronte erguida no meio da sociedade.

Ela esperava poder chegar a casa sem encontrar ninguém conhecido; mas os curiosos, os maledicentes, todos os miseráveis que vivem do escândalo, tinham assistido ao julgamento, e apenas se pronunciou a sentença, formaram-se grupos e magotes nas proximidades do tribunal e nas ruas. Julieta era pouco lastimada, e a sua desgraça não suscitou a simpatia a que tinha direito.

Uns invejavam a sua vida agitada e tranquila; outros, muito atribulados com os filhos, não sabiam perdoar-lhes os belos dotes de um e a amabilidade do outro. Não por orgulho, mas por uma natural reserva, Julieta falava pouco com os vizinhos; as suas amigas eram poucas e escolhidas criteriosamente.

Por isso muitos se compraziam perversamente, ao verem a viúva tão duramente atingida; alguns que a lamentavam, indignavam-se contra o filho.

Tomado o caminho que a ia distanciando

do tribunal, ouviu exclamações de ferirem o coração, e acusações cruéis.

Primeiramente curvou a fronte, como que implorando perdão; mas o furacão popular era cada vez mais ruidoso, e ela arrastando consigo Paulino espantado, começou a correr para casa, a fim de se subtrair àquela delapidação moral.

O pequenito corria ao lado da mãe, segurando-se com as mãos ambas ao seu braço; o pequeno surdo-mudo não ouvia os clamores daquela canalha, mas vendo os olhares ferozes e os gestos ameaçadores, não sabia compreender a causa de tamanha injustiça por parte de gente beneficiada por sua mãe.

Um garotelho, pegando numa pedra, atirou-a ao pequenito que, ferido na testa, soltou um grito estridente. A mãe que se sentia desfalecer, fez um esforço supremo, levantou o pequenino nos braços e correu a fechar-se em casa.

O seu primeiro cuidado foi tratar do leve ferimento do filho, depois deitou-o na cama, sentou-se ao lado dele e assim ficou até o ver adormecer... e só então deu largas, livremente, ao seu pranto. A justiça havia-lhe tirado um dos filhos, e o povo, mais severo ainda do que a justiça, quisera arrebatar-lhe o outro!

Oh, que noite horrível se seguiu àquele horrível dia!

No dia seguinte, a pobre mulher saiu de casa sòzinha, já tarde, para se prover do necessário; receava que viesse a repetir-se a cena do dia anterior, e assim fez durante dois longos meses, prisioneira debaixo do próprio tecto, entretendo-se com Paulino a conversar sobre o irmão perdido e cobrindo de beijos e de lágrimas o rosto querido do mudozinho.

Ele compreendia-a; a ausência do Remígio depois da terrível cena do julgamento, permitia-lhe adivinhar um grande infortúnio, embora não conseguisse descobrir toda a sua intensidade. Não podendo fazer outra coisa, multiplicava as carícias para com a mãe; procurava consolá-la; e quando percebia que todos os seus esforços resultavam vãos, caia nos braços de Julieta e desatava a chorar.

Também ela chorava, a infeliz; e para acalmar a opressão do filho, esforçava-se por dissimular a própria inquietação.

Um dia porém Julieta quis sair pela manhã. Vestiu o Paulinito de preto, tomou-o pela mão, e caminhando pelas ruas mais ocultas, foi dar à estrada principal, sentou-se com o menino à beira dum valado, na atitude de quem espera. Os seus olhares tinham-se fixado na cidade. Finalmente, depois de

muito esperar, ouviu um ruído de carros e um galopar de cavalos cada vez mais nítido; depois gritos roucos e confusos. Pôs-se em pé, afastou-se daquele lugar e, pondo a mão sobre a testa, como para se afirmar melhor, pôs-se à escuta para se certificar de que se não enganava.

— Ah! exclamou, as forças vão-me faltando! nunca mais o poderei ver neste mundo!

Erguiam-se nuvens de poeira, o rumor dos carros tornava-se mais distinto; e pouco depois a aflita viúva avistou dois carros vermelhos sobre os quais, como rezes conduzidas ao matadouro, se empilhava muita gente gesticulando, chorando, amotinando-se e sacudindo cadeias de ferro.

Julieta interrogava com o olhar aqueles rostos alucinados, aquelas cabeças desgrenhadas, aquelas figuras lívidas... Descobriu encolhido a um canto um prisioneiro que ocultava o rosto sobre os joelhos apertados convulsivamente com os braços, e, à vista dele, a infeliz gritou numa voz arrepiante:

— Remígio! meu Remígio!

O condenado estremeceu, levantou a cabeça e, vendo a mãe e o Paulinito, estendeu para eles as mãos algemadas e soltou um grito.

Dali para diante, o caminho principiava a ser irregular, pelo que os cavalos abrandaram o passo. Apesar de endurecidos no vício, os companheiros de cárcere de Remígio Ciotat experimentaram um sentimento de piedade à vista da mãe desolada e do pobre órfãozinho; passaram logo a cantar em voz mais baixa e acabaram por se calar de todo.

Julieta aproximou-se do carro e ergueu o Paulino, para que o prisioneiro o pudesse abraçar.

— Minha mãe, disse Remígio, porque quis condenar-se a uma provação tão cruel?

— Pareceu-me que na tua desgraça terias necessidade de ouvir alguém dizer-te ainda: Tu estás inocente! Vim, meu pobre filho, para abençoar a tua fronte curvada, para apertar nas minhas mãos as tuas mãos algemadas.

— Ah! mas a mãe tira-me a coragem! — exclamou o condenado.

— Aumento-ta, meu filho. A coragem não consiste em sermos insensíveis. Tu choras, no entanto és forte, e forte continuarás, Remígio, porque a tua consciência e a tua mãe dão bom testemunho de ti. Não te deixes abater, Remígio! Deus conhece a tua inocência, e um dia... Virá talvez longe esse dia, mas não nos compete a nós perscrutar os de-

sígnios da Providência. Lembra-te, Remígio, de que não deves deixar-te matar pela dor, porque morrerias desonrado!...

— E vós entretanto, que fareis?... o que há-de ser de vós dois?

— Deus há-de inspirar-me, Deus há-de guiar-me, Deus há-de salvar-me! Oh! que dura viagem é a vida humana, Remígio! Quando eu te aninhava sobre os meus joelhos, jamais pensaria que havia de ver-te um dia com as mãos e os pés algemados, confundido com ladrões e com assassinos, levado nesse carro imundo!...

Julieta caminhava ao lado do carro e o Paulinito, seguro nos seus braços, tinha um braço a envolver o pescoço do irmão. A infeliz ia dando conselhos ao filho, entrecortados por lágrimas e soluços; de vez em quando, depois de ter dito ao seu Remígio que esperasse, ela mesma abanava a cabeça como quem não tinha esperança.

Ajoelhado sobre o banco do carro, Remígio inclinava-se para a mãe e para o irmãozinho. Ele gozava duma angustiosa felicidade à vista daqueles seres adorados, e quando os via mais abatidos, reanimava-se e procurava insuflar-lhes coragem. Os soldados que acompanhavam os condenados respeitavam aquelas dolorosas efusões, e um ou outro condenado, profundamente comovido, proferia em voz baixa palavras de compaixão e de remorso.

Quando mãe e filho se calavam, entre-olhavam-se, e as suas almas compreendiam-se e encontravam-se num único sentimento.

Atingido o alto da ladeira, o caminho era a descer, e os cavalos aceleravam o passo. Julieta pôs-se a correr para acompanhar ainda o filho; mas as forças minguaram-lhe, faltou-lhe a respiração, deixou ir a mão de Remígio, e os seus olhos toldaram-se...

— Adeus! adeus! gritou o condenado.

A mãe dele tentou um último esforço... Em vão!... Caiu de joelhos no chão, agitando os braços na direcção do carro que se afastava a galope.

Viu, uma última vez, Remígio estender para ela as mãos algemadas; depois sentiu um estrépito na cabeça, as faces empalideceram-lhe, as pernas vergaram, e perdeu os sentidos.

O Paulinito supô-la morta. Quem pode dizer a ansiedade e o desespero do surdo-mudo? Inclinado sobre o corpo imóvel da mãe, cobria-lhe a face de beijos; depois tentava levantá-la. Baldados esforços! A palidez da morte alastrava sobre aquela fronte e a imobilidade paralizava-lhe os membros. O Pau-

lino sentou-se no chão, de olhos pregados na mãe, para espreitar um hálito e à espera de que ela voltasse à vida.

Notou que havia necessidade de qualquer pessoa, mas era mister procurar, chamar; e onde? e quem? Ele não sabia onde estava; lançou um olhar em volta, para ver se cravava no espírito a lembrança do lugar e poder reconhecê-lo ao voltar ali, depois, certo de que tornaria a encontrar os três choupos e o grande carvalho, desatou a correr, procurando uma casa e afirmando a vista afim de tentar descobrir alguém que de longe viesse.

Percorrido porém um pedaço da estrada, sentiu que as forças lhe faltavam; e depois se a mãe se reanimasse e não o encontrasse ao seu lado? Se algum rebanho, vindo da Crau atravessasse aquele atalho?

Pensava em tornar para junto da mãe e esperar o socorro que Deus não nega aos infelizes, quando viu ao longe dois homens. O vê-los reanimou-lhes as forças. Corre, voa, chega ao pé deles; com gestos expressivos, as faces banhadas de lágrimas, num momento lhes faz compreender que não longe dali há necessidade do seu auxílio.

Os dois viandantes nem sequer se consultam um ao outro, e seguem o pequenito, o qual, de mãos postas, parecia bendizê-los pela sua bondade. Eles fazem-lhe perguntas, mas ele não pode responder. Indica-lhes com a mão os três choupos, continua a correr, e os dois desconhecidos descobrem finalmente uma mulher estendida por terra. Julieta não dava sinal algum de vida.

Um dos indivíduos vai à procura duma pouca de água para chapinhar as fontes da pobre mulher, a qual abre os olhos, reconhece o Paulinito, aperta-o de encontro ao seio com a maior ternura e fica debulhada em lágrimas.

— A senhora não pode andar, — disse-lhe o mais novo dos dois desconhecidos; — mas nós vamos procurar uma cabana ou uma casa e há-de encontrar hospitalidade.

Uma hora depois, Julieta descansava num quarto rés-do-chão duma pobre quinteira, e dois desconhecidos estavam a seu lado. O que estava à cabeceira trazia um fato azul remendado; o outro estava vestido à maneira oriental. O Paulininho, atraído pela riqueza das sedas e dos bordados, pela originalidade das armas, sentou-se sobre os joelhos deste último e em breve adormeceu tranquilamente. Neste meio tempo, Julieta entretinha-se com o mais pobre dos dois desconhecidos.

— Não se incomode, — dizia-lhe este compadecido; — vou deixar à criada o dinheiro

suficiente para a senhora se abastecer do necessário. Fique aqui até se restabelecerem as suas forças... Não chore mais; a senhora sofre: eu rezarei por si.

— Mas quem sois vós então? — perguntou a mãe do condenado, lançando um olhar de gratidão para o desconhecido; — vós proverdes às minhas necessidades? parece adivinhardes as dores que me dilaceram a alma; o tom da vossa voz reanima-me, e à vossa promessa de rezardes por mim, sinto-me renascer na esperança! Quem sois vós?...

— Sou um pobre escravo que regressa de Tunis, — respondeu humildemente o viandante.

O ESCRAVO DE TUNIS

Sete anos antes desta piedosa aventura, o desconhecido do fato roto e remendado encontrava-se a bordo dum veleiro que fazia serviço entre Marselha e Narbona. Uma comprida túnica de pano grosseiro descia-lhe até aos pés, envolvendo com largas pregas a sua pessoa grácil e um tanto curvada. Um chapéu de abas largas tornado russo pelo muito uso cobria-lhe a fronte calma e serena, e projectava um pouco de sombra sobre os olhos sorridentes duma inefável doçura. A pobreza deste sacerdote que pelo aspecto mostrava ter uns trinta anos, era verdadeiramente evangélica. Ao deixar o forte de Marselha, as suas mãos tinham distribuído generosas esmolas; largo para com os outros, tudo negava a si próprio. Os marinheiros do pequeno navio saudavam-no com veneração; ele entretinha-se com rara afabilidade. O nome do padre Vicente era sinónimo de abnegação e

de pobreza: as duas grandes virtudes do apóstolo.

O mar estava belo e o percurso devia ser rápido, mas não passou muito tempo sem o jovem sacerdote ter de observar sintomas de inquietação na tripulação do barco. Este havia então tomado ao largo.

Todos estavam calados, todos observavam a distância a manobra combinada dos três navios. O padre Vicente voltou-se para o capitão a perguntar o motivo de agitação tamanha, ao que este respondeu lacònicamente:

— Bergantins africanos! mau encontro!

— Está certo de que eles nos assaltarão?

— Vou dispor tudo para a defesa.

Estavam apenas doze homens a bordo do barquito. A pequena peça de artilharia quase se tornava inútil, tratando-se de lutar contra três navios armados em condições para fazerem pirataria. Mas o capitão era valoroso. Ordenou que trouxessem as armas para a coberta do navio, destinou a cada um dos seus homens o seu lugar, guardou para si o mais perigoso, resolvido a defender a bandeira da flor-de-liz, e depois de tudo estar preparado, apresentou-se ao sacerdote e disse-lhe:

— Senhor padre, a confirmarem-se os meus pressentimentos, vai suceder em breve uma cena terrível; peço-lhe o favor de descer à minha cabine; reze por nós.

— Não, senhor, — respondeu o padre — eu de forma nenhuma descerei; o lugar do combate é o meu posto, como é o vosso... Correrá sangue, haverá feridos a socorrer, moribundos a reconciliar com Deus...

O capitão não insistiu.

Os três bergantins indicados avançavam com as velas pandas. Um estava disposto a interceptar a carreira ao pequeno navio francês; os outros dois manobravam para a apanhar pelos flancos; um a bordo, outro a estibordo. A luta podia ser encarniçada, mas o resultado não oferecia dúvidas. O capitão, disposto a bater-se desesperadamente, sabia que não havia salvação para eles. Os marinheiros e o piloto pressentiam-no igualmente, mas nenhum daqueles homens pensou, por um instante sequer, em deixar a sua bandeira e pôr-se à mercê dos corsários.

Os navios navegavam a todo o pano, e em breve o barco francês se encontrou atenazado pelas suas mordeduras. Depois de terem arremessado algumas balas que danificaram gravemente o costado do barco, os três bergantins lançaram os seus arpões de aborda-

gem, e foi então que principiou a luta terrível, encarniçada.

Os piratas tunisianos serviam-se ao mesmo tempo de frechas e de dardos; os marinheiros franceses tinham o mosquete e o machado. Batiam-se dez contra um, e no entanto cada marinheiro ia fazendo perder tempo àqueles selvagens adversários. Multiplicavam-se constantemente os prodígios de valor, os marinheiros disputavam palmo a palmo a carcassa do navio e faziam-lhes pagar cara a sua vida; uns defendiam a bandeira, outros com os seus corpos serviam de escudo ao capitão e ao jovem sacerdote que permanecia na refrega a fim de prestar socorros aos feridos. Ferido ele próprio com uma frecha, ajoelhado ao pé dum agonizante, ouvia-lhe a última confissão, sem querer saber dos seus próprios sofrimentos. Três marinheiros sucumbem; os outros, todos cobertos de feridas, agruparam-se à proa, donde têm dizimado os corsários. Pouparam o piloto, dada a necessidade que tinham de bordejar sem perigo as costas de Africa. A ponte do pequeno navio apresentava um espectáculo impressionante. No meio de alguns homens sujos de sangue, mutilados, o padre Vicente lembrava um anjo consolador. Lavava as chagas deste, confortava aquele, rezando e

chorando quando não tinha que fazer senão chorar e rezar. Os próprios corsários contemplavam-no estupefactos. Eles não lhe impediam a sua missão de consolador e de médico, porque lhes convinha que os feridos fossem tratados e curados. O padre Vicente fazia tudo a todos. Os três marinheiros mortos na refrega foram sepultados por ele; ajoelhado na borda do navio, abençoou os seus restos mortais, e entretanto os cadáveres eram lançados ao mar; depois, confiando na infinita misericórdia de Deus, voltou para junto daqueles que Deus condenava a viver. Os desgraçados não se iludiam sobre a sorte que lhes estava reservada.

Os corsários vendê-los-iam como escravos, e jamais eles poderiam reaver a sua liberdade? Os infelizes prisioneiros soltavam gritos dilacerantes, desesperados; um pedia compaixão para os filhinhos, outro chorava a sorte da mulher, outro recordava a mãe, todos enfim deploravam amargamente a perdida liberdade! Um facto horrível de que foram testemunhas fora o bastante para lhes dar a conhecer o que podiam esperar dos piratas. O piloto ao qual tinham poupado a vida na esperança de isso lhes trazer vantagem, como se recusasse a indicar-lhes o caminho a seguir, foi ligado à base do mastro

do navio e lentamente martirizado com frechas. Esta cruel tortura aumentou a angústia dos feridos; para cúmulo de ignomínias, foram carregados de cadeias e lançados no fundo da estiva dum dos bergantins.

O pequeno barco, que, fortemente avariado pelos dardos inimigos, se afundava lentamente, foi abandonado depois de o despojarem.

Os prisioneiros, a quem faltava ar e quase que alimento, empilhados num espaço demasiado estreito, torturados pelos cepos e cadeias que de vez em quando lhes reabriam as chagas mal cicatrizadas, não tinham outro alívio na sua imensa desdita senão o padre Vicente. Ele não descansava um só momento, podendo quase dizer-se que o seu sustento era a caridade. Os feridos que não podiam pregar olho viam-no ajoelhado a um canto da estiva.

Sete ou oito dias depois de rápida corrida, os bergantins separavam-se. O que transportava os prisioneiros dirigiu-se para Tunis.

Os corsários tinham obrigação de indicar, ao chegarem a um porto bárbaro, a que nação pertencia o barco aprisionado. A cidade de Marselha tinha prestado grandes serviços aos diversos reinos de Marrocos, de Tu-

nis, às cidades de Tripoli, de Danieta e havia recebido como recompensa isenções demasiadas para que corsários ousassem confessar que os prisioneiros eram franceses e que o barco provinha da enseada de Marselha. O cônsul francês em Tunis reclamara imediatamente os prisioneiros, mas o capitão do bergantim, para não perder a presa, declarou que o barco aprisionado e metido a pique arvorava a bandeira espanhola.

A partir deste momento pôde dispor a seu bel-prazer dos prisioneiros. Estes, tirados do bergantim, foram conduzidos através das ruas da cidade por entre uma populaça curiosa e cruel. Nem a desdita deles nem as suas feridas comoviam quem quer que fosse.

Eram cães de cristãos! e este epíteto dizia tudo. À sua passagem recebiam insultos impiedosos, e vinham anunciar-lhes, com alegria atroz, as torturas da escravidão.

Os homens que os conduziam, já para saciarem a própria ferocidade, já para satisfazer a multidão, faziam de vez em quando assobiar os azorragues e as correias de couro sobre os ombros amachucados dos pobres prisioneiros, produzindo neles sulcos sangrentos. Quando, vencidos pela dor, os companheiros de Vicente deixavam escapar al-

gum lamento, o jovem sacerdote, com um olhar eloquente, falava-lhes do Céu, para que depositassem lá no alto as suas esperanças contra a injustiça humana.

Vicente caminhava descalço pois dera os seus sapatos a um nobre grumete ferido num calcanhar por um golpe de sabre. A sua capa ia a cobrir os ombros chagados dum marinheiro; o seu chapéu protegia a testa do capitão onde agora aparecia bem visível uma larga cicatriz.

A serenidade da sua expressão mantinha-se inalterável.

Ele sustentava, não as próprias cadeias, mas as dos seus companheiros, a quem os anéis, apertados nos braços, faziam sofrer cruelmente. O feitio do seu traje escuro mostrava tratar-se dum padre católico, o que fazia com que ele fosse particularmente alvo de ultrajes e insultos; ferido na testa com uma pedra, procurou com o olhar o agressor e, erguendo a mão direita, abençoou-o!

Os prisioneiros foram levados para um vasto edifício construído com tijolos, e aí aplicados penços às feridas e eles tratados não como homens dignos de consideração e de piedade, mas como mercadoria desvalorizada pelas avarias sofridas.

O capitão dos corsários, tendo compreen-

dido a acção salutar que Vicente exercera sobre os seus companheiros, deixou-o com eles. Durante mais dum mês, Vicente foi o seu confidente, o seu confessor, o seu amigo.

Ele não lhes ocultava os futuros sofrimentos da escravidão, mas ao mesmo tempo, a uns deixava prever uma visita dos Irmãos da Misericórdia, que vinham muitas vezes com as mãos cheias de esmolas para resgate dos cristãos; a outros indicava uma generosa família que se cotizava para pagar um resgate; se viessem a falhar todas estas esperanças, então aguardava-os a recompensa do martírio.

A eloquência do padre Vicente dominava-os, e com palavras que brotavam do coração comovia o coração dos que o escutavam. A sua simplicidade elevava-se até ao sublime, os mais desesperados acalmavam-se com a sua voz, a todos enfim ele levava consolação.

Quando os infelizes prisioneiros vieram a saber que dentro em pouco iam ser postos à venda, o lembrarem-se de que tinham de deixar o padre Vicente foi para eles um castigo mais cruel do que a própria escravidão, e a última noite em que estiveram ainda todos reunidos foi uma noite angustiosa.

Ao romper da manhã, Vicente fez pela úl-

tima vez a oração em comum, abraçou os seus desventurados irmãos, e esperou. Pouco depois, apenas com o fito dum maior lucro, foram-lhes dados fatos e uma refeição suculenta, porque a caminhada devia ser-lhes muito fatigante.

A praça em que se vendiam os escravos estava repleta de gente. Os compradores gritavam, barafustavam; os curiosos faziam perguntas. Finalmente a voz tonitroante do pregoeiro dominou a vozearia confusa e ensurdecedora da multidão. O capitão foi comprado por um intérprete; o grumete caiu em poder dum mercador de jóias; os marinheiros foram comprados por patrões mais ou menos ricos; Vicente foi o último a ser vendido; era de aparência débil; comprou-o por pouco dinheiro um pescador.

O jovem sacerdote acompanhou Gurmi a uma miserável cabana; recebeu ordem de concertar as redes e à tarde teve de seguir com o seu patrão para a pesca.

Quando, sentado na barca, se achou em pleno mar, ele que tinha sido pastor e guardador de carneiros nas planícies da sua aldeia, experimentou uma sensação de desconhecida felicidade. Todas as divinas recordações do lago de Tiberíades e de Genezaré lhe

vieram à mente, e agradeceu a Deus o tê-lo feito pescador como a Pedro e a João.

A sua inexperiência nas manobras provocava-lhe, por parte de Gurmi, agressões tão brutais quão grosseiras eram as injúrias; mas a alma do escravo era tão rica de paciência, que a cólera de Gurmi quebrava-se de encontro à doçura dele, como as ondas furiosas do mar se extinguem sobre a areia da praia.

Vicente afeiçoou-se ao seu mister e enquanto que no princípio o exercia por obrigação, dali a pouco tempo já tinha estima por ele, porque a magnificência do mar, os esplendores do céu seduziram a sua alma contemplativa, e enquanto ajudava Gurmi a lançar as redes, a puxar carregamentos de peixes, a conduzir a barca, a manobrar as velas, acudiam-lhe à memória as palavras de David, os cânticos dos profetas, e exclamava em uníssono com eles:

«Ó Deus! o mar ergueu a sua voz, o mar levantou as águas e o seus grandes bramidos.

«São admiráveis os movimentos do mar, mais admirável o Senhor no alto dos céus.

«Senhor, meu Deus, como és grande na tua magnificência!

«Tu estendes os céus como um pavilhão:

as águas permanecem suspensas em volta do teu santuário, as nuvens são o teu carro, tu caminhas sobre asas dos ventos.

«Os furacões são os teus mensageiros e as chamas os teus ministros.

«Tu consolidaste a terra nos seus alicerces e os séculos não os abalarão.

«O abismo das águas envolvia-a como uma veste; as águas cobriam as montanhas.

«Ao som da tua voz elas foram abaladas».

Todavia as horas em que ele, sentado a governar o leme, se podia entregar em paz a piedosas reflexões, eram depois seguidas de provações múltiplas e difíceis. Se o espírito pairava sobre asas, o corpo sucumbia; o jovem sacerdote, vergado ao peso de tantas fadigas, sentia faltarem-lhe as forças. Vicente não se lamentava, não, mas entretanto a febre consumia-o, e em breve se apoderou dele um enorme cansaço.

Gurmi castigava-o, batia-lhe cruelmente, mas por fim teve de persuadir-se de que Vicente seria sempre incapaz de levantar pesos, de conduzir a barca durante a noite, e que dentro em pouco sucumbiria sob o peso das canastras cheias que tinha de levar ao mercado. Cansado de dar ordens a um homem que outra coisa não desejava senão cumprir o próprio dever mas cuja natureza

física mal secundava a sua coragem, Gurmi decidiu revender o escravo.

Ora pelas ruas de Tunis via-se então de vez em quando um ancião de barba branca e coberto de panos sórdidos; os garotos corriam atrás dele dirigindo-lhe gracejos. Chamava-se Ali-Moia, e os homens mais doutos, como aliás os mais ricos mercadores e proprietários de Tunis, saudavam-no com um misto de respeito e de temor supersticioso. Ali-Moia era um fanático sequaz do Islamismo, mas entretanto ocupava-se menos do Coração que de certos livros misteriosos por ele comprados a peso de ouro a um francês que dizia tê-los adquirido dos herdeiros de Nicolau Flamel. Este francês, natural de Nice, aventureiro, ousado, pronto para tudo até para o delito, contanto que alcançasse os seus objectivos, de tal modo dominou o espírito de Ali-Moia, que o muçulmano, depois de lhe ter feito traduzir a **Opus Majus**, publicada em 1270 por Rogério Bacon, prometeu-lhe deixá-lo herdeiro dos milhões que possuía se consentisse em se tornar seu mestre na ciência da alquímia e seu auxiliar na investigação.

O francês a princípio aceitou com entusiasmo; mas em breve se convenceu de que, em vez dum discípulo, encontrasse um faná-

tico. Os milhões podiam andar fumegando no crisol; Ali-Moia, inclinado toda a noite sobre pequenos fornos não podia prescindir dele.

Bernardo de Nice, que adoptara o nome de Ahmed ao apostatar da religião dos seus pais, não tardou a persuadir-se de que o seu patrão não passava dum tirano e que em breve se transformaria num carniceiro. A paixão da alquímia é sem dúvida uma das que têm produzido maior estrago no cérebro de homens entregues a estudos incessantes.

Numa noite Ahmed fugiu da casa de Ali--Moia, levando consigo os sacos de sequins pagos pela cópia do manuscrito da **Opus Majus.**

Tendo ficado sòzinho em casa, da qual expulsara os amigos e despedira os criados, como outros tantos espiões, Ali-Moia continuou os seus estudos com encarniçamento febril; mas não tardou a convencer-se de que o trabalho a que se dedicava não caminhava tão ràpidamente como ele teria desejado, e julgou indispensável procurar alguém que o ajudasse. Enquanto preparava as misturas de longa vida e os elementos primitivos do ar, precisava dum escravo, um ajudante qualquer que ateasse o lume dos pequenos fornos. Bastar-lhe-ia uma máquina, por assim

dizer, um engenho qualquer. Passava casualmente Ali-Moia pela praça do mercado, quando viu Gurmi, que conduzia preso por uma corda o padre Vicente, de quem se queria ver livre a todo o custo, a fim de o substituir por um criado mais robusto.

Ali-Moia, que tinha suportado o predomínio de Ahmed o Renegado, teve logo a ideia de comprar este escravo. O trabalho necessário no seu laboratório não excederia as forças de Vicente. O pensamento de ser servido por um francês, talvez com bastante capacidade, apoderou-se de Ali-Moia. Os homens de França eram tidos em grande consideração, e a fisionomia inteligente do escravo impressionou vivamente o alquimista tunesino.

O negócio concluiu-se em poucos minutos. O rico proprietário fêz sinal ao pobre pescador para que se aproximasse; caiu logo a corda que segurava Vicente pelo braço, e este seguiu o seu novo patrão, sem pensar se a sua nova situação iria ser melhor ou pior do que a primeira.

Era grande a diferença entre a cabana de Gurmi e a residência de Ali-Moia; mas no fundo a penúria era a mesma. Se alguma vez tinham sido ricos os fatos do alquimista, agora caíam aos pedaços como os andrajos

do pescador. Manchados de nódoas das essências, esburacados das queimaduras, rasgados por aqui e por ali, eles cobriam, quando muito, os membros escanzelados de Ali-Moia.

Interiormente, a casa apresentava os mesmos vestígios de incúria. Os móveis eram de madeira preciosa e de tecidos de brocado de grande preço, mas a poeira envolvia-os e sujava-os; as paredes artìsticamente pintadas, os ricos dourados estavam enegrecidos pelo fumo e pelas exalações dos crisóis.

A peso de ouro e por intermédio da Ahmed, o Renegado, o fanático alquimista mandara vir de França tudo o que então se considerava necessário num gabinete de alquimista. Uma grande cadeira de braços de madeira lavrada estava colocada diante duma mesa, sobre a qual se empilhavam desordenadamente manuscritos preciosos, crânios, compassos, vasos no fundo dos quais tremulavam folhas de ouro. Em redor do compartimento oscilavam esqueletos humanos, crocodilos secos, corujas e uma lâmpada de ferro com bicos extravagantes.

Em toda a volta da sala e colocados sobre prateleiras, as retortes, os alambiques, as garrafinhas erguiam os seus pescoços alonga-

dos em forma de serpentes e torcidos em espiral os barrigudos vasos cristalinos; estavam classificados com rótulos como sendo minerais e pós dotados dum poder oculto, plantas secas, cultivadas em épocas determinadas; amontoados uns sobre os outros, todos marcados com seu sinal, os livros herméticos e as páginas da Cabala.

Quando Vicente entrou naquela tão extranha sala, lembrou-se com pena da perdida cabana do pescador.

— Vês tu, — disse-lhe Ali-Moia apontando, — os vários símbolos dispostos ao longo das paredes, as folhas de pergaminho representando os sete planetas e formando os misteriosos cálculos da sua influência sobre os destinos dos homens? Neste quarto escuro está fechado o segredo que há-de renovar a face do mundo! Aqui dirijo os quatro elementos, e por meio deles a grande obra sairá em evoluções sucessivas. Poderei assim descobrir a própria alma do mundo!

«Sei já que o gelo oculto debaixo da terra durante dez séculos se transforma em cristal de rocha; que o chumbo é o metal elementar. O ouro não é um metal; o ouro é uma condensação da luz. Manete adivinhou-o; Zoroastro ensina-o; a alma do grande Tudo é o fogo; o fogo subterrâneo que escorre nas

vísceras da terra e forma ali os diamantes. Quando as correntes do fogo se entrechocam e quebram uma contra a outra no céu, produzem a luz nos seus pontos de intersecção da terra, geram uma luz que, apertada e concentrada, produz o ouro; tudo se pode transformar em ouro.

«A luz é de ouro puro. Trata-se apenas de descobrir o segredo da condensação do raio luminoso. E eu estou já a caminho. Averroes encontrou o meio de fazer passar um raio de sol por debaixo duma coluna da célebre mesquita de Córdova.

Mas não exigimos menos de oito mil anos para nos assegurarmos do êxito feliz da empresa...

E depois duma breve pausa, Ali-Moia quase extático, acrescentou:

— Estarei eu ainda no mundo daqui a oito mil anos?...

— «O homem nascido da mulher vive pouco tempo — respondeu Vicente».

— Muito bem, — respondeu Ali-Moia, a quem agradou esta breve e sentenciosa palavra — mas há, entre os seres nascidos da mulher, homens que, desprezando a matéria em proveito da alma, encontram o segredo de prolongarem a duração da sua existência mortal.

— A alma é imortal — disse Vicente. — Criada por Deus, ela aspira ao dia em que lhe será dado voltar para ele. Para quê desejar o prolongamento do seu auxílio?

— A ciência também é imortal — respondeu como que ao despique o muçulmano.

— Eu sei, — disse Vicente — onde se encontra «uma coisa mais preciosa do que as pérolas, que nem todas as pedras preciosas igualam».

Ali-Moia avançou para ele e disse:

— Eu já o tinha adivinhado; tu conheces mais mistérios do que o próprio Ahmed! Os génios bons conduziram-te até mim! Eu não te proíbo que saibas aquilo que eu ignoro; põe apenas a tua boa vontade em me ajudares nos meus estudos, e ninguém em Tunis será igual a ti nas riquezas e nas honras!

— Tendes razão — acrescentou Vicente com um sorriso cheio de doçura. — «Tendes os meus ensinamentos em maior apreço do que a prata, e preferis a minha ciência ao ouro mais puro... os meus dons valem mais que a safira... eu descubro àqueles que me amam bens verdadeiros para encherem os seus tesouros».

Esta mística linguagem convenceu Ali-Moia mais que todas as promessas. Seutiu-se atraído para o escravo com um sentimento quase

de respeito. Ali-Moia não ousava interrogá--lo! Quando lhe dava ordens, fazia-o pedindo-lhe desculpa, por assim dizer, de o ocupar em coisas tão humildes, enquanto ele abrangia os pontos mais opostos e tocava os mais altos cumes da ciência hermética!

Vicente valia-se da confiança que inspirava ao alquimista para se entreter com ele a falar sobre filosofia cristã; sem assumir atitudes de mestre mas apenas com insinuante doçura, ia-o iniciando nos mistérios duma ciência bem mais preciosa do que a das transformações químicas.

Ali-Moia porém não era menos dedicado à alquimia do que ao islamismo. Ele julgaria uma vitória não menor o fazer com que o seu escravo abjurasse, do que encontrar a pedra filosofal. De resto, ele estava convencido de que um cristão jamais desvendaria o segredo da Cabala a um observador do Corão. O sequaz de Maomé e o sacerdote católico, por diversas vezes puseram de parte as pesquisas de Zoroastro, para se ocuparem de questões religiosas.

Ali-Moia serviu-se de todos os meios de sedução para atrair o jovem sacerdote à sua doutrina. Prometeu dar-lhe imediatamente metade da sua fortuna e deixar-lhe o resto depois da morte; verdade seja que ele contava viver muitos séculos! Como a inteligência e a ternura de Vicente o encantavam, ele apelou para o seu coração. Mas quando fatigado após um discurso cheio de promessas, ele esperava ver o fruto da sua eloquência, o sacerdote respondia:

— Para que ofereceis vós as riquezas deste mundo a quem desposou a pobreza? Esperais vós seduzir-me prometendo iniciar--me numa ciência falsa atrás da qual se corre em vão há tantos séculos? Eu conheço a única coisa necessária... As promessas do meu Deus são tais, que as magnificências de todos os reis da terra não poderão igualá-las... e para eu me tornar digno de as conseguir não me é necessário empreender grandes e difíceis obras nem de me tornar célebre entre os homens; posso conseguir o meu fim na minha humilde condição de servo, e escravo, se for a vontade de Deus que eu morra nesta situação.

Se Ali-Moia, experimentando abalar a fé de Vicente, nada ganhava sobre o espírito do mesmo, tampouco perdia na obediência que Vicente lhe devia como servo. O jovem e santo sacerdote, embora deplorasse ver dissipados nos cadinhos matérias de tanto valor, suficientes para o resgate de muitos infelizes cristãos, era sempre assíduo no de-

sempenho dos seus deveres, preparando as misturas, ateando os fornos, vigiando as retortas.

Ali-Moia consumia-se no fogo ardente dos cadinhos; perdia o sono, as suas pesquisas para descobrir o elixir da vida não chegavam senão a resultados negativos, e então ficava desesperado. Sentia extinguirem-se-lhe as forças; o cérebro martelava-lhe no crânio; o sangue enfraquecido circulava-lhe com dificuldade nas veias; tremia sempre, e a mão já se não sustinha para mistururar nas proporções requeridas as substâncias e as infusões de plantas mágicas.

— Oh! a vida! a vida! — mumurava o desgraçado inclinando-se sobre a mesinha para tornar a ler a «Opus Majus» e procurar o segredo de prolongar indefinidamente a experiência.

— A vida! — disse-lhe uma noite Vicente — eu tenho o segredo dela. A verdade iluminar-me-á com os seus fulgores; eu sigo o caminho imortal. Os vossos minutos estão contados, Deus tem-nos nas mãos... É só ele abri-la e o vosso corpo voltará ao pó... e esse mesmo pó tornará a viver para ver o seu Redentor no último dia! quereis vós a água do baptismo, aquela gota do rio da vida eterna, capaz de extinguir as chamas? Ermete dis-

se a última palavra da sua ciência. E os simples discípulos do Evangelho possuem — só eles — a luz e a sabedoria.

— Não — disse o ancião — eu não a abandonarei a fé dos meus pais; virá o dia em que eu encontrarei...

Ali-Moia enfraquecia cada vez mais; já ninguém o via pelas ruas de Tunis. O escravo saía para o abastecer das coisas indispensáveis à vida, como puros metais, pós, essências necessárias. Uma bela manhã um jovem bateu à porta da casa do alquimista.

O escravo tinha saido; o velho levantou-se para ir abrir.

— Ben-Saouel — exclamou. E queria tornar a fechar a porta sem permitir ao visitante que entrasse em casa.

— O filho do teu irmão! — respondeu o jovem.

— Que vens fazer aqui? que queres de mim? — continuou Ali-Moia. — A tua mocidade tem decorrido no vício e, como sabes que estou adoentado, corres imediatamente, como os corvos que buscam os cadáveres... mas enganaram-te... eu não estou morto... eu não posso morrer... eu quero viver...

A ira sufocava o velho que caiu ofegante sobre uma cadeira.

— Venho pedir-te um cantinho nesta tua imensa casa e um bocado de pão.

— Nunca! nunca! Tu vens para me espiares, para surpreenderes o segredo da transmutação dos metais, para descobrires primeiro do que eu a pedra mágica... mas eu sou prudente, e os estudos de toda a minha vida não serão transmitidos em herança.

Ao regressar a casa, Vicente encontrou o seu patrão possuído duma febre ardente. O velho quis obrigar o escravo a expulsar — Ben-Saouel, mas o sacerdote de tal modo o tranquilizou relativamente aos seus segredos e prometeu-lhe vigiar tão cuidadosamente o pródigo sobrinho, que Ali-Moia não pensou mais no caso e, extenuado como estava, adormeceu na sua cadeira.

A meio da noite, como tivesse despertado, chamou Vicente que imediatamente acorreu.

— Há nove anos — disse-lhe o velho — que insisto numa terrível experiência... dentro duma hora eu conhecerei o resultado... preciso duma solidão absoluta... Vai, pega na esteira em cima da qual costumas dormir, e vai passar o resto da noite ao pé de Ben-Saouel.

Vicente obedeceu.

Passada uma hora acordaram sobressaltados com um espantoso ruído. Toda a parte da

casa do lado do laboratório do alquimista, caíra em ruínas! As labaredas erguiam-se em redemoinho, ameaçando devorar toda a casa. Ben-Saouel correu a pedir auxílio: o escravo precipitou-se para o meio dos destroços e das labaredas em busca de Ali-Moia para o livrar da morte; mas ao chegar ao gabinete do alquimista, apenas viu uma massa informe, quase carbonizada. O velho, ao tentar de novo a sua última experiência, havia caído com a cara em cima dos fornos; os vapores mefíticos tinham-no asfixado; na queda havia derramado uma ampola com uma matéria explosiva, a qual rebentou.

Pela manhã, um grande número de operários procurava desimpedir dos escombros a ala esquerda do pequeno edifício. Os zequins estavam reduzidos quase a cinzas, e o povo obstinou-se em acreditar e em repetir que Ali-Moia tinha descoberto a transmutação metálica. Ben-Saouel, tendo obtido a herança, vendeu o terreno e casa meio-arruinada de seu tio, depois mandou Vicente para o mercado dos escravos: naquela mesma tarde, Vicente tornou-se propriedade dum outro patrão.

Desta vez o patrão é um nosso conhecido: é Ahmed, o Renegado, o antigo ajudante e discípulo do alquimista muçulmano.

A QUINTA

O local onde habitava Ahmed ficava distante da cidade. A habitação coroava o planalto duma montanha nua, sem árvores, quase desprovida de fontes. Todos os ventos tórridos do deserto sopravam sobre esta colina deserta. As culturas dificilmente medravam, os produtos eram escassos...

Era necessário regar o solo arenoso com muitos suores, para se fazerem crescer as coisas indispensáveis à vida. A escassez da água duplicava a fadiga e as dificuldades. Para se conseguir dessedentar os rebanhos, tinham de obrigar-se a multiplicar longos percursos por veredas escaldantes e sob o chicotear dum sol de fogo.

Ahmed o Renegado havia tomado este latifúndio de aluguer a um príncipe tunesino. As enormes quantias por ele ganhas com o velho alquimista estavam extintas. Embora ele tivesse abjurado o catolicismo para agradar aos muçulmanos, estes, depois de lhe terem

pago a vileza, afastaram-no para longe com desprezo.

Os desertores, os espiões, os renegados recebiam o preço da infâmia, mas não mais têm direito à estima. Desprezado pelos maometanos, afugentado pelos cristãos, reduzido quase à pobreza, Ahmed aceitou aquele arrendamento como uma inesperada fortuna.

O resto do dinheiro que tinha empregou-o na aquisição de utensílios de campo, de cavalos, dromedários, escravos, e partiu para a quinta, levando consigo uma donzelinha que ele tinha desposado segundo os ritos do Islamismo.

Aika era bela, meiga, tímida, quase medrosa, e temia o marido como se teme um patrão. O amor que ele sentia por ela levava-o a refrear a sua índole violenta; muitas vezes porém, quando o renegado se julgava só, Aika ouvia-o falar em voz alta; perecia defender-se duma acusação ou erguia a voz para amaldiçoar.

Uma dor estranha lhe dilacerava a alma; fazia ouvir gritos surdos, dando murros na cabeça; depois soltava uma risada sinistra, abria uma janela e tentava aspirar, se tal fosse possível, a calma da noite e fazê-la pene-

Aika supunha-o invadido por um espíri-

trar no seu espírito.

to mau. A sua ternura não andava isenta de temores. De vez em quando chorava na solidão, e pensava se nunca seria capaz de suavizar os secretos sofrimentos do seu esposo. Preparou pacotinhos de pós mágicos e pô-los nos fatos de Ahmed; recitava para ele versículos do Corão; escreveu frases, dotadas de superticioso poder, no cinto que ele usava; mas não obteve nenhum bom resultado.

À sua afeição faltava ousadia; se ela tivesse interrogado Ahmed, talvez o infeliz tivesse revelado a sua ferida; mas ela contentou-se com amá-lo em silêncio e em deplorar o seu mísero estado.

O amor de Ahmed tinha arremessos súbitos de paixão selvagem, e nessas ocasiões ele aterrorizava a trémula Aika; depois sucedia a apatia a estas rápidas agitações, durante as quais tentava baldadamente agarrar-se aos últimos restos de felicidade. A sua impotência impelia-o para a solidão e Aika chorava em silêncio, acusando-se a si mesma de não saber torná-lo feliz.

Como tivesse morrido um escravo na quinta, Ahmed dirigiu-se à cidade para comprar outro, e a escolha recaiu em Vicente.

O rosto pálido, externado, mumificado de Ali-Moia não era decerto para inspirar simpatia, mas o rosto de Ahmed era ainda mais

afugentador. O seu olhar vagueava sombrio sob espessas pestanas, tinha os lábios túmidos e escarninhos, e a testa sulcada de rugas precoces. Parecia recear que alguém adivinhasse a causa daquele seu horrível aspecto As suas palavras eram breves, as suas ordens duras. O sobrinho de Ali-Moia cedeu-lhe o pobre sacerdote por pouco dinheiro. Naquela mesma tarde Vicente deixava Tunis e caminhava a pé pelo áspero atalho da montanha, sobre cuja esplanada se avistavam os brancos terraços da habitação.

Destinou-se para o escravo agora comprado um cantinho numa vasta arrecadação onde dormiam os seus companheiros de trabalho.

Servir-lhe-ia de cama uma porção de folhas. Depois de ter retemperado o espírito e o coração na prece e rogando a Deus que tornasse útil a sua presença naquela casa, Vicente, prostrado pela fadiga, adormeceu.

Pouco depois acordaram-no alguns gemidos surdos; era o escravo que jazia ao seu lado, a lamentar-se. Vicente levanta-se, inclina-se para o infeliz e pergunta-lhe se precisa de socorro.

— Preciso de morrer!... — responde o escravo.

— Meu amigo, — respondeu Vicente, —

também eu sou propriedade dum patrão; as nossas desditas são as mesmas; ser-me-ia agradável consolar-te.

— Recebi ontem cem vergastadas... — replicou o escravo. — A febre devora-me, e falta-me a força para ir buscar a bilha, e fazem-me sofrer cruelmente.

— Como! — disse Vicente; — os teus companheiros deixaram-te nesse estado?

— E porque não? Dentro de dias, talvez amanhã, pela falta mais leve, incorrerão no mesmo castigo... e eu não me sentirei mais movido à piedade do que eles se sentiram.

Vicente olhou em volta; a lua iluminava o local; viu a bilha cheia de água e, com grande precaução para não acordar os outros, levou-a àquele infeliz.

Então, com a habilidade dum médico e a delicadeza duma mulher, lavou as feridas do escravo, enfaixou-as, ajudou-o a erguer-se sobre o seu catre abrasado, acomodou-o em cima das folhas frescas e limpas que lhe tinham dado para descansar, e enquanto Turieli balbuciava palavras de agradecimento, Vicente falava-lhe em voz baixa, aproximando o seu coração da cabeça do enfermo. Naquela primeira noite passada na quinta, Vicente mal tinha experimentado uma hora de repouso, mas havia conquistado um amigo.

Ao fim de pouco tempo, Vicente não era apenas o escravo de Ahmed, mas tornou-se também o servo dos seus companheiros, pois a sua bondade estendia-se a todos. Se algum estava muito cansado para ir dar de beber aos camelos, Vicente desempenhava-se dessa obrigação.

O mais novo, o mais insubmisso dos negros daquela triste morada, furtara alguns frutos, e Vicente aproveitou a ausência do mesmo para atribuir as culpas a si. Quando o ladrão entrou e soube o que havia acontecido, quis revelar a verdade ao patrão; mas Vicente suplicou-lhe que não fizesse tal coisa, assegurando-lhe que fora bem feliz em ter sofrido o castigo por amor dele.

Durante os longos dias consagrados ao trabalho, Vicente, para elevar o seu pensamento e distanciá-lo da terra, entoava com voz angélica o «Salve-Regina!» A sua alma inflamava-se toda àquelas sagradas palavras; esquecia as suas dores, o seu exílio, não mais sentia o peso da dura provação.

Este cântico que ele, era ainda criança, costumava repetir na capela dos monges que o tinham instruído, transportava-o em espírito à igrejinha da aldeia de Pouy toda iluminada por velas, e parecia-lhe tornar a ver

— Não; qualquer outra pessoa ter-se-ia talvez servido disso para me arruinar. Tu, pelo contrário, tens procedido como uma pessoa relativamente delicada. Não só não pediste muito, mas recusaste até o que eu próprio te ofereci numa ocasião em que eu supunha te encontrasses em dificuldades.

Estou portanto convencido de que não terás qualquer dificuldade em me restituir um documento inútil; de resto, fica certo de que me hás-de encontrar sempre generoso. A minha situação é tal que me permite enriquecer-te duma vez só, e ofereço-te vinte mil francos pela ristituição do papel.

— Vinte mil francos! — repetiu Adriano estupefacto.

Honorato Rameau tirou dois saquinhos das amplas algibeiras do casaco.

— Aqui está a quantia, — disse ele mostrando os saquinhos. Abre um, e arrecada todos esses cartuchos de metal soante.

— Com uma quantia destas, como poderei eu tratar bem o pobre velho! — murmurou Adriano.

— Nem é preciso perguntar-te, suponho eu, se aceitas, — respondeu Honorato.

Dir-se-ia porém que o merceeiro hesitava. Nada lhe pedia desde há cinco anos, os seus lucros eram suficientes e tinha resolvido con-

tentar-se com eles. Mas a tentação era violenta; não vinha oferecer-lhe um auxílio, mas uma verdadeira fortuna.

Honorato pensou que aquela quantia fosse reputada insuficiente, pelo que insistiu:

— Repara bem, tu é que estabeleces a quantia a receber, visto eu notar que achas pouco o que te ofereci.

— Engana-se, senhor Honorato, — respondeu Adriano: — a quantia é enorme e eu aceito-a.

— Nesse caso, façamos a troca.

— Faremos, mas só pode ser daqui a dias.

Mas, então, porque essa demora?

— Porque o documento já não está nas minhas mãos.

— Desgraçado! — gritou Honorato, — e atreveste-te?...

— A pôr em segurança a garantia da minha fortuna; mas sem o comprometer a si de maneira nenhuma.

— És capaz de mo jurar?

— Pela vida de meu pai! e o senhor sabe que este juramento para mim é sagrado.

— Está bem; e então de quanto tempo precisas para reaver o documento?

— Apenas dois dias.

— Conto com isso...

Aika tristemente deliciada com esta lúgubre melodia rogou a Vicente que traduzisse as palavras do cântico da escravidão.

O escravo anuiu ao seu desejo, e narrou-lhe alguns episódios da história da tribo de Judá e de Israel.

A muçulmana voltou no dia seguinte ao campo, sentou-se à sombra da palmeira e interrogou Vicente acerca da sua família, das suas vicissitudes.

Ele contou resumidamente as primeiras peripécias da sua vida de pastorinho das Landes, do seu ingresso no convento dos Franciscanos, da sua vocação para o sacerdócio, da viagem a Marselha, do seu encontro com os piratas, da sua estadia em casa do alquimista.

Aika, que tanto sofria interiormente e que tinha necessidade de ser consolada, sentia aliviarem-se as suas penas, enquanto ouvia as palavras de Vicente. Interrogou-o sobre dogmas da religião cristã, e experimentava uma surpresa cheia de admiração por um culto baseado no sacrifício.

As puras regiões do catolicismo desvendavam-lhe novos e deliciosos horizontes. Pobre mulher! ligada, por imposição do pai, a um marido pelo qual não sentia no coração a mínima simpatia, nutria um sentimento de

admiração e uma santa inveja por uma religião que santificava o véu das virgens.

A imagem dum Deus crucificado pela salvação do mundo, duma filha dos homens, elevada às honras duma maternidade divina, enchia de ternura o coração de Aika. Ela não avdertia que já se estava afastando do culto dos seus avós; e parecia-lhe que desde a infância tinha unido as suas mãos diante do celestial grupo duma virgem mãe e duma criança divina.

Depois de, a pouco e pouco, lhe ter ministrado os ensinamentos da fé, Vicente explicou-lhe o «sermão da montanha» e a oração que Cristo ensinou aos seus discípulos. Então Aika sentiu-se possuída dum enorme desejo de ver realizados em si os ritos cristãos. Nã lhe parecia completa a sua instrução sem essa felicidade, e suplicou a Vicente que não lhe negasse tal consolação.

— Eu sei, — acrescentava Aika — o que seria da tua vida bem como da minha, se Ahmed te surpreendesse a celebrar e eu a assistir aos divinos mistérios; no entanto tu disseste-me que a tua suprema alegria seria morrer como o teu Deus... Pois então, para mim e para os escravos que fizeste teus discípulos, celebrarás uma noite o sacrifício cristão.

— Eu podia fazê-lo mesmo neste momento; mas os meus paramentos sagrados e o meu cálix consagrado foram-me roubados pelos corsários, e sem eles não posso.

— E poderias encontrar em Tunis tudo o que te é necessário?

— Talvez.

— Então aproveitemos a ausência de Ahmed; ele não estará de volta antes de passarem seis ou sete dias. Entretanto, eu dou-te com que te disfarçares e tu vais a Tunis procurar aquilo de que precisas.

No dia seguinte Vicente, disfarçado e acompanhado de dois escravos fiéis, descia a montanha e dirigia-se a Tunis. Errou durante muito tempo pelas ruas, fazendo frequentemente o sinal da cruz na fronte. Respondeu finalmente a este sinal uma pobre mulher, a quem pediu logo que lhe indicasse um sacerdote católico. Terminado o diálogo com ele e depois de ter saboreado por alguns momentos a alegria dum colóquio íntimo com um seu irmão no sacerdócio, apressou-se a regressar à quinta, já fornecido dos paramentos sagrados. Apenas avistou Aika, disse-lhe que o Senhor abençoara a sua viagem e que podia celebrar o sacrifício.

— E quando?

— Esta mesma noite. Sob os olhares de

Deus, sob o pavilhão do céu nós erguemos um altar em pleno campo... Então se abrirão os vossos olhos e, como os Magos, vós vereis a nova estrela, a estrela da salvação.

Naquela mesma noite, à hora em que a casa parecia mergulhada no mais profundo sono, ninguém dormia. Aika, rodeada pelas suas damas, esperava o sinal. Miríades de estrelas brilhavam na abóbada azul do céu, como nas noites mais esplêndidas do Oriente. Ouviu-se uma pancadinha na porta que dava para os aposentos de Aika, e logo ela, seguida pelas suas criadas, atravessou cautelosamente os compartimentos silenciosos, o jardim deserto, e dentro em pouco estava em campo descoberto.

A muçulmana apressava o passo, e no seu andar rápido e ligeiro manifestava curiosidade e alegria.

Mais adiante distinguiram-se no diáfano horizonte alguns grupos; luzes dispersas cintilavam sob a folhagem das árvores; o altar feito de terra e de pedras lembrava os das primeiras idades do mundo, e de cima das palmeiras pendiam, à maneira de pavilhões, os panos de seda mandados por Aika.

Os troncos nodosos das árvores formavam o piristilo daquele templo improvisado. Por detrás do altar, para complemento do qua-

dro campestre e bíblico, viam-se alguns dromedários agachados sobre a areia, assim como bois despertados inesperadamente do sono pela claridade não habitual; dois pares de rolas, perturbadas no seu repouso, faziam-se ouvir sobre as palmeiras, e dos vasos de mármore subia uma onda de fumo odorífero.

Vicente estava já revestido dos paramentos sagrados, e no rosto lembrava um serafim.

Através do denso véu Aika observava tudo; e não vendo outra coisa mais sobre o altar do que um cálix com um pouco de vinho e um bocadinho de pão em cima da patena, perguntava a si mesma qual seria a vítima do sacrifício.

As criadas de Aika e os outros escravos, companheiros de Vicente, estavam hirtos diante do altar, esperando com febril ansiedade. A um sinal do sacerdote, escravo ele também, todos ajoelharam, e o sacrifício cruento do Calvário renovava-se incruento sobre aquele altar campestre.

Nenhum deles comprendia o sentido das palavras que Vicente proferia. Viam-no, de vez em quando, voltar-se para eles com um olhar cheio de autoridade, inclinar-se sobre o altar, dobrar o joelho, erguer as mãos em atitude suplicante, apresentar a Deus a taça

de ouro, depois, como vergado ao peso do poder de que estava investido, cair de joelhos, aniquilado, mudo, perdido no êxtase da adoração. E quando ele, tomando de novo o pão transformado no Corpo de Cristo, se voltou para os assistentes, eles, sem compreenderem que força os dominava, cairam com a fronte no solo, absortos na mais profunda das adorações...

Um grito de raiva e de maldição agitou-os e fê-los porem-se de pé. Ahmed, de olhar sanguinário, com uma faca na mão, ébrio de satânico frenesi, tinha agarrado Aika pelo braço e prostara-a por terra.

Vicente, armado apenas do cálix sagrado, afastou-se do altar, calmo, imponente, com uma voz toda cheia da autoridade do sacerdócio, dirigiu-lhe a palavra e disse-lhe:

— Eis aqui o sangue de Deus que tu vendeste! eis aqui a carne do Cordeiro que tu mataste!...

Ahmed largou Aika e recuou aterrorizado.

— De joelhos! — prosseguiu Vicente, — de joelhos! Agora, aqui, perfilado diante de ti, há apenas o ministro de Deus, no qual não tocarás... amanhã, podes mandar açoitar o escravo.

Ahmed permanecia calado. O altivo pa-

trão da quinta tremia como varas verdes. A sua fronte inclinou-se até ao chão; dir-se-ia que invocava a terra para que o engolisse e, soltando gritos desesperados, fugiu pelos campos fora repetindo como um louco: Judas! Judas!...

Na noite precedente, Ahmed estivera dominado por uma crise tão dolorosa, que a vida lhe parecia um inferno. A respiração diminuía-lhe, e as lembranças do passado assediavam-lhe a alma como uma obsessão. Não queria confessar a si mesmo a razão de tamanha depressão, e procurava persuadir-se de que um mal físico o devorava; mas jamais conseguia convencer-se disso.

A sua consciência ofendida vingava-se e gritava no silêncio da noite. Os seus sonhos representavam-lhe imagens de renegados... diante dos seus olhos fechados aparecia a toda a hora um Crucifixo a sangrar... e as sete palavras pronunciadas do alto da cruz soavam-lhe aos ouvidos como uma condenação.

Outras vezes imaginava estar só, completamente só, perdido na imensidade dos mares... uma barca aparecia na névoa luminosa da manhã; por detrás dessa barca via uma figura magestosa estender a mão direita sobre as ondas para as acalmar... mas à medida que a barca fugia e que se fastava o se-

nhor das ondas, a tempestade redobrava em torno dele; montanhas de água tombavam bramindo sobre a sua cabeça; ele julgava-se tragado no mais profundo dos abismos; depois, desgarrado, procurava uma tábua, um destroço de navio, mas não via à superfície das águas senão uma cruz de madeira que ele não podia alcançar... Sentia que a sua salvação estava ali... Aqueles dois bocados de cedro preso um ao outro valiam mais do que um seguro navio; mas desesperando de se lhe poder agarrar, mergulhava de abismo em abismo, enquanto os rugidos da tempestade pareciam repetir: renegado! renegado!

Acordava sobressaltado, com a testa coberta de suor, a alma despedaçada, sentindo a necessidade de ouvir uma voz humana, de desabafar com gritos agudos uma dor que ninguém podia acalmar.

Saído dum destes terríveis sonhos, Ahmed, que em passadas rápidas media o quarto como um leão na jaula, parou súbitamente defronte duma janela que dava para o campo e avistou a distância o clarão das luzes.

Estupefacto, curioso, saiu precipitadamente e, devorando em poucos minutos o caminho, achou-se a alguns passos apenas do altar perante o qual estavam prostrados Aika e os escravos. Não se pode descrever o que se

passou na alma do renegado. Louco de cólera, teria querido aniquilar de pronto o sacerdote e os seus novos discípulos. Ao mesmo tempo em que a raiva o obcecava, uma intensa dor lhe rasgava a alma.

Ele havia renunciado às alegrias da oração, às sublimes humilhações da fé, aos inefáveis confortos da esperança, aos impulsos da caridade. Recebera trinta dinheiros como preço da sua alma, e esta alma via-a ele perdida sem recurso, sem que nenhuma expiação lhe pudesse restituir o esplendor da inocência.

Quando no seu escravo reconheceu um padre, quando viu Aika prostrada diante do altar, sentiu uma necesidade irresistível de derramar sangue... mas as palavras de Vicente refrearam-no; cedeu a uma autoridade contra a qual se sentia impotente, e ao fugir pareceu-lhe ver descer em rápido voo os angélicos vingadores que expulsaram Heliodoro do templo.

Toda a noite durou a sua corrida vertigiosa através dos campos arenosos; por mais duma vez, sentindo a goela em brasa, encostou os lábios à terra, para ver se encontrava um pouco de refrigério; mas logo tornava a levantar-se, por lhe parecer que tocava num

ardente braseiro, e assim recomeçava a corrida, até lhe faltarem as forças.

Por muito tempo vagueou através daqueles extensos terrenos. Entretanto, e casualmente, encontrou-se não longe da própria habitação. A manhã avançava, e Aika, que com o coração cheio de angústia percorria as dependências da casa e o jardim, aventurou-se a ir pelos campos em busca do marido, tendo-o encontrado finalmente sobre a terra, inerte, semi-morto.

Dirigu-lhei meigamente a palavra; mas não parecia ouvir; a pouco e pouco porém, o som daquela voz amada despertou-o e comunicou-lhe a princípio um tal ou qual alívio; mas depois a presença de Aika tornou-se um novo tormento para aquele infeliz.

Ele, que tanto tinha perseguido, que tanto tinha odiado, sentia uma necessidade imensa de ser amado por ela, tremia ao lembrar-se de que a descoberta do seu segredo e a recordação das espantosas violências da noite anterior a teriam afastado dele para sempre.

O olhar do renegado fixou-se com ansiedade sobre o pálido rosto da muçulmana.

Esta não o quis deixar possuído de tamanha aflição e, estendendo-lhe as mãos com ternura:

— Ahmed, Ahmed, — disse-lhe — que te

fiz eu para tu teres tão pouca confiança em mim?

— Ah! — respondeu ele com voz trémula, — Aika, tu tens o direito de me amaldiçoares: eu sou uma fera, sou um verdugo, conheces o segredo da minha vida... podes odiar-me pelas minhas faltas, podes desprezar-me. Vicente tem razão; eu vendi a minha fé e reneguei o meu Deus! Abandona-me, Aika, eu não me lamentarei... eu mereci esse horrível castigo... o mais tremendo que me podia atingir... Aika! Aika! o miserável renegado que cai aos teus pés, amou-te! amou-te muito, Aika!

— E tu queres que eu te abandone? que te abandone agora que sofres e tens necessidade de ser consolado? Oh, eu não conheço ainda perfeitamente a doutrina de Vicente, mas sei que o amor é uma virtude e uma felicidade; que o arrependimento é seguido do perdão, que a oração conforta, que as lágrimas purificam... E eu amo-te, Ahmed, e eu pedirei para ti misericórdia ao Deus de Vicente, e lhe suplicarei com lágrimas nos olhos que me escute e te console.

— Ah, tu és verdadeiramente digna de seres cristã! — exclamou o renegado contemplando-a ajoelhada ao lado dele, tão bela, tão

nobremente inspirada que parecia ter-se transfigurado.

— Agora que conheço o remédio para as tuas penas, não quero que continues a sofrer... Ao mesmo tempo em que tu te levantares da tua queda, eu me farei instruir na religião que ensina o nosso escravo. Nós receberemos o baptismo e a penitência juntos; e hás-de ser feliz, Ahmed.

Acabava ela de proferir estas palavras, quando Vicente se aproximou deles... Ahmed levanta-se, corre para o seu escravo, abraça-o com ternura, depois cai humildemente a seus pés. O sacerdote levanta-o e, feliz por ter vencido em nome de Cristo, só encontra no seu coração palavras de indulgência.

Ahmed quer restituir a liberdade a Vicente naquele mesmo instante; mas este recusa e pede tempo para completar a obra. A pequena colónia da quinta torna-se para ele uma frutuosa missão, e não se afastará do seu posto antes de ter atraído todas aquelas almas a Deus. Por outro lado, antes de abandonar Ahmed, ele deseja vê-lo enveredar por outro caminho; às grandes culpas é preciso opor públicas expiações. Ahmed sentia-se desejoso de dar provas do seu arrependimento com actos generosos. Era necessário decidir sobre o futuro da sua vida. Vicente interrogou-o,

sondou o coração de Aika, depois, após ter reflectido diante do Senhor, disse-lhes:

— Meus amigos, vós procurais a paz, vós pedis a paz... esta, o mundo não a pode dar; ela é o fruto da inocência e da solidão... Vós amaste-vos com as escassas forças da humana paixão... Quero que vos ameis ainda mais, que vos ameis para sempre... Mas eu farei com que aumente, eu transformarei de tal modo o vosso amor que ele se perca no próprio Deus.

Que o arrependimento purifique Bernardo, que a fé ilumine Aika... Um deve dar ao mundo o espectáculo da expiação em proporção com a gravidade da culpa; o outro, o exemplo duma vida pura e recolhida. O amor das riquezas instigou Bernardo a renegar o seu Deus, Bernardo far-se-á pobre e dedicar-se-á ao serviço dos pobres... Aika, que agora compreende como Cristo nobilitou a mulher, vai tornar-se companhia das virgens cristãs que povoam os mosteiros da Terra Santa...

Vou deixá-la na sua terra e vou confiar-lhe uma parte do apostolado... Conduzirei depois Bernardo a Roma; a mão do sumo Pontífice vai estender-se sobre a sua fronte culpada, e finalmente vai recolher-se no convento dos «Fate-bene-Fratelli...» (1)

(1) Irmãos Hospitalários ou de S. João de Deus

Passados dias, Ahmed restituía a liberdade aos seus escravos. As donzelas não quiseram abandonar Aika, e ficou assente que esta se afastaria da quinta com as suas companheiras, para se internarem num mosteiro de Belém.

Ahmed abjurou, depois, sem prevenir ninguém a respeito da sua partida, comprou um barco de pesca, verdadeira casca de noz que o menor pé de vento podia fazer tombar, dois pares de remos, algumas provisões e uma vela sobresselente. Uma noite, Ahmed e Vicente abandonaram o porto de Tunis e aventuraram-se, sem bússula nem instrumentos náuticos, por sobre o Mediterrâneo; o vento impeliu-os ràpidamente; quando a vela deixava de enfunar e caía ao longo do mastro, manejavam os remos. A sua esperança não foi vã: dias depois duma viagem marítima que foi um verdadeiro milagre, desembarcaram em Aigues-Mortes.

Ao regressar a França após sete anos de escravidão, Vicente experimentou uma comoção profunda; as lágrimas brotaram-lhe espontâneas e do seu coração elevou-se um grito de reconhecimento! Apertou as mãos de Bernardo que, arrependido e humilhado, conservava a cabeça inclinada, e ambos se encaminharam para a igreja mais próxima.

De Aigues-Mortes fizeram um longo percurso antes de chegarem a Cette, aonde Vicente prometera demorar-se um dia. Voltaram finalmente a Marselha, para embarcarem por sua vez para Roma, quando encontraram Julieta Ciotat e o pobre Paulino.

ROBIN GRIVOT

As galeras formavam uma espécie de recinto em volta da baía de Marselha.

Encontravam-se imóveis, tétricas, com os mastros silenciosos, ostentando hirtas as suas filas de remos. O que tornava lúgubre aquele espectáculo, não era tanto o pensamento de que os arruinados forçados podiam, num dia ou noutro, arriscar a vida numa batalha naval, como o facto de que as galeras serem outros tantos cárceres flutuantes, e os condenados sofrerem ali um lento e cruel suplício. Houve já quem pretendesse que este castigo é de origem romana; mas não passa duma afirmação gratuita.

Os Romanos dispensavam tamanha honra a tudo o que se relacionasse com o exército e com a marinha, que não era natural admitirem malfeitores para o desempenho duma missão que eles tanto consideravam. Alistavam-se marinheiros e remadores entre os «classirii milites e os socii navales». Queriam

heróis para lutarem contra a fortuna de Cartago e, desde o último dos marinheiros até ao supremo comandante, todos quantos combatiam por Roma deviam ser valentes e apreciados. Talvez os Atenienses não fizessem o caso tão difícil. No entanto, a opinião mais comum é que durante o Baixo Império foram empregados pela primeira vez os condenados como remadores nas galeras.

Foram chamados, em latim vulgar, «galearii,» o que equivale a «galeários» ou, mais correntemente, «condenados às galés». Primeiramente foram utilizados os escravos, substituídos mais tarde pelos condenados.

No tempo das Cruzadas, os franceses introduziram este novo termo e deram-lhe a mencionada aplicação. O condenado às «galés» e às «galeras», o homem algemado e que era constrangido ao manejo do remo, vem a ser o prisioneiro daquela época, o forçado, o escravo de galera.

Num antigo poema lêem-se estes versos:

«N'en istrout mès par terre ne par mer;
Bien le ferai à galies garder».

O primeiro edito real que se refere às galés é o de Carlos IX; proíbe ao parlamento condenar os delinquentes a uma pena de menos de dez anos de galera: «São indispen-

sáveis três anos para ensinar aos forçados o mister do remo, e seria um erro mandarem-se para casa, exactamente quando estão a ser úteis ao Estado». Mais tarde, um outro edito proíbe ao superintendente geral das galeras o licenciar os condenados, uma vez que eles não sejam de todo inábeis para continuarem na lida do mar.

Os infelizes eram obrigados a um regime duma severidade inaudita; infligiam-lhes castigos crudelíssimos por leves infracções ao regulamento de bordo. Se um carcereiro ou um guarda os acusava duma culpa qualquer, não lhes era permitido desculparem-se! Se a acusação era grave, aplicavam ao desgraçado a pena da tortura.

Uma primeira tentativa de evasão era punida com o corte duma orelha; se o réu reincidia, cortavam-lhe o nariz e era condenado por toda a vida. Se matava um companheiro de trabalho, era enforcado. O que se atrevesse a levantar as algemas para agredir um guarda, era condenado à roda. Fechados noite e dia num estreito corredor existente no porão, amarrados aos bancos (e eram vinte e seis no estreito espaço de trinta e cinco metros de superfície) apenas saíam para trabalhar.

A turma de cada galera compunha-se de

cento e oito forçados, vigiados por um carcereiro um segundo carcereiro e dez companheiros. Se algum ousava levantar a voz no porão ou estiva, os companheiros impunham silêncio aos condenados com uma cega distribuição de chicotadas.

A crueldade era arbitrária, sem fiscalização de qualquer espécie: a pobre vítima dependia inteiramente do companheiro; depois, nas batalhas navais, os forçados amarrados aos seus bancos eram dizimados pelas balas inimigas.

A única consolação que restava ao condenado era a de tomar parte nos trabalhos de utilidade pública; só então tornavam a ver o céu e respiravam livremente! Quando a peste grassava na cidade, eram coagidos a sepultar os cadáveres; se era preciso limpar o porto, trabalho ingrato e perigoso, lá estavam os galeotes para o fazer. Nunca lhes era permitido abraçarem os seus parentes nem terem notícias deles. Veremos seguidamente a que estado miserando tinha sido condenado o infeliz Remígio Ciotat.

A infortunada mãe do condenado, depois de ter, durante alguns anos, sofrido todas as dores do isolamento numa cidade em que não lhe eram poupadas a humilhação e o desprezo, decidiu retirar-se para Marselha. Ali mais

fàcilmente o surdo-mudo aprenderia um ofício, e talvez a pobrezinha pudesse ter, embora de longe em longe, a consolação de ver o filho mais velho.

A sua saúde estava gravemente abalada, desde a horrível desdita. O trabalho constante e obstinado a que teve de sujeitar-se para prover à própria sustentação e à do Paulinito, tinha-lhe enfraquecido as forças e a vista. Assediavam-lhe o espírito sinistros pressentimentos: a angustiada viúva receava morrer antes de tornar a ver o mais infeliz dos seus filhos! Quando ela manifestou ao pequenito a resolução tomada, este deu sinais duma alegria louca; saltou ao pescoço da mãe e naquele mesmo instante teria querido fazer um volume com a sua pouca roupa e afastar-se de Cette.

Os preparativos de Julieta não foram demorados. A pobrezinha vendeu a mobília, fez uma trouxa com a roupa branca e tomou um carro de aluguer. Julieta não conhecia Marselha. Apeou-se à porta da pensão aonde o cocheiro a tinha conduzido e alugou para si e para o pequeno mudo um quartinho no último andar.

Julieta tinha uma fisionomia tão modesta e agradável que o dono da pensão, Robin Grivot, nem sequer lhe perguntou se tinha

consigo os necessários documentos. A extensão da jornada havia-lhe quebrado totalmente as forças. Os solavancos do carro, o sol abrasador de Julho, a comoção que nela provocava a ideia de se encontrar na mesma cidade em que o seu Remígio era submetido sabia-se lá a quantos sofrimentos, tudo concorria para aumentar as preocupações e a aflição do seu coração de mãe.

Naquela noite Julieta sentiu-se atacada por ardentíssima febre, mas não se mexeu, para não acordar o Paulininho. Pela manhã, o pequeno, impaciente por visitar a cidade e por abraçar Remígio, levantou-se ao romper do dia, aproximou-se da cama da mãe para a despertar com um beijo, e achou-a com o rosto afogueado e banhado em suor. Tinha os lábios secos e encontrava-se já então num tal estado de abatimento que só com grande dificuldade conseguiu dar a entender que precisava de beber água. Paulino adivinhou a gravidade do mal e, aterrorizado, correu à cozinha em busca de qualquer coisa.

Mariquinhas, a criada, estava só, toda entretida a lavar os tijolos vermelhos do pavimento.

Perguntou bruscamente ao menino o que queria significar com aqueles seus gestos; mas apenas percebeu que o pobrezinho era

mudo, o qual puxando-lhe pelo avental queria obrigá-la a segui-lo, sentiu-se possuída de viva compaixão; tomando-o pela mão, subiu as escadas.

Chegada que foi junto do leito da enferma, logo compreendeu que era necessário ir chamar o médico.

— O patrão vem daqui a pouco, — disse a Mariquinhas, — e tenho de ter tudo em ordem, quando ele chegar. Como há-de isto ser? Já sei: este bom menino acaba de lavar a cozinha, e entretanto eu vou chamar o médico.

Tornou a descer as escadas, entregou o balde e a escova ao Paulinito, e correu a chamar um jovem médico das proximidades, o qual tratava os pobres com um verdadeiro espírito de caridade cristã. Ele acorreu imediatamente à cabeceira de Julieta, observou-a, ordenou-lhe repouso absoluto e passou uma receita que a Mariquinhas prometeu levar ao farmacêutico, e saiu com a promessa de que voltaria no dia seguinte.

Quando o patrão Robin regressou a casa, ficou primeiro surpreendido e depois impressionado ao ver o pequeno viajante da véspera, que com tanto jeito arranjava a cozinha e, chegando junto dele, disse-lhe:

— Então?! o meu menino está a praticar para criado de pensão, não é verdade? E é

que não vai nada mal; se precisar dum ajudante... Mas a propósito, onde está a Mariquinhas?

O pequeno mudo fez sinal de que ela tinha saído.

— Mas como! a esta hora?

Robin Grivot gostava de vinho, não detestava o alarido e tinha casa de hóspedes por vocação. Era serviçal, não exigia com demasiada prontidão o pagamento das garrafas esvaziadas, e às vezes acabava até por apagar a dívida dum freguês, se ele conseguia comovê-lo com uma narrativa digna de compaixão ou fazê-lo rir com uma cantiga alegre.

Depois de ter esperado um pedaço, como visse que a criada não aparecia, perdeu a paciência e fez-se de má catadura e ameaçador. Em face de tal atitude, o pequeno juntou as mãos para implorar piedade, dando a entender que a criada lhe estava prestando um grande serviço; depois, indicando a escada que ia dar ao quarto da mãe, descreveu-lhe com uma mímica cheia de energia os sofrimentos da doente.

O nosso Robin coçava a orelha com um certo ar que bem deixava entrever a sua inquietação.

Uma viajante chegada na tarde da véspera, pobre e doente, não era com certeza coisa

que desse grande lucro. Era forçoso conhecer a sua doença para a fazer transportar ao hospital, embora o seu estado não inspirasse receios.

Naquela altura em que ele subia as escadas, entrava a Mariquinhas com umas caixinhas nas mãos.

— Gira, — disse o hospedeiro em tom brusco — trata de trabalhar; eu levo isso à doente.

O pequeno mudo volveu para o dono da pensão um olhar com tal expressão de reconhecimento que o patrão Robin, voltando-se para a criada, acrescentou:

— Ó Mariquinhas, isto não é estar a ralhar contigo, tanto mais que o pequenito substituiu-te òptimamente.

O Paulino correu para a escada e Robin foi atrás dele.

Julieta já estava em cuidado pela prolongada ausência do filho, e quando o viu, ergueu-se, apesar da sua fraqueza, abriu os braços, ao que ele correspondeu precipitando-se para ela com tal ímpeto que o hospedeiro tremia pelo abalo produzido na saúde da pobre doente.

Ora! — disse — o carro não valia um pataco; com um mistral que sopra à quinze dias... isso é uma febre causada pela fadiga

da viagem... O doutor é esperto na sua arte: aqui estão os remédios que ele recitou... tem aqui um enfermeiro que vai assisti-la com carinho.

— As suas palavras delicadas dão-me coragem, senhor hospedeiro... Eu não sou rica mas sou uma mulher honesta e não há-de ter que se queixar de mim.

— Bom, bom, não falemos nisso!... O que a senhora tem é uma febrezinha... em todo o caso, beba o remédio do doutor... Os ares de Marselha são bons, a não ser este maldito mistral... Daqui a três dias está em pé.

— Deus queira! — murmurou a viúva.

O Paulino destapou as caixinhas, e caminhando nas pontas dos pés, foi para junto da cabeceira da mãe, compôs a almofada e enxugou-lhe a testa, coberta de suor.

— A senhora é feliz em ter um filho assim — disse Robin.

— Não, eu sou uma mãe infeliz, — respondeu a doente.

— Compreendo, pela doença do seu filhinho; mas ele é tão delicado, mostra tanta inteligência! faz-se compreender, como se falasse.

A pobrezita soltou um suspiro e penosamente disse:

— Eu tenho um outro filho.

— E está separado dele?

— Estamos perto... ele está em Marselha.

— Pode-se mandar avisar, se quiser.

— Avisá-lo! Ah! o senhor ainda não sabe como eu sou digna de dó... Remígio, o meu filho mais velho, está nas galés...

— Nas galés! — repetiu Robin recuando.

— Se tenho a coragem de lhe fazer esta confissão e de manifestar como o meu coração sofre, é porque tenho o direito de erguer a fronte e acrescentar que o meu filho está inocente! Ele não está sofrendo uma expiação, é um mártir.

— Às vezes a justiça engana-se, — disse Robin aproximando-se de novo do leito da doente — e a senhora, tenho a certeza, educou-o bem demais para ele vir a ser um malvado. Pobre criatura, a senhora faz-me uma confidência de que eu nunca abusarei; mas guarde o seu segredo nestes sítios... Bem sabe o que é o povo: está sempre mais inclinado a acreditar o mal do que o bem... Condenado às galés! ele é novo, não e verdade?

— Tinha apenas dezanove anos, quando mo levaram de casa; está agora nos vinte e sete...

— E veio aqui para o tornar a ver...

— Eu tinha medo de morrer antes de o abraçar...

—Pobre mulher, pobre mulher, — repetia a meia voz o hospedeiro.

— Seja sempre feita a vontade de Deus; e se me é lícito pedir-lhe uma graça, suplico-lhe que, se Ele não me quiser restituir imediatamente a saúde, me dê ao menos força para me poder levantar e ir à cadeia.

— A senhora ouviu, — respondeu o hospedeiro comovido — ouviu a ordem dada pelo doutor à Mariquinhas: proibição absoluta de se levantar, tranquilidade e repouso. E os médicos têm boas razões para mandar; portanto use de resguardo; um pouco de paciência e tudo irá a bom termo. Se tem assim um desejo tão grande de saber notícias do seu filho, eu sairei com o seu Paulino; iremos até ao porto e talvez consigamos saber alguma coisa. Quem sabe se Remígio não estará entre os que andam ocupados a trabalhar no saneamento da cidade?

— Ah! o senhor tem um óptimo coração! — interrompeu a viúva, olhando para Robin com uma expressão de vivo reconhecimento.

— Ora! — fez este. — Não é dos melhores nem dos piores... Se eu tivesse mulher e filhos, seria muito amigo do meu pequeno mundo, mas eu envelheço completamente só, e isto é mau, porque a garrafa não é boa conselheira!

Dali a momentos, Robin, levando pela mão o mudozinho, encaminhava-se para o porto; mas antes de sair para a rua, disse à Mariquinhas:

— Vai sabendo da hóspede, de vez em quando; não a deixes muito tempo sòzinha... e põe um frango ao lume para lhe fazeres um caldinho.

Dentro de pouco tempo, Robin e o Paulinito chegavam ao porto. Mal tinham chegado, quando viram aproximar-se uma turma de condenados que homens armados guardavam: os infelizes iam começar o seu penoso dia de trabalho.

O pequenito teve um pressentimento inquietante; olhou para Robin com certo ar interrogativo, a que o hospedeiro respondeu tristemente:

— Sim, exactamente! o teu irmão é como aqueles.

O pobrezito queria ir atrás dos galeotes, alinhados em fila indiana, reparar bem nas caras e ver se entre aqueles rostos disfigurados podia descobrir o irmão, o seu querido Remígio.

— Espera um bocadinho, meu caro, porque se fôssemos já atrás dos condenados, os guardas podiam desconfiar e afastar-nos — disse o hospedeiro.

— Depois de os forçados terem principiado a trabalhar, avançaremos então como simples curiosos e assim seremos menos notados. O Paulino resignou-se, embora de mau grado, e acompanhou Robin, seguindo com o olhar os condenados que se iam afastando.

Os infelizes chegaram a uma espécie de estaleiro cheio de cabrestantes e de traves. Para alguns deles, aquele trabalho ao ar livre era um alívio, para outros constituia um recrudescimento do seu suplício. Os que eram robustos, preferiam levantar pesos, enfeixar lenha, puxar carrinhos, pôr os cabrestantes em movimento, a terem de permanecer imóveis sobre os bancos das galeras. Mas no meio deles havia os de compleixão débil, incapazes de suportarem trabalhos pesados, e por causa da sua natural fraqueza eram sujeitos ao tratamento mais desumano.

Remígio pertencia ao número destes últimos; nunca fora robusto. Habituado à vida sedentária do escritório, enfraquecido pelos trabalhos da galera, preferia aos trabalhos do porto que o deixassem estar no seu lugar apertado do fundo da prisão, porque a sua constituição colocava-o na impossibilidade de cumprir o que lhe era imposto, e o pau do carcereiro caía frequentemente sobre

as suas costas. Estava destinado para uma verdadeira perseguição.

Naquela manhã, imóvel no meio dum grupo de condenados, esperava que lhe indicassem a sua tarefa. Olhando para uma trave enorme colocada a pequena distância, pensava apavorado em que talvez o mandassem tirá-la dali e pô-la em cima duma carroça em que já estavam outras empilhadas.

Ou fosse por crueldade ou por acaso, o carcereiro apontou a trave ao forçado e disse-lhe:

— Vá, canalha; carrega aquela trave.

Os olhos do jovem votaram-se suplicantes para o seu algoz; este pôs-se a assobiar uma cantiga da caça, e Remígio, com o suor na fronte, encaminhou-se para o enorme tronco de árvore. Parece que pediu ao céu a força que lhe faltava: em seguida curvou-se, agarrou o tronco com ambas as mãos e tentou levantá-lo, mas não foi capaz.

Três vezes repetiu a tentativa, sempre sem resultado. O suor escorria-lhe da testa pálida e um tremor nervoso agitava-o.

Pa-Thermute, o carcereiro, tinha fixo o olhar cruel sobre os esforços inúteis do pobre rapaz. Aquele miserável sentia necessidade de oprimir o desventurado moço e já as suas

mãos erguiam o pau, até que avançando para o desgraçado gritou-lhe:

— Seu cão, seu mandrião! trate de experimentar outra vez!...

— Mas se eu não posso... é tão pesado!...
— Ah! não podes... Repete essa palavra, e vais ver quanto pesa o braço de Pa-Thermute! Bandido! Celerado, ou levas aquela trave ou...

Remígio quer fazer uma última experiência; abaixa-se e logo sente um ombro fraterno encostado ao seu, e esforços generosos a tentarem ajudá-lo. Volta-se para ver quem é que se compadece da sua miséria; vê um rapazinho, e este rapazinho era Paulino!

O pequeno mudo, testemunha da cena ocorrida há pouco, não pudera presenciar a injustiça do carcereiro nem a expressão de dor do condenado, sem se sentir profundamente comovido. O primeiro movimento do seu coração compassivo fez-lhe crer que poderia socorrer o infeliz irmão.

O Paulino era tão novo quando o Remígio foi levado ao tribunal, e por outro lado o horrível casaco do condenado transformava de tal modo o aspecto do irmão, que ele não o reconheceu bem. Apenas Remígio volveu o olhar para o pequenito, soltou um grito, largou a trave e estreitando o irmão nos braços:

— Paulininho! Paulininho! — exclamou. — Tu não me reconheces?

O pobrezinho faz um esforço para se recordar, afasta os cabelos da testa, mira-lhe os olhos, e com um sorriso de piedade retribui com afagos os afagos do irmão. Os condenados que presenciavam esta cena, sentem os olhos marejados.

Pa-Thermute enfurece-se ainda mais. O pensar que Remígio pode experimentar um momentâneo alívio à sua dor, enche-o duma raiva selvagem.

— Fora, fora daqui, — grita para o Paulino. Mas Paulino, vendo-o vir armado com um pau e em atitude ameaçadora, em vez de se retirar, esforçava-se por defender o Remígio com o próprio corpo. O carcereiro, com a baba na boca, levanta o pau; as mãos do Remígio protegem a cabeça do Paulinito, o qual fecha instintivamente os olhos...

Pa-Thermute atira às cegas, mas não atinge o alvo. Ia a erguer ferozmente o pau, quando uma mão lhe agarrou o braço. O carcereiro ia saciar a sua ira no recém-chegado; porém o olhar grave deste incute-lhe respeito.

O desconhecido tira do bolso um pergaminho e estende-o silenciosamente ao carcereiro. Pa-Thermute desenrola a folha, obser-

va o selo, e inclina-se com respeito dizendo:

— Às suas ordens, senhor!

Então o viajante que Julieta certamente reconheceria, mas de que o Paulininho havia esquecido as feições, avançou para Remígio:

— Tu desejas entreter-te por algum tempo com este menino?

— Ele é meu irmão... não o vejo há oito anos!...

Pois sim; o guarda autoriza-to.

Pa-Thermute olhou muito perturbado para o indivíduo que trazia o documento selado; receava que o semblante do desconhecido mostrasse indícios de ameaça; mas não, o seu aspecto era sereno e tranquilizador.

O MERCEEIRO DE BRIGNOLES

Entre Marselha e Toulon, na aldeola de Brignoles, sobressaía dentre o casaredo uma loja de merceeiro caiada de cinzento, com as janelas castanhas; a aparência era risonha e modesta. Era a mais frequentada do lugar, e o merceeiro, que vendia às mulheres, linhas, facas, panos e loiça, gozava de boa reputação.

Este comerciante é uma pessoa nossa conhecida: Adriano, o antigo criado de João Rameau. Sempre o espicaçara o desejo de negociar, mas falto de meios como era, teve de sujeitar-se a fazer de criado, na intenção todavia de juntar um dinheirito com que pudesse realizar o seu sonho.

Quando puder, — dizia — hei-de comprar uma porção de futilidades que o meu pai, como é marinheiro, trocará depois no Levante; alargarei a pouco e pouco o círculo dos meus negócios, de forma a possuir um dia

na minha aldeia de Brignoles uma casita e uma modesta loja.

Os seus votos tinham-se realizado e haviam até quase superado as suas esperanças, encontrando-se já agora dono dum armazém. Sobre prateleiras estavam alinhados tecidos de linho, algodão e sedas. Ele era um hábil comerciante: lisongeava os fregueses, tinha a palavra fácil, vendia a crédito, prendia com as suas maneiras e aumentava a fortuna com a satisfação dum homem alegre com o lucro obtido, e seguro do bom êxito da empresa. Adriano nunca deixava o seu estabelecimento, nunca se embriegava e entretinha os seus momentos de ócio à cabeceira do velho pai.

Era este um bondoso ancião, mas prostrado de cama com uma paralisia; o espírito, tão doente como o corpo, tinha apenas alguns intervalos lúcidos. Fizera vida de marinheiro durante muitos anos; minado porém pela doença, viu-se obrigado a abandonar as suas viagens e veio para Brignoles em busca dum último asilo, como uma ave ferida procura o seu velho ninho escondido entre as ruínas dum castelo.

Refugiou-se na sua casinha. Quando Adriano soube que o pai estava doente e necessitado, impressionou-se. Já não se tratava apenas de realizar o seu sonho; era preciso,

além disso, prover ao sustento daquele pobre velho e suavizar-lhe os últimos anos da existência. Adriano ruminou mil projectos na sua mente, contou e tornou a contar aquele pouco que tinha posto de parte, e perguntava a si mesmo com ansiedade que meio lhe restava para realizar as suas esperanças e cumprir o próprio dever.

Durante dias, o seu trabalho ressentiu-se destas preocupações. De noite, o filho do velho marinheiro dormia pouco; nas horas de trabalho, sonhava acordado; o seu espírito vagueava entre cálculos, sem atinar com a solução do problema. Enviou ao pai uma pequena quantia de dinheiro, o suficiente para as suas mais urgentes necessidades, e continuou à espera de que se lhe deparasse uma ideia, que se lhe oferecesse um meio qualquer... Passaram dias, até que a sorte, malfadada sorte! veio em seu auxílio.

* * *

Quando Honorato, agitado e perplexo, cheio de remorsos, concentrava toda a sua coragem e se dispunha já a comparecer e a confessar na presença dos juízes ser ele o culpa-

do do furto de que incriminavam Remígio, Adriano empurrou a porta da sala e entrou.

O criado fixava Honorato com viva atenção; adivinhou a luta que se travava no espírito do jovem, e resolveu fazer um golpe de estado.

— O senhor Honorato é um homem de vontade e de energia, — disse ele ao jovem Rameau.

— Desde quando estás tu convencido disso?

— Desde o dia em que Remígio Ciotat caiu na desconfiança do seu pai.

— Mas o que tem que ver o furto de Remígio com a minha índole?

— Tem imenso... É preciso ter uma vontade férrea para calar e guardar o segredo, quando com uma palavra se podia impedir a desonra dum homem...

— Desgraçado! — interrompeu Honorato, — e tu tens o arrojo de...

— Não se zangue. Eu tive a paciência de observar, quando abriu o cofre do seu pai com a chave feita pelo ferreiro Nicolau.

Honorato sentiu correr-lhe pelo corpo um suor frio, e cerrou o punho...

— O senhor tinha dívidas, prosseguiu o criado, e seu pai é severo para com todos... até consigo mesmo. Tinha de pagar 5000 francos, e as bolsas dos amigos não se abriam. Lembrou-se do cofre paterno e abriu-o. Nessa noite eu nem podia dormir; passavam-me pela cabeça certas ideias que me perturbavam e a tentação de penetrar no escritório do meu patrão não me deixava; ele assediava-me de tal maneira que eu debatia-me desesperadamente para me libertar daquela espécie de obsessão.

Eu via tanto ouro acumulado, tanto ouro com o qual eu podia satisfazer à minha vontade todos os caprichos!... Compreendi que não poderia resistir por muito mais tempo, e por isso resolvi abandonar para sempre esta casa.

Desci, caminhando descalço pelos corredores... Ao chegar defronte do escritório, divisei uma luz através da porta entreaberta... observei o senhor Honorato, com estes meus olhos, a tentear o cofre com toda a atenção para ver se subtraía dele os rolos de dinheiro... À vista de tal espectáculo, mudei da resolução tomada e pensei que para fazer fortuna bastava-me o ter conhecimento do seu delito. Quanto a mim, juro-lhe o mais profundo silêncio.

— E quem é que fica por fiador dessa tua promessa?

— O meu próprio interesse.

— Ah! tu queres ser pago!

— Com certeza — respondeu friamente Adriano.

— E quanto pedes?

— Muito pouco em comparação com o benefício que lhe vai proporcionar o meu silêncio. O senhor sabe que o senhor Rameau nunca manifestou por si grande afecto; se viesse a conhecer a sua infância, não só a sua cólera seria terrível contra si, mas na sua profunda compaixão por Remígio Ciotat, ele sentir-se-ia no dever de o reabilitar perante a sociedade. Julieta tornar-se-ia também objecto da sua solicitude; o Paulinito contaria desde esse momento com um lugar no escritório e assim, a pouco e pouco, o senhor seria despojado de tudo. Pelo contrário, sendo condenado Remígio, o senhor aproveita-se do abalo moral experimentado por seu pai para se aproximar dele, para tomar parte nos negócios, e depois pede-lhe a metade merecida pelo seu trabalho. O senhor Rameau, a princípio surpreendido depois maravilhado, sentia despertar em si próprio o afecto... O senhor torna-se patrão da casa, como ele, e é-lhe fácil subtrair de vez em quando uma pequena quantia para vir em auxílio dum criado afeiçodo...

— Já te disse que fixasses uma quantia.

— Senhor, — respondeu Adriano — eu não me considero certamente um homem honesto.

Eu torno-me seu cúmplice guardando o segredo... e a minha vileza iguala a sua infâmia... Regulados os nossos pactos, eu abandono a casa, e não tornaremos mais a ver-nos. Entretanto eu exijo uma garantia da sua constante boa vontade a meu respeito... Um pedacito de papel é o suficiente... Declare que foi o senhor mesmo que cometeu o furto dos cinco mil francos de que é acusado Remígio Ciotat.

— Nunca! — gritou Honorato.

— Faça o que quiser — disse Adriano — o seu pai é suficientemente bom para mostrar a sua gratidão àquele que o impedir de cometer uma injustiça... Eu não terei assim nada a perder em confessar a verdade...

E Adriano dispôs-se a sair.

— Dou-te o dinheiro — disse Honorato — mas não quero que tenhas uma arma contra mim.

— Esta prova apenas me garante o que me prometeu.

— Tu não te vais servir dela para me teres constantemente sob o pesadelo das tuas ameaças.

— Eu não penso tal coisa. E hei-de dar-

-lhe a demonstração disso. Com os 2000 francos que me vai dar, abro um pequeno estabelecimento. Se os meus negócios forem caminhando bem, não me torna mais a ver; se a sorte me for adversa, quero poder pedir-lhe, não uma esmola, mas o exercício dum direito...

Neste momento o relógio bateu as três.

Honorato estremeceu; devia estar a proferir-se a sentença.

— É demasiado tarde! — murmurou.

— É demasiado tarde é! repetiu Adriano, — é tarde demais! De contrário... Sim, tarde demais para que Remígio seja salvo, se eu calar... mas se eu falasse agora, o senhor seria considerado não só um homem fraco, escravo das paixões e capaz de tudo, mas ainda como um miserável suficientemente vil para roubar a honra a uma família honesta, atirar com um inocente para a prisão, privar uma viúva do único amparo e cometer um daqueles delitos horríveis que a lei não ousava prever sequer.

Honorato ficou como aniquilado com esta lógica espantosa.

Basta eu erguer a voz, — continuou o criado — para tudo mudar de aspecto; Remígio reconquistará a sua liberdade e o seu lugar de confiança, e por mais descarado que

o senhor seja, desafio-o a que continue a habitar nesta cidade. Se ainda não está convencido a ceder, eu corro ao tribunal, os juízes ouvem-me, Remígio é solto e o seu pai amaldiçoa no senhor a desonra da família.

— Basta, basta! — gritou Honorato; — terás dois mil francos.

— Assine primeiro a declaração...

Honorato agarrou convulsivamente no papel e na pena, e esperou que o criado ditasse a primeira frase; depois, aterrado com o acto que ia praticar deitou fora a pena e o papel, levantou-se e, muito agitado, pôs-se a medir em passos largos a sala.

Adriano pegou-lhe no braço e obrigou-o a sentar-se à secretária, dizendo:

— Acabemo-la! já é tempo!...

Honorato redigiu algumas linhas, assinou febrilmente e entregou-as a Adriano. Este leu-as com calma, dobrou a folha e meteu-a na algibeira, acrescentando:

— Isto é suficiente, senhor Honorato; agora vou prevenir o senhor seu pai de que dentro de oito dias deixarei o seu serviço; e o senhor agora pense em dar para cá os dois mil francos.

Honorato disse que sim, e o criado saiu do gabinete.

No meio do corredor do rés-do-chão, deu

de caras com João Rameau, que voltava justamente do tribunal. A fisionomia do negociante estava perturbada. Adriano esperou pelo dia seguinte para informar o patrão de que ia abandonar o serviço. João Rameau ficou contristado e não o deixou partir sem primeiro lhe dar uma generosa gratificação.

Honorato sofria horrìvelmente: a condenação de Remígio imprimia-lhe no coração a marca da infâmia. A sua primeira culpa obrigava-o a uma série de vis ficções: metia dó! Com o fim de conquistar a confiança do pai e poder conseguir os dois mil francos exigidos por Adriano, fingiu comparticipar grandemente na sua dor, chegando a oferecer-se para substituir o jovem guarda-livros!

O pai exultou com o pensamento do filho. Pareceu-lhe que as circunstâncias lhe ofereciam a oportunidade de conquistar novamente o afecto de Honorato e ficou-lhe grato por isso.

A dolorosa agitação de Rameau acalmava com as meigas palavras de Honorato. O amor paterno pôde mais do que as opressões internas do negociante. Honorato, apesar de malvado, sentiu-se comovido com o carinho espontâneo que o pai manifestava por ele.

Feliz por ter encontrado uma ajuda, um companheiro, um amigo no seu próprio filho, Rameau passou a ser confidente generoso, meigo. O seu coração abriu-se, cessou o pranto, e, apertando de encontro ao peito Honorato, exclamou por entre soluços:

— Luísa recomendou-me que te amasse, e eu amo-te com toda a alma.

Honorato possuído de remorsos, desolado, perseguido pela imagem dum prisioneiro que lhe exprobava o seu vil procedimento, entregou-se a pouco e pouco ao afecto paterno. A hipocrisia cedeu diante dos irresistíveis atractivos da natureza. Poucos são, se acaso os há, os homens completamente pervertidos. A lógica íntima, implacável, da consciência grita mais alto do que se julga, mesmo na alma dos celerados.

Honorato sentiu-se até inclinado ao justo e ao honesto, mas se as suas resoluções eram imcompletas, pois não chegaram ao ponto de lhe fazerem confessar a verdade, elas revelaram-lhe contudo uma alegria até então desconhecida. Efectivamente o pai prodigalizava-lhe agora o seu amor como que para se desobrigar perante o filho, a quem até então havia descurado.

A presença de Honorato no escritório do pai marcava uma nova fase na vida do jovem, e o negociante disse-lhe num colóquio íntimo:

— Meu filho, meu amigo, não te peço contas dos quatro anos decorridos. Talvez tenhas cometido loucuras: não te peço a confissão delas. Se tens dívidas, eu as pagarei. Aqui tens três mil francos para as satisfazeres... Doravante as nossas vidas não formarão mais que uma só; o dinheiro da casa pertencer-nos-á a ambos em partes iguais, porque eu associo-te à casa, se tu me prometeres que não abandonas a tua função de guarda-livros.

— Obrigado, meu pai; — respondeu Honorato — aceito.

A partir daquele dia ficou tranquilo a respeito da conta de Adriano.

João Rameau entregou ao filho, naquela mesma tarde, os três mil francos, e Honorato fez escorregar dois terços para as mãos do seu cúmplice!

* * *

Cinco dias depois, o antigo criado de João Rameau chegava a Brignoles, aonde, de volta duma longa e fatigante viagem, voltara o velho pai. Adriano achou-o muito mais acabado do que supusera. Já não podia mexer as pernas, havia perdido a memória e apenas con-

servava uns vislumbres de lucidez. A vista do filho comoveu-o, agitou-o, no entanto não o reconheceu completamente.

O primeiro cuidado de Adriano foi arranjar uma casa de habitação. Estava em venda uma casita. Adriano comprou-a; acrescentou-lhe uns hectares de terreno; procurou operários que caiassem e pintassem os compartimentos, e voltou à sua ideia favorita, de abrir um estabelecimento e ocupar-se de comércio.

Logo que o velho marinheiro, chamado Manrovéscio, se encontrou còmodamente instalado num quarto virado ao sul e pintado com frescos primitivos representando o mar sulcado de navios e quase povoado de escolhos gigantescos, Adriano começou a comprar o que era necessário para a loja. Mandou vir um banco e estantes de Marselha, partiu ele mesmo para fazer outras aquisições, e no seu regresso à aldeia, por cima da porta da sua casa lia-se «Adriano, Merceeiro». O aspecto da loja, a esperança de terem fazendas baratas, as maneiras atraentes de Adriano, tudo contribuía para chamar os fregueses.

Tinham passado apenas duas semanas, e já se tinha formado uma clientela. Enquanto ele cuidava do negócio, um rapazito de quinze anos, Menicuccio, andava em volta do ve-

lho marinheiro, vigiava a cozinha, ia buscar água, sachava as ervas do jardim.

Não era um prodígio de talento Menicuccio, mas supria essa falta com a sua boa vontade.

Os negócios do merceeiro prosperavam. Uma vez porém a falência dum dos seus devedores comprometeu-lhe gravemente os interesses. Teve receio de vir a encontrar-se em dificuldades, e recorreu a Honorato, que imediatamente lhe enviou mil francos. Adriano nunca abusou do seu ascendente sobre o filho do antigo patrão. Um dia Honorato, lembrando-se de que aquele homem podia perdê-lo, e querendo provar-lhe a boa recordação que tinha dele, escreveu-lhe a oferecer-lhe os seus serviços. Adriano agradeceu e não quis nada. Não estava por certo justificada a falta cometida, mas ele desejava resgatar-se dela. Os assíduos cuidados que dispensava ao pai, provavam que na sua consciência e no seu coração não se haviam extinguido completamente todos os sentimentos e todo o remorso. A presença do seu pai doente tinha comovido profundamente e ao mesmo tempo perturbado Adriano.

Perante aquela triste velhice, ele envergonhou-se da sua falta; o dedicar-se todo ao pobre marinheiro pareceu ao merceeiro uma

expiação. O enfermo já nem se podia mostrar reconhecido, porque estava quase inconsciente; mas Adriano recebia a sua recompensa na própria consolação que experimentava para aliviar os sofrimentos do seu progenitor.

Este fora sempre um pai afectuoso e solícito com o bem do filho. Quando regressava das longas viagens, o pai de Adriano — e este bem o sabia — guardava sempre em lugar seguro qualquer lembrança trazida das regiões distantes para ele. Manrovéscio era pobre e não sabia escrever, mas procurava instruir o filho. Adriano nunca conheceu a mãe, e Manrovéscio, que não podia ouvir falar dela sem se comover deveras, evitava sempre tocar em tal assunto. Quando ele partia, entregava o filho a pessoas de bem.

Decorreram muitos anos sem que ele voltasse à pátria, pelo que Adriano, perdida toda a esperança de realizar os seus projectos de comércio, entrou para o serviço de João Rameau. Ao voltar, Manrovéscio narrou uma longa odisseia, mas lentamente, por episódios, sem ordem. Tinha corrido grande perigo: ao certo, era tudo quanto se sabia. Para conseguir uma rápida fortuna, fora até à Índia; a sua saúde porém não lhe permitia navegar mais. De vez em quando, alguns mari-

nheiros desembarcados em Marselha pediam notícias de Manrovéscio; mas os seus antigos companheiros, não recebendo em resposta mais do que evasivas e julgando terem satisfeito a todos os deveres de amizade, mostravam certo pesar por não tornarem a ver o seu camarada e faziam-se novamente ao mar sem pensarem muito nele. Havia já oito anos que Adriano se havia estabelecido em Brignoles, quando um marinheiro de regresso da Índia a bordo da «Ceres», recordando-se de que Manrovéscio lhe tinha manifestado a intenção de se fixar na sua aldeia natal, partiu uma manhã para Brignoles e pediu notícias do velho camarada.

A casa do merceeiro impressionou-o pela sua bela aparência; entrou e perguntou pelo velho marinheiro.

Menico estava sòzinho no estabelecimento; Adriano encontrava-se no primeiro andar.

— É mesmo o papá Manrovéscio que procura? — repetiu o rapazito dirigindo-se a Morissot. — Pois então, se é a ele e se o senhor o conheceu ainda quando ele tinha saúde, julga que o pode reconhecer? Ele não sai da cama, ri, fala sem nexo e nunca sabe o que diz.

— Ó co'a breca! — exclamou o marinheiro, — Manrovéscio então lembra uma chalupa desconjuntada! Como quer que seja, desejo tornar a vê-lo; quem sabe! às vezes a vista dum velho camarada pode fazer-lhe bem.

— Vou prevenir o senhor Adriano, — disse Menico.

O rapazito transpôs a escada em quatro saltos, explicou ao merceeiro que um amigo do seu pai pedia para o ver, pelo que Adriano desceu ràpidamente à loja e, indo ao encontro do visitante, apertou-lhe as mãos efusivamente.

— Ah! o senhor não se esqueceu de Manrovéscio! — exclamou — se ele o pudesse reconhecer, meu Deus! Mas durante três quartos do dia jaz imóvel no leito, comandando manobras imaginárias ou proferindo o nome de pessoas que eu não conheço.

— Ele repetiu alguma vez o meu nome? Morissot, Cláudio Morissot?...

— Sim, efectivamente... parece-me...

— É tudo o que há de mais natural; fomos sempre unidos como dois irmãos, e estas amizades contraídas entre o céu e a água são sagradas. Siga à minha frente, para eu abraçar o velho amigo.

Quando Adriano e o marinheiro entraram no quarto do velho, este estava justamente

entretido a fazer um daqueles nós insolúveis tão usados pelos marinheiros.

Ao ver o filho, sorriu vagamente. Não o reconhecia, mas sentia-se bem quando Adriano estava junto dele. Morissot, dominado pela comoção, parecia duvidar ainda daquela cruel realidade. Pois quê? Manrovéscio, o marinheiro ousado, o alegre camarada de outrora, reduzido já a este estado! Inutilizado, doente, idiota! O pobre homem fez um sinal amigável ao visitante, ofereceu-lhe um bocado de corda como se o convidasse a dar-lhe nós com arte igual à dele. Morissot fitou os olhos do seu antigo companheiro.

— Sim, sim, — disse, — quantas vezes demos nós jutamente nos cabos e atámos as velas de gaiola! Trepávamos pelas enxárcias como esquilos... contávamos aventuras intermináveis que não passavam de histórias da carochinha. Estávamos prontos a morrer um pelo outro... Que belos tempos eram esses...

Belos tempos! belos tempos — repetiu o tonto instintivamente, dobrando a corda com os nós feitos por Morissot com uma habilidade que deixava entrever a prática no mester.

— Mas corta o coração ver Manrovéscio neste estado, — disse o marinheiro sentando-

-se ao pé da cama — não sei qual de nós dois estimava mais o seu pai, senhor Adriano; aquele que lhe salvou a vida, e eu...

— Ah! vossemecê conheceu aquele generoso...

— Se conheci! Um coração franco, um nadador de primeira ordem, um verdadeiro herói. Mas o senhor há-de ter ouvido narrar aquela aventura, sei lá quantas vezes!...

— Nunca completamente. Só com intervalos e aos poucos é que eu pude saber que meu pai foi salvo por um camarada num grande perigo, mas ignoro o nome desse generoso marinheiro e as particularidades do seu acto heróico; as circunstâncias tiveram-me afastado de meu pai durante muito tempo, e quando nos reunimos, mesmo que eu gostasse de ouvir, ele já não estava capaz de compreender nada...

— Eu estava presente e vi tudo — replicou Morissot. — O caso deu-se, há-de haver 29 anos. Estávamos a bordo dum belo navio, o Molle-Pomène» e encontrávamo-nos perto das costas da Índia, quando uma tempestade nos surpreendeu mesmo defronte do porto. Os mastros quebram-se, as velas voam como farrapos, um jacto de água irrompe, o navio está perdido... Não se trata já de salvar a carga, mas as nossas vidas.

«Lançamos a chalupa ao mar, os homens precipitam-se; mas logo notam que tem peso de mais e que ia afundar-se em poucos minutos. É necessário que seja aliviado; e é necessário o sacrifício de alguns de nós.

«O capitão pergunta-nos se aceitamos que se tire à sorte para se saber quem deve abandonar a chalupa. Nós resignamo-nos com a sorte.

— Num minuto são designadas cinco vítimas. O seu pai era uma delas. Quando ele compreendeu que tinha de renunciar a toda a esperança de salvação, deixou escapar um grito desesperado: — Meu filho, meu pobre filho! — Então um marinheiro que não era do número avança para Manrovéscio e diz-lhe: — Eu não tenho mãe, nem mulher, nem filhos... deixa que eu morra em teu lugar! E, antes mesmo de seu pai ter tempo de se opor, aquele generoso homem precipitava-se no mar com mais quatro infelizes! Tentaram aproximar dele um resto do mastro, uma tábua...

Nós da chalupa vimo-los lutar com as ondas, esgotarem-se em vãos esforços; depois perdemo-los de vista... e então rezámos por eles do mais profundo do coração... Três dias depois, no porto duma cidade marítima da Índia, Manrovéscio reconheceu o seu salvador... O honrado homem, valente e intrépido nadador, conseguira dominar as ondas e alcançar a costa depois de esforços inauditos».

— Não se sabe nada dele, Morissot? — perguntou Adriano, trémulo de comoção.

— Andou navegando por um lado e por outro; perdemo-lo de vista, Manrovéscio e eu; o acaso aproximou-nos ainda uma vez em Calcutta, renovámos o nosso juramento de sincera e leal amizade; passadas três semanas separámo-nos: o seu pai seguiu para Batávia, eu voltei para França; o outro partiu, por sua vez, para Guadalupe.

— De boamente sacrificaria, — disse Adriano — metade dos meus bens para poder apertar a mão a esse homem e prestar-lhe os meus serviços...

— Apertar-lhe a mão, meu amigo, já não é possível!... Quanto a prestar-lhe serviços, nós os marinheiros temos as nossas ideias... e eu creio que algumas velas a N. Senhora de la Guardia e algumas Missas poderão servir para o repouso da sua alma.

— Então morreu? — exclamou Adriano.

— Sim, e segundo o que eu ouvi, teve uma morte terrível... O barco em que ele se encontrava incendiou-se no alto mar e só quatro marinheiros e um grumete conseguiram salvar-se como por milagre...

O idiota repetiu como se sonhasse:

— Morto! sou eu que estou morto... a barca é pesada... é preciso deitar o lastro... O lastro são os homens... e eu amo o meu pequeno Adriano... é duro morrer...

— Ah! — exclamou o merceeiro — a recordação dessa cena terrível acompanha sempre o pobre velho; por mais duma vez lhe tenho perguntado as particularidades e tenho procurado conhecer o nome do que o salvou, mas ele com voz triste não faz senão repetir: «Cartahu! Cartahu!» Ora isto será, quando muito, talvez termo de marinha, porque Cartahu, que eu saiba, jamais foi nome de cristão!

— De facto — respondeu o marinheiro — é muito provável que esse bravo jovem tivesse recebido um outro nome de seus pais, mas nós só o conhecíamos por este. Cartahu era o nosso marinheiro, aquele que se lançou ao mar para salvar o seu pai, o que pereceu no incêndio da «Désirée».

— E não conhecerá por acaso nem a família dele, nem a sua terra?

— Era Provençal e falava a língua d'oc. Parece-me ter ouvido dizer mais tarde que se casou; mas de concreto não sei nada, e é melhor calar do que dar falsas informações.

— Meu Deus! oh, meu Deus! — exclamou

Adriano; — se eu nunca amei ninguém no mundo senão o meu pai, todo o meu reconhecimento pertence ao homem que o salvou, e não hei-de conseguir descobrir esse benfeitor, ou pagar aos seus a minha dívida de gratidão para com um homem tão generoso!...

O tonto mostrou a Morissot a corda que tinha estado a encher de nós.

— Eu vou a estendê-la a Cartahu; — disse — é preciso que Cartahu não morra, ele libertou-me por amor do meu pequeno Adriano... Cartahu há-de viver, e o seu pequeno... oh! não há-de acontecer nenhuma desgraça ao filhinho de Cartahu!... Se é verdade, dá-me uma corda, comprida, comprida; está tranquilo, eu farei nós... hei-de salvar o filho do marinheiro que se move no mais profundo do abismos.

— Pai, meu pai, — gritou Adriano abraçando o pai — então Cartahu, aquele homem que o salvou, tinha um filho?

— Um filho... como tu, meu Adriano... Ele disse-me um dia, na Índia... desde então... desde então... não sei mais nada...o seu pequenino! E uma noite, há muitos anos,... tornei a ver Cartahu... ele entrou neste quarto... sem ruído... como uma sombra... e disse-me: — Manrovéscio! faz uma corda, uma grande

corda de nós, meu filho perdeu-se... salvemo-lo... e desde essa noite não faço senão dar nós em cordas... e a corda nunca tem o comprimento suficiente...

Duas lágrimas cairam dos olhos do tonto.

— Morissot, — disse Adriano — não poderia ajudar-me nas minhas pesquisas? o que você me disse e o que me diz o meu pobre pai, tudo prova que Cartahu se casou alguns anos depois de se ter oferecido em sacrifício por meu amor... e talvez que algum amigo seu o conheça. Procure informar-se, mande-me notícias; foi a Providência que o mandou à nossa casinha para desvendar este mistério.

— Se o senhor Adriano insiste tanto — respondeu o marinheiro apertando-lhe a mão, é sinal de que é um homem justo e um óptimo filho. Eu não seja mais Morissot, se eu o não ajudar com toda a minha boa vontade. Um pequeno navio de três mastros que eu conheço, chegou já há dias a Marselha; os seus marinheiros navegaram com Cartahu e Manrovéscio, e um ou outro hão-de conhecer o verdadeiro nome do nosso pobre camarada.

— Obrigado, obrigado! — exclamou Adriano.

— Agora vou deixá-los, mas não tenha receio...

O marinheiro não pôde acabar a frase, porque Menico entrou bruscamente no quarto, exclamando ofegante:

— Senhor Adriano, está lá em baixo um carro...

— Está bem, — respondeu o merceeiro — vê lá quem é e despacha-o tu.

— Mas, não se trata dum cliente... é uma visita...

— Uma visita!

— Sim, patrão, e o senhor chama-se Honorato Rameau.

O merceeiro empalideceu. Morissot compreendeu que se tratava dum assunto importante, e apertando pela última vez a mão ao filho de Manrovéscio e a do tontinho, que sorria enquanto continuava a dar nós nos seus bocados de corda, desceu a escada, a ondear à direita e à esquerda como um autêntico marinheiro habituado aos balanços.

— Menico, — disse Adriano ao rapazito — vai e pede ao senhor Honorato que suba; manda-o entrar para o quarto cinzento, e tu vens aqui ao pé do meu pai; se vier algum cliente, a campainha da porta dá sinal, e tu desces para fazer a tua obrigação com os fregueses, mas não me venhas a interromper por motivo nenhum.

— Percebi, — disse Menico, e desceu aos saltinhos os quinze degraus.

Um minuto depois Honorato Rameau seguia-o até ao quarto cinzento onde Adriano o estava esperando.

A PRIMEIRA IRMÃ DE CARIDADE

Tanto Adriano como Honorato pareciam bastante preocupados. O merceeiro ofereceu uma cadeira ao filho do seu antigo patrão, e ficou de pé, à espera de que ele o convidasse a sentar-se. Honorato Rameau indicou-lhe uma cadeira, e principiou:

— Primeiro que tudo, é preciso que saibas a razão da minha inesperada visita. De há uns anos para cá, tudo mudou na minha vida; o meu pai afasta-se do comércio e põe-me à frente dos negócios; além disso, eu estou prestes a fazer um rico casamento; não quero ter no futuro qualquer inquietação a respeito do que em tempos se passou entre nós dois. A espada de Dâmocles que tu conservas suspensa sobre a minha cabeça é uma ameaça constante, e eu venho comprar-te a garantia que tu sabes e perguntar-te quanto me pedes ...

— Mas porventura abusei eu alguma vez? — perguntou friamente Adriano.

— Não; qualquer outra pessoa ter-se-ia talvez servido disso para me arruinar. Tu, pelo contrário, tens procedido como uma pessoa relativamente delicada. Não só não pediste muito, mas recusaste até o que eu próprio te ofereci numa ocasião em que eu supunha te encontrasses em dificuldades.

Estou portanto convencido de que não terás qualquer dificuldade em me restituir um documento inútil; de resto, fica certo de que me hás-de encontrar sempre generoso. A minha situação é tal que me permite enriquecer-te duma vez só, e ofereço-te vinte mil francos pela ristituição do papel.

— Vinte mil francos! — repetiu Adriano estupefacto.

Honorato Rameau tirou dois saquinhos das amplas algibeiras do casaco.

— Aqui está a quantia, — disse ele mostrando os saquinhos. Abre um, e arrecada todos esses cartuchos de metal soante.

— Com uma quantia destas, como poderei eu tratar bem o pobre velho! — murmurou Adriano.

— Nem é preciso perguntar-te, suponho eu, se aceitas, — respondeu Honorato.

Dir-se-ia porém que o merceeiro hesitava. Nada lhe pedia desde há cinco anos, os seus lucros eram suficientes e tinha resolvido con-

tentar-se com eles. Mas a tentação era violenta; não vinha oferecer-lhe um auxílio, mas uma verdadeira fortuna.

Honorato pensou que aquela quantia fosse reputada insuficiente, pelo que insistiu:

— Repara bem, tu é que estabeleces a quantia a receber, visto eu notar que achas pouco o que te ofereci.

— Engana-se, senhor Honorato, — respondeu Adriano: — a quantia é enorme e eu aceito-a.

— Nesse caso, façamos a troca.

— Faremos, mas só pode ser daqui a dias.

Mas, então, porque essa demora?

— Porque o documento já não está nas minhas mãos.

— Desgraçado! — gritou Honorato, — e atreveste-te?...

— A pôr em segurança a garantia da minha fortuna; mas sem o comprometer a si de maneira nenhuma.

— És capaz de mo jurar?

— Pela vida de meu pai! e o senhor sabe que este juramento para mim é sagrado.

— Está bem; e então de quanto tempo precisas para reaver o documento?

— Apenas dois dias.

— Conto com isso...

Nisto, Menico precipitou-se sobre o quarto cinzento chamando por socorro; o velho fora acometido duma síncope.

Adriano esquece o seu hóspede e voa à cabeceira do pai. Manrovéscio já não dava sinais de vida.

O merceeiro emprega todos os esforços, mas debalde; nada consegue reanimar o marinheiro lívido e frio. Honorato, inquieto com o resultado da sua viagem, abandona o quarto cinzento e entra no de Manrovéscio. Antes de partir de Brignoles, quer levar consigo uma promessa definitiva: mas Adriano já não houve, já não vê mais nada. Chama repetidas vezes pelo pai, chapinha-lhe as fontes, e com o desespero no coração grita:

— Um médico! Um médico!

— Eu subo para o carro, — diz Honorato — e mando-te imediatamente o doutor Tamarindo.

— Sim, o médico... a vida de meu pai... Prometo-te! — respondeu Adriano.

— Voltarei daqui a três dias, — acrescentou Honorato.

Momentos depois subia para o carro, chicoteava vigorosamente o cavalo e regressava a Marselha.

O doutor Tamarindo chegou a Brignoles ao princípio da tarde. Adriano tinha conseguido

que o pai recuperasse os sentidos. O pobre tanto inspirava compaixão. Sentado na cama, com as costas apoiadas sobre um montão de almofadas, conservava entre os dedos inteiriçados as cordas que não podia atar, e balouçava para a direita e para a esquerda a cabeça branca repetindo:

— O pequeno Cartahu vai morrer, sem eu ter pago a minha dívida!

Enquanto Menico corria à farmácia para aviarem a receita passada pelo médico, Adriano, sentado à cabeceira do pai, espiava com solicitude filial os movimentos e as palavras do velhote. Este reanimou-se mais ou menos, depois de ingerir umas gotas do medicamento receitado: chegou até a mexer um pouco os dedos, e como se um raio de luz lhe tivesse penetrado na inteligência, balbuciou, com os olhos postos no filho:

— Adriano, meu querido Adriano!

— Então, meu pai? — perguntou o filho ansioso.

— É preciso salvar o pequeno Cartahu... procurá-lo no mais profundo do abismo.

— Ah! — exclamou Adriano, — já não torna a adquirir o uso da razão, pobre velho!

No dia seguinte, Manrovéscio teve outra recaída. A noite porém não foi tão má. Dois dias depois o enfermo melhorou, e Adriano

aproveitando o seu sono, mandou aparelhar um cavalo e galopeou até Toulon.

Quando à tarde voltou, encontrou Morissot sentado à cabeceira do doente, muito entretido a formar com esparto e pedacinhos de madeira uma magnífica escada de salvação.

O enfermo parecia admirar a obra de Morissot. Sorria, esfregava os dedos paralizados, e murmurava:

— Pobre filho de Cartahu! Ah! não há-de ficar no fundo do abismo... nos rochedos... não há-de ficar entalado entre os rochedos escuros, o filho do meu bravo Cartahu...

— Oh!, que prazer em tornar a vê-lo! — exclamou Adriano pousando familiarmente a mão sobre os ombros de Morissot.

— E ainda mais vai gostar, quando souber o resto... porque eu não venho só para tornar a ver o seu pai... mas trago-lhe também notícias.

— Notícias!

— De Cartahu , c'os demónios! Aquele pobre Cartahu com quem o seu pai tanto se preocupa e cuja história o senhor a todo o custo queria conhecer... Ao chegar a Marselha, procurei o navio... Os marinheiros encontravam-se a apreciar o vinho do mestre

Rampicão, o taberneiro da «Âncora de ouro». Chego lá, era quase noite; mato saudades dos amigos; peço notícias de Brancaleão e de Masuccio... e dizem-me que exactamente nessa noite ofereciam uma ceia aos camaradas. Fico à espera e vou beberricando o vinho velho do mestre Rampicão.

Dali a pouco, eles que chegam, com o cabelo apartado ao lado, colarinho engomado, uma florinha na botoeira, pareciam noivozinhos de aldeia. Apertamos as mãos como velhos amigos; eles convidam-me para a ceia, e eu aceito. Durante a refeição bebe-se à saúde dos presentes e recordam-se os ausentes; depois Brancaleão levanta-se e diz:

— Amigos, nós esquecemo-nos dos velhos que velejaram connosco... Eia, bebamos à memória de João Bossieur... Viva Cartahu!

A ocasião era propícia, como vê; eu aproveito-a, informo-me e venho a descobrir que o verdadeiro nome de Cartahu é Pedro Ciotat.

Adriano estremeceu. Que triste facto lhe recordava aquele nome! O marinheiro prosseguiu na sua narrativa.

— Uns dois anos depois do naufrágio nas costas da Índia, quando ele salvou com risco da própria vida, a de Manrovéscio, seu pai, Pedro Ciotat veio novamente visitar a aldeia natal... Ali, vem a saber que uma pobre e

honrada operária, que vivia do trabalho do seu braço, por mais duma vez tinha socorrido a mãe dele, e quis vê-la; achou-a bonita e enamorou-se: tinha sabido pela própria mãe que era uma rapariguinha prendada, e quis casar com ela. Ela aceitou a mão do marinheiro, e quando Pedro Ciotat voltou à vida do mar, Julieta ficou em Cette...

— Em Cette! — exclamou Adriano agitado.

— Morava em Cette?

— Isso mesmo, em Cette: uma cidadezinha graciosa e um pequeno mas belíssimo porto...

— E ela chamava-se Julieta?

— Julieta Ciotat...

— E depois? e depois? — perguntou febrilmente Adriano.

— E depois a história passa a ser muito triste. Pobre rapariga! Ciotat e a mulher não estiveram casados muito tempo... tinham um filho, Remígio... e depois um outro que o pai não conheceu...

Adriano pôs-se em pé e com mão trémula apertou a mesa sobre a qual estava apoiada.

— O resto já o senhor sabe... Pedro Ciotat, conhecido pelo Cartahu, pereceu no naufrágio da «Désirée». Brancaleão e Manrovéscio não conseguiram salvá-lo...

— Meu Deus! meu Deus! — exclamou Adriano, escondendo a testa entre as mãos.

— Coisas do mundo, senhor Adriano! — prosseguiu o marinheiro. — Os meus dois melhores amigos eram Cartahu e Manrovéscio... se puder, não deixe de socorrer a viúva e os filhos de Pedro Ciotat, e estou certo de que o fará, porque a lembrança do que fez Cartahu pelo seu pai é para si uma coisa sagrada.

— Sim, sagrada, tem razão, e para saldar perante a família do desgraçado a minha dívida de reconhecimento, juro arruinar-me, perder-me, se preciso for...

— O senhor Adriano tem bom coração, — exclamou Morissot. — É um dever de gratidão, isso é verdade.

O marinheiro pouco mais se demorou.

O enfermo viu-o partir com tristeza: agitava as mãos e apontava com elas a escada de salvação que ficara imcompleta.

— Salvar o filho de Cartahu... Remígio!

— Eu voltarei, disse o marinheiro.

— Sim, e breve... — disse Adriano. — Eu espero-o, preciso ainda de falar consigo.

O marinheiro desceu as escadas, atravessou o rés-do-chão, saiu e afastou-se a trautear uma cantiga aprendida na «Âncora de ouro».

* * *

O tontinho adormeceu plàcidamente e Adriano não se tirou de ao pé da cama de seu pai. Sentado, com os braços apoiados sobre os joelhos, a testa inclinada, sentia o espírito inquietado por um pensamento insistente, espantoso, atroz! Parecia-lhe ouvir, repetir continuamente estas palavras: «Remígio Ciotat condenado a dez anos de galés. Remígio Ciotat, o filho de Pedro que salvou a vida do teu pai com risco da própria!»

Oh! aquela horrenda tortura alucinava o espírito de Adriano!... Em vez de, como devia, se sacrificar por amor daquele que lhe tinha salvado o pai, tinha mandado para as galés o filho daquele generoso homem! Havia passado os anos a pensar na prova de reconhecimento que devia dar a tão magnânima criatura, desconhecida para ele, e vinha agora a saber que tinha arruinado, desonrado o filho!

Os tormentos causados pelos remorsos chegaram a tal ponto que ele receou sucumbir. Ao rumor dos seus gemidos acudiu Menico; mas Adriano pediu-lhe um copo de água e mandou-o embora.

Quando o rapaz, impressionado com a angústia do patrão, se afastou, Adriano ajoelhou diante da cama do pai. Com os cotovelos apoiados na colcha e a cabeça entre as mãos, mergulhou no pensamento da sua infância e da velhacaria. Oh! como ele desejaria naquele instante restituir a Honorato Rameau o preço do silêncio!

Mas como a enfermidade de seu pai lhe não permitia então esse sacrifício, fez o propósito de não aceitar mais nada do seu cúmplice e de fazer tudo para reparar a acção iníqua cujo castigo pesava sobre Remígio Ciotat. Parecia-lhe que a recaída do pai era um aviso do céu e teve a firme convicção de que o infeliz velho sucumbiria, se ele se não empenhasse diante da sua consciência em reparar o mal cometido.

A luta que sustentou consigo mesmo foi demorada e terrível, mas triunfou. A humilhação, o castigo, tudo aceitou, na persuasão de que expiava assim a sua culpa diante de Deus.

Já próximo da manhã, Adriano adormeceu. A resolução tomada infundia-lhe no espírito uma calma como jamais sentira, e o seu sono foi tranquilo.

Ao acordar, a primeira coisa que fez foi olhar para o pai. Manrovéscio estava agitado, contorcia-se, e levando as mãos à testa balbuciou palavras imcompreensíveis. Adriano

chamou logo Menico, a quem mandou alugar um carro para ir buscar o médico. Quando passares defronte da casa do padre Dinis, — acrescentou — pede-lhe que venha a Brignoles.

«O mais doente — disse consigo — sou eu!»

Antes que Menico estivesse de volta, Adriano, que se tinha posto à janela para ver se o criado chegava com o médico, reconheceu ao longe o padre Dinis, que vinha acompanhado de outro eclesiástico. Desceu imediatamente e foi ao encontro dos dois sacerdotes.

— Encontrámos Menico no caminho, — disse o padre Dinis — e cá estamos a visitar o pobre doente.

Chegados à porta do quarto do enfermo, Adriano afastou-se para deixar passar os dois eclesiásticos.

Adriano, o último a entrar, aproximando-se do enfermo:

— Meu pai, — disse-lhe — o senhor padre Dinis e um outro sacerdote seu amigo, dignam-se honrar-nos com a sua visita... Reconhece o padre Dinis?...

— Recordo-me, recordo-me, — balbuciava o velhinho — lá longe no mar... durante a tempestade... Uma última oração... a absolvição para todos... o padre, oh! se me lembro!...

E pondo o olhar errante no padre, prosseguiu:

— O meu filho há-de salvar o pequeno Cartahu... O Adriano é um bom filho...

— Por caridade! — exclamou Adriano.

— Deixe-o dizer, meu amigo, — respondeu o sacerdote forasteiro... — o testemunho do pai é poderoso diante de Deus... O senhor é, de facto, um bom filho... o padre Dinis disse-me... e, esteja certo de que será recompensado.

Estas palavras perturbaram o espírito de Adriano; passava maquinalmente a mão pela testa banhada de suor, e as pernas tremiam-lhe, a ponto de dificilmente se aguentar nelas.

Enquanto o padre Dinis se ocupava do doente, o jovem sacerdote tomou uma das mãos de Adriano e olhou-o de frente. Aquele olhar brando e cheio, ao mesmo tempo, duma santa autoridade, pareceu penetrar no coração torturado do merceeiro; mas longe de se intimidar e de tentar subtrair-se, ele experimentou um alívio inefável; afigurava-se-lhe que dentro em pouco necessitaria de fazer uma confissão. A luz angèlicamente pura daquele olhar comoveu-o; as lágrimas afluiram às pupilas do culpado, que numa voz quase imperceptível lhe disse:

— Podia fazer o favor de me atender por um momento?

— Estou às suas ordens, — respondeu o sacerdote.

Adriano conduziu-o para o quarto contíguo.

— Eu não me quero confessar agora, — disse o merceeiro — fá-lo-ei talvez mais tarde. A partir do momento em que Vossa Reverência entrou em minha casa, um secreto impulso me instiga a fazer-lhe uma penosa confidência e a pedir-lhe um conselho. Não conheço o vosso nome nem vós me conheceis a mim; no entanto vós sentis que a minha consciência está manchada e confio em que sabereis indicar-me o modo de sair duma situação intrincadíssima. Não vos peço segredo; sei que o guardareis...

— Fale, mas fale à vontade, meu amigo — replicou o sacerdote, evitando agora olhar para Adriano, a fim de lhe não diminuir a coragem.

— Pai, — continuou o merceeiro, como se com este título de pai dado ao sacerdote se sentisse fortificado — uma pessoa que viu cometer um delito, é obrigado a denunciar o culpado à justiça?

— A questão é grave, — respondeu o sacerdote — e acho que a resposta pode ser ditada pelas circunstâncias.

— Mas... se o silêncio implica uma cumplicidade entre ele e o réu... Se... um inocente é acusado... se esse inocente é condenado, porque a testemunha continua a calar-se... deve ele manifestar a verdade a toda a gente e denunciar o miserável aos juízes?

— Filho, — respondeu o sacerdote — toda a delação é vil e ofende a caridade... É horrível pensar-se que um inocente é condenado a uma pena infamante, mas o sacerdote não pode exigir que o cristão venda o que é seu irmão, ainda mesmo quando este não parecesse digno de dó.

«Se eu conhecesse um homem que tivesse sido testemunha dum delito, e esse homem fosse atormentado pelo pensamento de fazer brilhar a verdade sobre um facto terrível nas suas consequências, eu dir-lhe-ia: «Cessa de te afligires, de chorar e de sofrer... Quaisquer que tenham sido as razões do teu silêncio, continua a calar... mas se conheces o culpado, procura persuadi-lo a revelar ele mesmo a verdade... Se receias ser mal sucedido, tem confiança... em mim... Indica-me um sítio escuro e solitário, eu irei lá de noite... virá aí o culpado sem que eu lhe veja o rosto... Falarei a sós com ele em nome do meu Deus

e espero, sim, espero que triunfe mesmo sobre a natureza rebelde».

— Ah! — exclamou Adriano com as mãos juntas e caindo de joelhos — vos sois para mim um verdadeiro anjo consolador.

— Levante-se, meu filho, — disse o sacerdote — e conte comigo.

— Mas sabe agora que o peso me oprime?

— Sim, meu irmão.

— E que me aconselha?

— Agir por meio de persuasão.

Ah! mas eu não sou capaz! — exclamou Adriano.

— Sòzinho não; mas Deus há-de ajudá-lo. Coragem, pobre transviado, cometeu faltas graves, mas o seu respeito pelo quarto mandamento do Senhor mereceu-lhe a graça do arrependimento.

Vamos ter outra vez com o padre Dinis; eu habito provisòriamente em casa dele, e o senhor já sabe onde me encontra.

O sacerdote e Adriano voltaram para junto do prior, que estava dando de beber ao doente.

— Meu amigo, — disse o jovem sacerdote voltando-se para Adriano — é o senhor sòzinho a assistir ao seu pai?

— Eu e Menico.

— E Menico é aquele rapaz que encontrámos no caminho?

— Esse mesmo.

— Está bem. Eu sei quanto os senhores são afectivos; em todo o caso, para assistir a doentes, os homens não são os mais indicados; não há como as mulheres. Elas tornam-se as filhas, as mães, as irmãs dos infelizes. As suas mãos são leves, e sua voz é mais suave. Eu vou mandar-lhe uma para junto do seu querido paralítico.

— Então, — interrompeu o padre Dinis — já realizaste o teu ideal?

— Em parte, pelo menos... O grão de mostarda foi semeado em bom terreno e produz já bons frutos. Espero amanhã de Marselha a senhora Le Gras. Ela já me mandou algumas das suas nobres filhas... e Vossas Reverências vão conhecê-las daqui a pouco. A condessa de Marmot, que ficou viúva, receberá o véu das mãos da fundadora, e vai ser exactamente nesta casa que ela inicia a sua função de Irmã de Caridade.

Quando o padre Dinis e o seu companheiro partiram da casa de Adriano, levavam a impressão de que à volta dele tudo havia mudado. A sua consciência gozava já duma calma até então desconhecida... e esperava que o padre Vicente triunfasse sobre

o coração endurecido de Honorato Rameau. Depois, o lembrar-se de que o seu pai seria curado por uma das religiosas de que lhe tinha falado aquele santo sacerdote, fazia com que lhe esperasse uma espécie de cura miraculosa.

No dia seguinte, o padre Dinis e o seu amigo, irmão no apostolado, acompanharam à casa do merceeiro uma nobre dama que envergava um hábito à primeira vista muito estranho.

Uma comprida túnica cinzenta e uma touca de grandes asas levantadas, era todo o seu traje. Não havia qualquer véu a ocultar o rosto da Irmã de Caridade, mas pendia-lhe sobre o peito uma cruz, e tinha pendurado à cintura um grande rosário de madeira preta com medalhas de cobre. O rosto da religiosa respirava uma serenidade inefável; o olhar era cheio de modéstia, e a bondade tornava mais doce o sorriso dos seus lábios. Aproximou-se do velho confiado aos seus cuidados, ansiosa por iniciar a sua missão de caridade.

O tonto observava-a com uma satisfação feliz, e Adriano olhava com respeito aquela grande senhora que voluntàriamente se fizera a serva dos pobres. Durante o tempo em que estivera em Marselha, ele tinha ouvido falar do fausto da sua casa, do número e da

rica libré dos seus criados, e agora via-a tão humilde e pronta a secundar os desejos do velho marinheiro e a passar junto dele dias inteiros e não poucas noites de vigília.

— Coragem, Irmã! — disse o sacerdote com doçura — confio-lhe este pobre velho, e se for possível curá-lo, a irmã o curará, certamente.

A Irmã de Caridade inclinou-se diante do jovem sacerdote; este, levantando a mão direita, abençoou-a, e depois, seguido pelo padre Dinis, deixou o quarto do enfermo.

Adriano aproximou-se dele no fundo da escada.

— Posso continuar ainda a confiar-me a si, meu padre?

— Sempre, meu filho... e enquanto aguardo que me dê indicações precisas, rezarei por si.

— Oh! sim, reze! reze! — repetiu Adriano — cuidado que Deus não lhe pode recusar nada.

Depois de os dois zelosos sacerdotes terem voltado a esquina da rua e terem deixado de se ver, o merceeiro chamou Menico.

— Ora escuta: todas as vezes que a senhora que está ao pé da cama do meu pai te chamar, tu obedeces-lhe como me obedecerias a mim mesmo. Se aquele senhor que aqui veio de carro há três dias, aparecesse nova-

mente esta tarde e perguntasse por mim, mandava-lo subir para o meu quarto. Agora deixa-te ficar na loja.

Adriano voltou para o quarto cinzento; a inquietação apoderou-se outra vez da sua alma. Ele tinha necessidade de ver Honorato Rameau; era preciso atrair esse culpado e colocá-lo na presença do homem de Deus.

Não julgava possível que um homem pudesse resistir à palavra dum sacerdote cujo olhar bastava para nos sentirmos profundamente abalados. Uma vez vencida a obstinação de Honorato, uma vez que o infeliz tivesse alcançado pela fé a coragem necessária para se acusar, Remígio Ciotat seria salvo e a dívida de Manrovéscio seria saldada. Mas que luta de opostos sentimentos não deveria sustentar Honorato até conseguir triunfar de si próprio. Só um milagre, e Adriano confiava exactamente num milagre.

Entretanto a noite avançava, e o filho do seu antigo patrão não aparecia. Nisto, começa a ouvir-se um ruído distante, que a pouco e pouco se torna mais nítido; é o trote do cavalo que se aproxima. Dentro de minutos, Honorato atravessa o estabelecimento e sobe ao quarto de Adriano.

— Senhor — disse este antes que Honorato o interrogasse — é-me impossível entregar-lhe imediatamente o papel que cá vem buscar. Não é aqui que poderei restituir-lhe esse escrito, tão importante para si, mas sim num lugar que lhe será indicado daqui a quinze dias. Eu encontrar-me-ei no sítio combinado para o encontro... o documento será posto lá antes desse dia. Não tente fazer-me mudar de resolução; ela é imutável... Aceita?

— Que remédio tenho senão concordar!; — disse Honorato com um gesto de cólera — mas você tem abusado um bocadinho demais da sua posição.

Honorato Rameau tornou a montar e foi-se embora numa corrida.

Aquela noite foi agitada para Adriano. As horas passadas em claro pareceram-lhe um século, e ao romper da manhã escreveu uma carta com a seguinte direcção: «Para Remígio Ciotat, na prisão de Marselha».

Doze dias depois, ante-véspera do dia combinado, escreveu ao filho de João Rameau estas breves palavras: «Inútil a sua vinda. Reflecti. Não conte comigo de maneira nenhuma».

O NÚMERO 2918

O palácio do intendente das galés de Marselha resplandecia de luzes; dos jardins chegava o som doce e velado dos instrumentos de arco: era daquela música italiana de que se serviam os cortesãos de Maria de Médicis para a adularem. Fidalgos de ricos uniformes, em trajes de gala, rodeavam damas nobres com vestidos de brocado e cintilantes de pedras preciosas.

Entre aqueles fidalgos viam-se alguns de aspecto grave para os quais estaria mais indicada a tranquilidade dum gabinete do que as árduas solicitações da guerra.

Malherbe, acompanhado de sua esposa, a bela Madalena de Coriolis, o pai da qual, depois da morte de Henrique IV recebeu o juramento de fidelidade dos Marselheses para com Luís XIII, cavaqueia com o seu amigo Francisco Duperrieu; Honorato de Urfé lê no d'Hozier, pesquisador de genealogias, alguns fragmentos da sua pastoral de «Silvanire».

Nicolau de Bausset, principal lugar-tenente do mordomo, escuta as curiosas observações do historiador António de Ruffi. Nicolau de Vanto, lugar-tenente particular, chama à parte o senhor de Guérin, primeiro procurador, e mantém com ele uma animada conversa.

— Afianço-lho, — repetia o senhor de Guérin — é coisa oficial e não há nada mais certo. O sereníssimo Gaspar de Séran, ecónomo do cabido, assegurava-mo hoje mesmo pela manhã. Ele recebeu todos os informes do próprio senhor de Ollières. O nosso Bispo, monsenhor Nicolau Coeffetau, recebeu um maço de cartas de Sua Eminência o Cardeal Giovan Francesco de Condé, e anuncia-lhe a próxima chegada a Marselha do capelão da rainha Margarida, nomeado desde há três anos Capelão geral das galés de França.

— E o intendente foi prèviamente avisado?

— O Bispo comunicou-lhe o despacho do cardeal.

Aproximou-se deles Malherbe.

— Tive já ocasião de conhecer pessoalmente em Paris o grande dignatário cuja chegada se anuncia... estou certo de que nem todos os títulos do mundo poderão diminuir de qualquer forma a sua modéstia e candura.

Conheço a região que o viu nascer, visitei a sua aldeia natal de Pouy; sentei-me à mesa frugal de Moras, sua mãe; convivi com os franciscanos de Arqs, aos quais lhe deve a sua educação; por toda a parte tenho ouvido louvar a sua modéstia; em toda a parte ele tem deixado vestígios inapagáveis da sua caridade. Este não é um homem como tantos que se encontram: é um apóstolo. Apesar de envergar uma batina remendada, pode dispor de milhões. E não lhes sei dizer se ele é um teólogo de fama, mas a sua eloquência é inatingível, portentosa. Recebido em audiência pela rainha d'Austria, pediu-lhe algum dinheiro. E para quem? Para os seus pobres, para os seus missionários, para os seus abandonados, que sei eu?... Ana respondeu que havia de pensar nisso, mas que naquele momento não tinha dinheiro à sua disposição. Ele sem se desmanchar, com uma suavidade irónica e atraente ao mesmo tempo, contentou-se com dizer-lhe: Vossa Majestade é Rainha e traz diamantes... Ana d'Austria tirou as pulseiras e deu-lhas!

«O seu génio abraça os pontos mais opostos; o génio é tudo aquilo que é sublime, e os grandes poetas não são os homens que sabem compor estrofes, mas os que criam obras imortais...»

— Mas vós sois injusto para convosco mesmo, Malherbe — interrompeu Duperrier.

— Não, não, — replicou o notável poeta. Todos os livros, produto da inteligência humana, hão-de perecer antes que sejam esquecidas as instituições deste antigo pastorinho, animado dum sopro divino. Ele evangelizará os campos, recolherá dos caminhos desertos os filhos do vício e da miséria; consolará os nossos prisioneiros, dar-nos-á legiões de anjos terrenos nas Filhas da caridade. Uma tal memória é imperecível. A Igreja há-de mencionar um dia o seu nome na lista dos Santos, mas a história tê-lo-á já registado no número dos seus grandes benfeitores.

Em volta de Malherbe tinham-se agrupado diversas damas e fidalgos, e o nome do Capelão geral das galés ia passando de boca em boca. Cada um narrava seu episódio daquela vida evangélica sacrificada ao bem de todos. Todos se alegravam pelo facto de o poderem ter algum tempo dentro dos muros de Marselha e perguntavam ao superintendente das galés quando chegaria o delegado de Monsenhor de Condé.

— O que lhes posso dizer — respondeu o intendente — é isto: que a informação recebida de Monsenhor Coeffebeau é formal, e assim, amanhã, o Bispo irá encontrar-se com

o amigo de Sua Majestade. As minhas carruagens estão já à sua disposição... e estão-se preparando para ele aposentos no palácio da Intendência.

Esta notícia foi o assunto do serão, e antes de se separarem, todos os convidados combinaram encontrar-se no dia seguinte por volta das dez na estrada que vai de Paris a Marselha.

E cumpriram a sua palavra. A carruagem de seis cavalos do superintendente das galés, o coche do Bispo, um cortejo numeroso de fidalgos a cavalo sairam da cidade para receberem a distância, com todas as demonstrações de respeito o Capelão geral das galés do reino. As damas, sumptuosamente vestidas, semi-ocultas nas carruagens ou nas liteiras, levavam sobre os joelhos açafates de flores com que desejavam homenageá-lo.

Uma multidão de pobrezinhos e de órfãos seguia o rico cortejo, ansiosos por receberem a primeira benção do amigo dos velhos, do pai dos aflitos. Os sinos da catedral, dos conventos, dos edifícios públicos tocavam sem interrupção; o povo saía em tropel de Marselha e a cidade ficava deserta. Era efectivamente uma festa, um regozijo geral, uma imponente demonstração do afecto ao gran-

de apóstolo do Evangelho, ao herói da caridade.

Às dez horas não chegou ninguém, bateram as onze, e as carruagens do Monsenhor capelão e da sua comitiva não apareciam. Era um murmúrio geral, uma ansiedade indescritível. Esperou-se até à tarde, mas sempre em vão. Ao anoitecer, o Bispo, o clero, os fidalgos e as damas tiveram de resignar-se a voltar para a cidade, perguntando desolados uns aos outros senão teria acontecido algum desastre ao amigo do Cardeal de Condé.

* * *

Se em vez de seguirem pela estrada principal, os senhores, as damas, os pobrezinhos e os curiosos se tivessem encaminhado por uma estradita secundária e àquela hora deserta, fustigada pelo sol, mais entristecida que sombreada pelos olivedos, teriam visto um pobre sacerdote, todo coberto de pó, a gotejar suor e apoiado à sua bengala. De vez em quando dirigia a palavra a um seu criado que parecia não suportar a fadiga da viagem com a sua coragem e espírito de sacrifício. Chegaram finalmente à cidade os dois viandantes e, tendo enfiado por uma rua de-

serta, dirigiram-se a uma pobre estalagem onde alugaram dois quartos miseráveis.

Quando se viu abrigado naquela espécie de celeiro, o humilde sacerdote comeu um bocado de pão duro e bebeu um copo de água; mandou servir uma refeição razoável ao criado, e depois, tirando da sua maleta um saquinho de dobrões de ouro, distribuiu o conteúdo por vários rolos e entregou metade ao criado.

— Lembras-te, disse-lhe, daquele pobre homem que ontem nos descreveu pelo caminho as suas piedosas aventuras? Pois bem; leva-lhe este vinte dobrões que o salvarão dum grande perigo... e tens aqui duas outras incumbências igualmente urgentes, e se te perguntarem quem te manda...

Oh! — interrompeu Firmino — eu respondo: a Providência de Deus!

No dia seguinte, o pobre caminheiro que tinha feito uma tão silenciosa e obscura entrada na cidade de Marselha, principiava a sua tarefa naquela antiga cidade fenícia; e nós já o vimos, quando salvou Remígio das desumanas pancadas de Pa-Thermute.

* * *

Enquanto o condenado narrava ao Paulinito as torturas da sua vida cotidiana e o mudozinho se esforçava por lhe responder, entremeando com os seus gestos falantes beijos e afagos, o forasteiro falava com Pa-Thermute e conseguia dele o poder visitar como incógnito o hospital da prisão e as galés.

O carcereiro receava bastante comprometer-se, mas o viajante encontrou na própria bolsa argumentos sólidos. Ficou assente que, ao princípio da tarde, quando a leva dos condenados por ele guardada reentrasse nas galés e todos estivessem nos seus lugares, ele poderia examinar à sua vontade a maneira como eram administradas as prisões e fazer uma ideia exacta da vida dos forçados.

O colóquio dos dois irmãos durou mais duma hora. Em certa altura, Robin Grivot fez sinal ao Paulinito, porque podia a mãe dele estar em cuidado por não o ver voltar, e o pequeno separou-se de Remígio, fazendo-lhe compreender que se tornariam a ver no dia seguinte.

Entretanto o condenado procurava lobrigar o seu inesperado protector: tinha desaparecido! Pa-Thermute ordenou com boas maneiras a Remígio que se fosse juntar aos

seus camaradas; e pela primeira vez, após oito anos de sofrimento, o filho de Julieta Ciotat que bendissera o Senhor nas provações, o bendisse pela consolação que lhe tinha proporcionado.

A tarde ia avançada, quando Pa-Thermute reuniu os seus homens e lhes deu o sinal de partida. Meia hora depois, os pobres galeotes estavam amarrados aos respectivos bancos. Nas suas expressões notava-se agora qualquer mudança e mudança notável. Um forçado que ficara a bordo, tinha apanhado no ar algumas palavras da animada conversa entre o carcereiro-chefe e os seus subalternos. Tinham compreendido que o Rei pensava neles; que a pedido dum homem venerado como um santo pela sua inexaurível caridade, ele criara uma nova função no Estado, investindo nele um membro do clero, e que um decreto publicado em Fevereiro de 1619, dava o título de capelão geral das galés do reino a um humilde sacerdote; o qual, depois de ter aceitado uma modesta cura de almas em Clichy, perto de Paris, começou a evangelizar as regiões próximas de Amiens, durante a sua permanência em Folleville.

A sua bondade, a indulgente equidade do seu espírito fazia com que o tivessem na conta dum verdadeiro sucessor do apóstolo que

repetia sem cessar estas palavras: «Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros»!

Era a primeira vez que se reconhecia ao forçado o direito de fazer ouvir um lamento e de apresentar uma súplica. Do fundo da sua prisão flutuante, ele podia erguer a voz e gritar: Sofro injustamente, e justiça será feita.

Foi um grande acontecimento para aqueles infelizes. Um pensava em implorar perdão, outro fazia o propósito de mostrar as pernas e os pés ensanguentados dos ferros; um terceiro suplicaria ao sacerdote que escrevesse por ele uma carta à mulher; todos apresentariam as suas razões, pedindo que fossem substituídos por homens mais humanos os odiosos carrascos que os torturavam.

Chegava a parecer que os condenados já tinham sido perdoados, tamanha era a alegria que lhes iluminava os rostos, desde que entre eles se espalhara a notícia da visita inesperada daquele homem, que era igual aos prelados de alta categoria, confessor da primeira mulher de Henrique IV, amigo de Luís XIII, conselheiro da Rainha Ana de Áustria.

A luz rompia já as trevas da noite e um raio de esperança lhes confortava os corações. Quem sabe se o rei, que nada negava àquele sacerdote tão humilde e tão bom, o

teria mandado para Marselha, a fim de conceder perdões? Que não tendo obtido para alguns dos condenados a liberdade, eles ficariam ao menos com a certeza de que não estavam já tão separados do mundo por não terem ninguém que pensasse em consolá-los. Vinha agora enviado para junto deles o padre, e antes mesmo de chegar, lançaram-se nos seus braços misericordiosos, e os seus corações estavam transbordantes de amorosa gratidão.

Os forçados que tinham voltado para bordo pouco depois da bela notícia dos companheiros da galé, haviam ficado presos ao banco. A noite ia avançando e os prisioneiros não cessavam de cochichar entre si; os carcereiros tentavam impor silêncio, mas em vão! Entretanto os guardas já não sentiam tanta vontade de utilizar o bastão. Um deles, tendo ameaçado sem resultado um prisioneiro, ouviu dizer em alta voz:

— Experimente! amanhã seremos vingados.

O guarda afastou-se resmungando e contentou-se em fazer ouvir um estalido da vara no ar.

Naquela noite não se dormiu a bordo das galés de Sua Majestade. Pela manhã todos se encontravam ocupados em limpar o navio;

tudo ficou arranjado, arrumado. Com o Capelão geral esperava-se a bordo o Bispo, o intendente das galés e os principais oficiais, todos pertencentes à mais alta nobreza de França.

Os noventa e dois soldados e os trinta marinheiros de cada galé tinham envergado os seus uniformes de gala. O pavilhão real, recamado de ouro, flutuava no mastro principal, e tudo em fim assumia o aspecto dum dia festivo. Lá em baixo, na prisão, os corações batiam em uníssono, e os forçados, comovidos, apertavam uns aos outros furtivamente as mãos.

O Capelão geral devia ter já chegado da cidade. Os oficiais que haviam assistido à festa dada no palácio da Intendência, iam contando o que tinham ouvido sobre o capelão ao poeta Malherbe e ao senhor d'Hozier. Esperava-se de minuto a minuto a chegada dos carros, e a impaciência começava já a ser geral. E era tão grande na prisão que tudo permitia o terror inspirado nos carcereiros pela eminente visita do enviado do rei para se deixarem de cometer cessos de severidade.

Os condenados preparavam já a sua revindicta, e as suas palavras de esperança não eram isentas de ironia contra os seus guar-

diões. Mas isto não era tudo; eles começaram a lançar-lhe em rosto as violências de que tinham sido vítimas, chegaram quase a ameaçá-los, e o nome do pacífico sacerdote que ia descer aos seus esconderijos para os acalmar, cedo se converte num apelo à revolta. Os carcereiros estavam indecisos; a continuarem as coisas naquele ritmo, a presença deles passaria a ser perigosa.

Finalmente, a bordo da galé em que se encontrava Remígio Ciotat,uma vedeta assinalou a aproximação dum carro da Intendência, que puxado por quatro cavalos, vinha em grande velocidade. Registou-se grande movimento sobre a ponte, tendo-se ouvido o ruído na prisão, e os forçados responderam daquele abismo com vivas entusiásticos e um fragoroso bater de palmas.

Um minuto depois o chefe dos carcereiros, mais ameaçador do que nunca, anunciava com uma alegria cruel aos forçados que tendo chegado o Capelão das galés, havia razão para crer que ele renunciara à sua viagem a Marselha.

A uma profunda estupefacção breve sucedeu entre as filas dos condenados uma cólera violenta. Os seus olhos, pouco antes resplandecentes de alegria, acenderam-se de raiva. Todos os punhos se cerraram, todas as

bocas vomitaram injúrias. O ruído era ensurdecedor, o tumulto indiscritível, a desordem espantosa a ponto tal que o carcereiro, apesar de habituado às revoltas da prisão, tremeu diante de indignação tamanha e de dor tão desesperada.

Escreveu no seu canhenho o nome de alguns condenados, e enquanto se aproximava dos três mais exaltados, um deles levantou a algema e, cego de furor, feriu-o na cabeça. Este recuou aterrorizado, depois enxugou com calma o sangue da ferida; subiu a escada e lá de cima, voltando-se para o seu agressor, disse-lhe:

— Lembra-te que hás-de ser despedaçado vivo..

Sem contar a ninguém a sua desgraça, deu ordem a um seu subalterno para avisar Pa-Thermute.

Este encontrava-se então em íntima e animadíssima conversa com um homem cujo rosto quase desaparecia sob as abas dum largo chapéu; uma capa velha e grosseira cobria-lhe os ombros e ocultava-lhe o traje.

Pa-Thermute respondeu qualquer coisa ao guarda que desceu a fazer o seu giro, e quando se viu sem testemunhas, disse ao estranho:

— Persistis na vossa resolução?

— Mais do que nunca.

— Mas vós sabeis que eles estão revoltados e que nem eu próprio me considero seguro?

— Não tenha receio algum, nem por si nem por mim.

— Então vinde comigo, — disse Pa-Thermute.

Encaminhou-se para uma escada irregular e o desconhecido foi atrás dele.

À medida que, descendo, se aproximavam daquela espécie de inferno em que estavam encerrados os galeotes, o tumulto ouvia-se cada vez mais nítido. O agressor do carcereiro uma vez serenado, ao lembrar-se da terrível ameaça do seu algoz, estremecia de terror e soltava gemidos que inspiravam compaixão.

Ouviam-se os gemidos, o soluçar, as blasfémias dos condenados. Os ferros bramiam, as algemas ecoavam profundamente no fundo do subterrâneo; notavam-se pancadas surdas e repetidas, como se algum infeliz tentasse despedaçar o crânio contra os flancos da galé.

Pa-Thermute tirou uma lanterna dum gancho, abriu a porta e entrou naquele sórdido antro. Quando os condenados o viram, foi uma nova explosão de gritos, de ameaças, de imprecações. O sub-carcereiro estendeu a mão diante do estranho para o impedir de

avançar, mas este olhando-o com a calma que lhe era habitual, fez um gesto com a mão para o tranquilizar e continuou em direcção aos condenados.

— Pa-Thermute pendurou a lanterna num prego e não se mexeu: mudo e impassível, queria ser testemunha do que iria acontecer.

O estranho tirou o chapéu de abas largas para melhor observar os que tinha diante de si; e sem qualquer receio da torva expressão daqueles rostos, aproximou-se justamente dos que lhe pareciam mais enfurecidos, e, com um tom de voz todo cheio de suavidade, disse-lhes:

— Meus bons amigos, porque razão achais vós hoje mais amargas as vossas penas, mais pesadas as vossas algemas?

Foi como se aquelas palavras compassivas e cheias de bondade lhes tirassem um peso do coração. Abaixaram os braços, tomaram uma atitude mais humilde; não ousavam falar, mas parecia-lhes todavia que aquele que os tinha interrogado podia aliviar-lhes os sofrimentos, amansar os guardas e infundir, em suma, alguma paz nos seus corações.

Ele passeava por entre os bancos dos condenados, e esperava que aqueles infelizes readquirissem toda a calma para lhe manifestarem as suas penas. Finalmente um

deles, mais ousado que os outros, o agressor do carcereiro, gritou:

— O que nós temos, digo-lho eu! Os outros calam-se e fazem bem! Os lamentos não saem do recinto deste inferno, e quando acreditámos que nos seria dado o direito de expor as nossas razões e que, pelo menos uma vez, nos seria feita justiça, sentimo-nos tão felizes, tão alvoraçados, que toda essa alegria se mudou em cólera, quando nos foi anunciado que já nada havia a esperar.

— Mas porque haveis de deixar de esperar, meu amigo?

— Ah! — continuou o forçado, — aqui não nos tratam como animais de carga, nada teríamos a replicar, mas como animais selvagens... Aqui nos algemam como aos tigres do parque real que eu vi uma vez em Paris... Nós nunca temos razão... Os chefes não admitem que os guardas das turmas se possam enganar. Se somos acusados, logo somos castigados. E que castigos! Açoitam-nos, flagelam-nos! Isto ainda seria muito pouco! O algoz, sempre o algoz, fura-nos a língua, morde-nos as orelhas, mutila-nos a cara... Eu, que levantei as minhas mãos algemadas para um carcereiro, vou ser torturado, vou ser despedaçado vivo.

O visitante — todo ele — tremia.

O condenado continuou:

— Há dois dias, circulou entre nós uma notícia que aligeirava o peso das nossas cadeias. Espalhara-se o boato de que um homem de Deus, um anjo em forma humana, comovido com as nossas misérias, obtivera do rei a missão de visitar as galés.

«Todas as nossas esperanças se voltaram para ele, porque enfim, neste antro em que se sufoca, em que lentamente se morre, há infelizes que expiam faltas relativamente leves, como a caça clandestina e o contrabando! É horrível, senhor! Eu matei um guarda do rei... sem premeditação, num momento de ira... Alguns dizem que estão inocentes; mas inocentes ou culpados, para todos a mesma vida de galé: todos separados do mundo dos vivos... não podemos ver mais ninguém, além dos carcereiros... nem sentir outra coisa mais do que o ferro do algoz.

— Continua, no entanto, meu amigo, — disse o estranho com voz comovida.

— Recebemos uma alimentação insuficiente, dormimos sobre estes bancos, sempre cobertos com este uniforme de infâmia... As nossas mães, as nossas irmãs, as nossas mulheres não têm sequer o direito de chorar connosco... Se por acaso um amigo, um parente nos reconhece no porto onde trabalha-

mos e tenta dirigir-nos uma palavra, é logo afastado bruscamente.

«O nosso nome de cristãos, se acaso os forçados o conservam ainda, estiola no nosso coração, porque nos falta um sacerdote... E no entanto ninguém tem mais necessidade dele do que nós, e se um descesse ao meio deste inferno, juro-o em nome de todos, ele não receberia senão demonstrações de respeito e de reconhecimento...

«Mas a autoridade adivinhou sem dúvidas o que faria por nós o Capelão das galés, e por isso soubemos que não virá visitar-nos. Esta notícia foi para nós um golpe terrível, e a alegria pelas esperanças já concebidas degenerou numa explosão de cólera. Estamos abandonados, abandonados de todos, amaldiçoados!

— Não, meu irmão, vós não estais abandonados; o que vós esperáveis, ouvirá as vossas queixas, fará com que vos seja feita justiça; ele virá ao meio de vós como um irmão... e vós não tremereis com a sua presença, não o haveis de temer... porque ele há-de apertar-vos a mão como agora vos faço eu, e pedirá a Deus como eu lhe peço para que vos fortifique e vos abençoe...

— Então ele vem? — exclamaram a um tempo os forçados — vós prometei-no-lo?

— Sim, prometo.

O visitante aproximou-se dum velho, dizendo:

— Que desejaríeis vós dele?

— O perdão dos meus pecados. Pesam sobre os meus ombros oitenta e quatro anos, e tremo ao pensar que tenho de comparecer dentro em pouco diante do eterno Juiz!

— O arrependimento apaga todas as culpas, meu amigo.

— Eu — interrompeu um rapazito — hei-de queixar-me do peso destas algemas, elas despedaçam-me os ossos.

— Jesus arrastava uma cruz muito mais pesada! — disse o desconhecido, — e era filho de Deus!

— Eu hei-de suplicar-lhe que me obtenha autorização para ver os meus filhinhos, — disse um outro forçado chorando convulsivamente.

—E haveis de abraçá-los, meu amigo.

— Eu pedirei que sejam punidos os nossos cruéis guardas — disse, levantando-se, um cujos olhos chamejavam.

— O ministro de Deus, — respondeu o desconhecido — é mensageiro de paz e de perdão. Vós perdoareis, e muito vos será perdoado.

O visitante encontrava-se agora junto dum

condenado que, sentaddo no seu banco, com a cabeça apoiada nas mãos, se mantinha completamente estranho ao que se passava à sua volta. O estranho colocou-lhe a mão direita nas costas, e o forçado, erguendo os olhos, soltou um gemido.

— Vós! vós! — foi quanto pôde exclamar, porque reconhecera no visitante o estranho que o tinha salvo uma vez da ira de Pa-Thermute.

— E tu não tencionas pedir nada ao Capelão geral das galés?

— Ele vem demasiado tarde! — murmurou o jovem, abatido.

— Tarde, dizes tu? E porquê?

— Ah!... vós sois bom senhor, — disse Remígio — e eu sinto-me tão atraído para vós que os meus segredos se evolam... Parece-me que vós, que me destes a liberdade de abraçar o meu irmão, o meu Paulinito, podereis ainda mais... porque Deus ama-vos e vós amais os infelizes... Acreditai-me: de todos os que penam neste inferno, ninguém é mais miserável do que eu... A minha dor transporta-me... e sai, sai como a onda enfurecida, e desaba sobre mim e esmaga-me... Sinto perfeitamente que o desespero me levará a qualquer acto desesperado...

— Ânimo, meu filhinho! — interrompeu o

com voz suave desconhecido, — afasta esses tristes pensamentos.

— Se vós soubesseis tudo, — prosseguiu o condenado — se vós pudesseis ver até ao fundo dos meus sofrimentos... Precisava de vos dizer tudo, precisava de poder ter tempo para vos falar...

— Mas fala, fala; eu escuto-te.

— Mas, e o guarda?...

— O guarda não é tão mau como parece.

— Ouvi, senhor, se vós duvidais de mim, da verdade da minha narrativa, retende-me desde a minha primeira palavra... Ser acusado de mentira far-me-ia um mal horrível, um mal maior neste momento do que todas as torturas sofridas... Nenhum sofre aqui tanto como eu... Todos me odeiam, tanto os carcereiros com os forçados... Eu não me posso adaptar à sua vida; não temo os primeiros... não falo com os outros. A sua educação não é a minha... nem a minha história tem qualquer semelhança com a deles... Eu arrasto um peso que seria demasiado para os seus ombros... são para mim os restos das suas gamelas imundas... são atribuídas a mim as culpas deles.

Não se me perdoa o facto de eu manter o meu decoro, de eu vigiar sobre a minha alma!... Ah! senhor, sobre a cabeça daquela

criança que apertei nos meus braços, sobre a de minha mãe, a esta hora moribunda, sobre a cruz do nosso divino Salvador, eu lhe juro: estou inocente...

O desconhecido fixou o olhar no de Remígio. A luz avermelhada da lanterna iluminava com luz mortiça esta cena tocante. Remígio, com os braços em cruz sobre o peito fortemente abalado, mas com a firmeza que a verdade comunica, teria desejado que toda a sua alma transbordasse pelos olhos, afim de no visitante se dissipar qualquer dúvida, se acaso a tivesse concebido. Mas este, colocando a mão sobre a cabeça do jovem em sinal de protecção, falou-lhe nestes termos:

— Deus disse: «Faça-se a luz» e a luz foi feita.

E dos olhos de Remígio deslizaram lágrimas.

— Sim, — prosseguiu o desconhecido — a luz será feita... e toda a verdade resplandecerá...

— A luz poderia brilhar, se o defensor que esperávamos tivesse vindo!

— Que teria ele feito, meu filho?

— Ter-me-ia obtido autorização para me ausentar por cinco dias... Vê esta carta endereçada ao número 2918? Este número é o meu... Se amanhã eu pudesse sair, iria numa

corrida em busca da prova da minha inocência... essa prova que tanto tenho pedido ao Senhor... minha mãe seria salva, porque é o desgosto que a mata... Cinco dias! não peço senão cinco dias de liberdade... e há oito anos que sofro o martírio.

— E quem te manda esta carta?

— É um mistério! Quem escreveu estas linhas parece que receia comprometer-se... aconselha-me a evadir-me, se não obtiver a autorização! Não é o castigo que me aterra... mas se a minha tentativa falha, tudo está perdido... Ah, a carta é definitiva... Antes de amanhã é forçoso que eu tenha obtido essa autorização, de contrário ponho termo aos meus dias...

— Meu filho! — exclamou o desconhecido — esse delito é imperdoável.

— Ah! tenho sido paciente os dias e os meses... Enquanto não vi ninguém ligado aos meus sofrimentos, esforcei-me por aceitá-los... Ia dizendo comigo mesmo: A coragem em suportar a provação, há-de merecer-me tornar a ver minha mãe; ela sabe que eu estou inocente, como o sabe o meu Paulinito. Quando os dez anos de tortura tiverem passado, pensava, iremos juntos para longe...

Mas tudo mudou, desde que um mendigo me entregou a ocultas esta folha de papel...

Era o céu que se abria, posso ser livre, não livre como o hei-de ser depois de ter suportado até ao fim uma pena infamante, mas livre e reabilitado perante minha mãe, perante todos. Era isto que eu diria ao capelão enviado pelo rei. Ele havia de ouvir-me; falaria ao Intendente e dir-me-ia: Parte! e eu correria ao sítio indicado, obteria a prova da minha inocência e mostrá-la-ia a toda gente. Esta ideia, esta esperança exaltava-me até ao delírio... Passei quinze horas a ruminar neste projecto, e não me resta mais do que precipitar-me no fundo do mar, se for iludido na minha esperança...

— Tu não morrerás! — exclamou o estranho... — Não quero que tu morras!

— Então fazei que eu viva livre debaixo do céu e restituir-me-eis a honra perdida!...

— Meu amigo, — acrescentou o estranho num tom de voz triste e suave — tu exageras o poder que o Rei conferiu ao Capelão geral das galés. Nunca ele te poderia alcançar cinco dias de liberdade... Mas é preciso alimentar toda a esperança. Onde Deus está, porque se há-de duvidar do milagre? Deus encontra-se sempre com os que choram...

— Ah! vós, vós estais interessado em obter...

— Eu vou ouvir aqueles outros teus com-

panheiros que me chamam... antes de partir deste lugar, voltarei ao pé de ti.

O estranho continuou a prestar atenção às reclamações daqueles infelizes. Às vezes parava, punha um dedo na testa para fixar melhor aquilo que não queria esquecer. Os condenados que se dirigiam, sentiam-se comovidos com o seu olhar, com o tom da sua voz...

Pa-Thermute, que tinha visto a inutilidade das mais ferozes repreensões, ia pensando e tornando a pensar que segredo possuía este homem tão simples para amansar num momento aqueles espíritos ferozes.

— Voltareis até junto de nós? — perguntaram-lhe cem vozes ao mesmo tempo.

O desconhecido sorriu de maneira misteriosa. Subiu com Pa-Thermute até metade da escada que levava à tolda, e estabeleceu-se entre eles uma animada conversa.

Via-se perfeitamente que Pa-Thermute estava negando um pedido que lhe fazia o visitante. Este tirou da algibeira uma pesada bolsa e deu-a ao carcereiro.

— Quereis subornar-me?

— Meu amigo, será preciso que eu lhe mostre novamente o pergaminho que já conhece? Não se trata de o subornar, uma vez que eu poderia sem mais nada obrigá-lo a

obedecer. Dou-lhe algum ouro para o auxiliar no caso de ter necessidade, ou para lhe facilitar qualquer acto de caridade, no caso de não desejar qualquer auxílio ou compensação pelo incómodo que lhe causei, além do seu trabalho habitual.

Pa-Thermute, tranquilizado, começou a achar menos estranha a proposta do desconhecido, o qual, pegando novamente no pergaminho selado que o carcereiro conhecia, disse-lhe:

— O que é que o senhor tem que temer? Tem de responsabilizar-se por 108 homens da sua galé, 108 ficarão. Será chamado o número 2918, o número 2918 responderá.

Pa-Thermute olhava alternadamente para o saquinho do dinheiro, para o pergaminho e para o visitante; ficou ainda um momento indeciso, até que respondeu:

— Vou chamar o forçado!

Os forçados não haviam podido compreender nada da conversa de Pa-Thermute e do visitante. Remígio Ciotat, convencido de que este não faltaria às promessas feitas, aguardava-o com uma impaciência febril, quando vê aproximar-se o guarda; Pa-Thermute desprendeu silenciosamente o anel que ligava Remígio ao banco da galé e disse-lhe:

— Quero falar-te!

Remígio foi atrás de Pa-Thermute, o qual, deixando-se ficar ao fundo, perto da escada, deixou livre Remígio numa conversa com o estranho.

— Tu afirmas estar inocente, e eu acredito nas tuas palavras. Pediste a Deus que te restituísse a liberdade, e serás livre... Vai pois buscar o papel precioso que há-de atestar a tua inocência. Pediste cinco dias de liberdade... mas deve ser-se previdente... se esse tempo não te chegar, prolonga a tua ausência; não deves voltar aqui sem estares de posse do documento que te foi prometido. Tenho confiança em ti, e sei que não serei enganado. Vamos, — continuou o visitante, voltando-se desta vez para Pa-Thermute — tire-lhe as algemas, desprenda-lhe os grilhões.

Remígio julgava estar sonhando. Chorava, apertava, beijava as mãos do desconhecido. Este olhava para o seu protegido com uma expressão inefável. Tudo o que a mansidão tem de mais divino se exprimia no seu olhar e brilhava no seu sorriso.

Ouviu-se um rumor seco; tinham caido as algemas de Remígio. O jovem agradecia pela centésima vez ao seu libertador, quando recuou estupefacto, aterrado, recusando crer no que os seus olhos viam... O estranho colocava tranquilamente um pé sobre um ban-

quinho, e Pa-Thermute fechava na cavilha as algemas de que Remígio tinha sido solto.

— Impossível, impossível, jamais o consentirei; — gritava o jovem — já não aceito o vosso benefício.

— E a tua mãe, meu filho?

Remígio deu uma pancada na testa.

— É tarde demais, Remígio, para revogar uma decisão de que depende a tua honra ... Vai, eu fico como refém... o que são cinco dias de sofrimento, comparados com os oito anos de padecimentos que suportaste? E além disso, meu amigo, podes estar certíssimo de que a certeza de te proporcionar um meio vitorioso para responderes a uma acusação injusta, nem me deixa pensar que trago as algemas e que sou um remador nas galés do rei.

Remígio ajoelhou, e desta vez foi aos pés nus e algemados do visitante que ele levou os seus lábios trémulos.

— Deus seja contigo, meu filho, — disse o refém com fervor. Apertou-o nos braços, abraçou-o por um momento e depois:

— Parte, — disse-lhe — tudo está terminado.

Decorrido um minuto, o novo número 2918 era ligado ao banco que Remígio havia abandonado. No ergástulo reinava então a

escuridão mais profunda. Pa-Thermute subiu de novo até à coberta, ajudou Remígio a mudar de fato, indicou-lhe a escada de madeira posta nos flancos da galé, entrou num barquito, entregou os remos nas mãos do jovem e em voz baixa:

— Força, rema!...

— Eu volto — respondeu Remígio Ciotat.

— É o teu dever — replicou o guarda.

O batelzito afastou-se silenciosamente, e Pa-Thermute voltou à tolda, murmurando:

— E promete voltar! Estivesse eu no lugar dele, e eu lhes diria se voltava...

Enquanto Remígio impelia o barquito para um recanto em que lhe seria mais fácil abordar, pareceu-lhe ver na penumbra, perto dum montão de fardos e de lenha, um homem que observava cheio de curiosidade os seus movimentos e o seguia com um olhar persistente.

Remígio, amedrontado, afastou-se tão ràpidamente quanto lho permitiam as pernas debilitadas. O que, por certo, ele não suspeitava era que aquele que espiava, que o tinha visto abandonar a galé, descer no batelzito e desembarcar em terra, era Honorato Rameau, o filho do seu antigo patrão!

AS GARGANTAS DE OLLIOULES

Honorato acalentava a esperança de que chegaria finalmente o dia da sua plena liberdade com a destruição do documento comprometedor que o mantinha na dependência de Adriano. Os quinze dias marcados pelo antigo criado de seu pai haviam-lhe parecido um século. Tinha-os passado em Marselha entre a turbação e a expectativa e devorado pela febre da impaciência que crescia de intensidade à medida que se aproximava o dia fixado. Espiava as pessoas da pensão em que estava hospedado, subia e descia as escadas vinte vezes por dia, a perguntar se tinha chegado alguma carta com a sua direcção. Já receava ter sido esquecido, quando reconheceu Menico a correr, mirando as tabuletas dos estabelecimentos e das pensões para ter a certeza de que se não enganava.

Honorato chamou uma criada, mandou vir uma garrafa de vinho generoso e dois copos, e mandou subir o pequeno mensageiro para o seu quarto. Menico cumprimentou,

tirou do chapéu uma carta e entregou-a a Honorato. Este rasgou ràpidamente o sobrescrito, leu, empalideceu e caiu numa cadeira, murmurando: Miserável!

Menico, que não contava com este estratranho resultado da sua incumbência, ficou hirto, mudo diante de Honorato, segurando com uma das mãos a parte superior do chapéu e fazendo-o girar com a outra.

Um quarto de hora depois é que Honorato advertiu que não estava só. O seu olhar ardente, vivo, fixou-se no rapazito, reflectiu um momento, por fim encheu a transbordar um copo de vinho ofereceu-o a Menico.

— Bebe, — disse-lhe — tu deves estar cansado.

— Tão cansado que com certeza não volto a pé para Brignoles! Só quem experimenta é que sabe ver a distância... Tenho as pernas, que nem as sinto...

— E como estás tu quanto a dinheiro?

Quanto tens na algibeira?

— Um escudo, um belíssimo escudo soante e novinho em folha!

Nunca tiveste ouro?

— Eu?

— Sim, tu.

— Nem por sonhos! o ouro não é para os pobres.

— Mas uma pessoa deixa de ser pobre quando... Outro copo de vinho, Menico.

— Uhm... O senhor é muito boa pessoa, e isto também é muito bom; parece feito de propósito para empurrar para baixo a poeira engolida na estrada; mas não estou habituado a vinho tão forte, e se bebesse outro copo, não mais era capaz de reconhecer a estrada de Brignoles.

— Não faz mal, — respondeu Honorato com estudada indeferença — eu mando-te lá levar.

— Numa carruagem, como um senhor? — perguntou Menico pousando o copo vazio em cima da mesa — na sua carruagem, com aqueles belos cavalos... mais bonitos que os do Governador da Provença!...

— Os teus pais ainda são vivos? — perguntou Honorato sem se desviar do fio das próprias ideias.

— Eu já nem um tio tenho no mundo! Não conheço senão os meus patrões, o velho Manrovéscio e Adriano. Dizem que fui encontrado uma noite, à beira-mar, era ainda pequenino, estava perdido e gritava, gritava que metia dó. Alguém me levou para Brignoles; Adriano tomou-me ao seu serviço e sinto-me bem.

— E gostas muito do senhor Adriano?

— Dele e do velho; nem se pergunta.

— E se tu pudesses prestar um grande serviço ao teu patrão...

— Iria a pé a Toulon.

— Não é preciso tanto, meu rapaz. Gosto de ti; és um bom rapazinho, reconhecido e honesto... Portanto bebamos como bons amigos.

— Com muita honra! — disse Menico esvaziando lentamente o copo cheio por Honorato, mas desta vez pô-lo com dificuldade em cima da mesa, esboçou um gesto de riso e pegou na garrafa para se servir a si mesmo.

Então o filho do banqueiro pegou-lhe no braço, porque se lembrou de que os fumos do álcool eram capazes de ofuscar totalmente o espírito de Menico.

— Ora diz-me cá: tu deves ter percebido que no cérebro do sr. Adriano fervilha qualquer coisa séria... Reflecte bem nas minhas palavras, Menico, e procura lembrar tudo na tua memória... Aconteceu alguma coisa ao teu patrão?

— Ao certo, não sei.

— Ele tem recebido visitas?

— Ah! lembro-me. Sim, esteve lá o padre Dinis e outro padre...

— Sabes o nome do outro padre?

— Não; ele tem uma cara de santo e o patrão Adriano falava-lhe com um grande respeito. Olhe: estiveram lá exactamente no dia da sua última visita.

— Antes, ou depois de mim?

— Antes.

— E nunca mais os vistes?

— Não... mas a... a... Irmã de Caridade ficou.

— E desde esse dia, que tem feito o teu patrão? — perguntou Honorato, o qual começava a farejar que as coisas lhe corriam mal.

— Falava com a Irmã e cuidava do pai...

— Não tem escrito nada?

— Sim, duas cartas.

— Ah! duas cartas! se o teu patrão não tem saido, mandou-tas levar a...

— Com certeza; mas parece-me que o senhor é muito curioso, — respondeu Menico, já a sentir-se perturbado.

— Ora! Queres agora passar por mau? Vamos lá, homem: outro gole, e fala com toda a confiança, porque, no fim de contas, trata-se da felicidade de Adriano... e... toma; estes luíses de ouro são para ti!... dez, quinze! Agora já estás convencido de que quero o teu bem e do teu patrão?

— Quinze luíses!... duas cartas! Sim, o

sr. Adriano escreveu duas cartas... a si já lhe dei a sua...

— Sim, mas a outra? A quem a levaste?

— A... um homem infame e num lugar mais infame ainda... Uh! só de pensar nisto sinto arrepios! Mas pelo sr. Adriano eu era capaz de me deitar a um poço, oh, se era!... O senhor esteve no porto... viu as galés?...

— Então?... — perguntou Honorato, sacudindo o braço do rapaz.

— Ah! não; esteja quieto... você dá-me cabo do braço, você... e depois estou cansado!... e a... a garrafa está despejada... quinze luíses!... Ah! sim, o nome daquele ventas de patrulha... não me lembro!... Parecia um mastim de uniforme... trazia na mão um molho de chaves... Uh! a modos que lembra patarata... Pa... Paterac... curioso! Ah!... Patermútolo...

— Levaste então uma carta a bordo duma galé, não é verdade? — replicou com simulada brandura Honorato; — era isso mesmo que eu queria saber... e entregaste-a ao padre...

— Ao padre Muto, Padremuto... é assim que lá lhe chamam. É talvez uma alcunha que dão ao carcereiro!... Em todo o caso o senhor afiança-me que é só... com certeza... só para bem do senhor Adriano que me faz falar...

Ah! sinto todo o peso da estrada que andei... as pernas já não me aguentam... e depois o vinho é muito bom... o vi...

Menico estendeu os braços, cruzou-os, apoiou neles a cabeça e adormeceu.

Honorato chamou o hospedeiro.

— Eu suponho que o senhor me pode arranjar uma carroça, um carrito qualquer para reconduzir este rapaz a Brignoles. Está aqui um dobrão para pagar o frete, e recomende o rapaz ao cocheiro.

Honorato embrulhou os quinze luíses de ouro no lenço de Menico e sacudindo-lhe a algibeira, disse:

— As informações que me deste valeram bem o dinheiro.

Poucos minutos depois, o criado levantou nos braços o rapaz adormecido, acomodou-o sobre uma pouca de palha em cima do carro, chicoteou o animal, e assobiando tomou pela estrada que conduzia à aldeia em que habitava o merceeiro.

Honorato encontrara o fio da meada; tinha apanhado no ar os projectos de Adriano. Quando se encontravam ambos em conversa, Adriano, deslumbrado com a promessa dos vinte mil francos, não punha dificuldade alguma em ceder o papel fatídico. Dera-se um

acontecimento inesperado entre a primeira e a segunda visita de Honorato.

O padre Dinis tinha despertado o remorso no espírito de Adriano: o companheiro do prior de Brignoles gozaria porventura de influência sobre o espírito de Adriano? E a Irmã de Caridade, denominação nova, mas para ele ameaçadora, sobre o pretexto de vigiar o enfermo, não estaria ela ali para dirigir uma conjura?

Tudo isto eram dúvidas que assaltavam o espírito de Honorato; e a verdade é que Adriano conservava o papel comprometedor, para o poder confiar a Remígio Ciotat. Ter-lho-ia já enviado na carta mandada levar por Menico à prisão? Mas uma carta corre grande risco de se perder antes de chegar ao seu destino; e quando mesmo chegasse às mãos dum carcereiro, quem podia afirmar que ela seria entregue ao condenado? Não a carta de Adriano não podia conter senão um aviso.

Aquela carta prometia com certeza a Remígio a prova da sua inocência; tudo se reduzia portanto a impedir que Adriano cumprisse a palavra. Para conseguir o seu intento, Honorato resolveu vigiar durante algum tempo a casa de Brignoles e as galés. Já obtivera algumas informações por intermédio de Menico; graças ao nome extravagante do

carcereiro, era possível saber em que galé se encontrava detido Remígio. O filho do banqueiro tinha dinheiro e uma vontade de ferro; estava disposto a arrebatar à viva força das mãos de Adriano a prova da própria infâmia; astuto, incansável, seguia as pisadas do inimigo com uma persistência digna dum «detective» de Londres; farejava, esquadrinhava por toda a parte sem respirar, sem conceder a si mesmo um minuto de paz.

Quando Menico despertou do pesado sono da embriaguez, julgava sonhar e conservava uma reminiscência confusa de haver revelado um segredo. Os quinze luíses de ouro que encontrou na algibeira confirmaram as suas apreensões. Teve vergonha e medo. Correu logo ao jardim a esconder o dinheiro e jurou a si mesmo não mais aceitar recados para um homem que tinha um vinho tão comprometedor. Mas Honorato procurou-o, encontrou-o, assustou-o, recordando-lhe as confidências que tinha feito, e conseguiu dominá-lo por tal forma, que o desgraçado, sem ser um malvado, passou a ser um espia do patrão.

Certo de que tinha já agora um informador exacto de tudo o que pudesse acontecer de importante em casa do merceeiro, Honorato já não pensou senão em vigiar atentamente a galé de Pa-Thermute. De dia e de noite, lá estava ele no porto, bisbilhotando, palrando, vestido ora dum modo ora doutro, até que na terceira noite viu um homem que desceu duma galé para um batelzito e depois abordou. Tê-lo-ia reconhecido ainda mesmo entre mil, era Remígio Ciotat.

O forçado fugiu! Honorato pensou em correr atrás dele, agarrá-lo à viva força, avisar a polícia para fazer reconduzir ao banco da tortura... mas reflectiu que esta captura daria que falar; veria o seu nome publicado, Remígio mostraria a carta de Adriano, carta que devia conter indicações e conselhos, e o criado de João Rameau apresentaria à justiça o fatídico papel de que, a todo o custo, ele se queria apoderar.

O mais simples, o mais seguro portanto era seguir os passos de Remígio sem ser descoberto. Embrulhado num amplo capote de carroceiro, com o rosto quase totalmente escondido pela aba larga do chapéu, não era fácil reconhecerem-no.

Remígio Ciotat provàvelmente só conhecia Marselha de nome. Sentia instintivamente a necessidade de se afastar da cidade, sob pena de se enganar no caminho e de se cansar inùtilmente.

Pela manhã aproximou-se do primeiro

viandante que encontrou e pediu-lhe que lhe indicasse a estrada de*** Aquiesceram de bom grado ao seu pedido, e Remígio continuou o caminho, embora entorpecido e quebrantado pela longa e fatigante viagem. A carta de Adriano era vaga e ao mesmo tempo precisa, não tinha assinatura, porque aquele que possuía as provas da inocência de Remígio não queria arriscar-se a ser reconhecido. Porém as particularidades do itinerário e as fases a realizar estavam escrupulosamente indicadas; o lugar marcado eram as gargantas de Ollioules, sítio deserto e selvagem; podia cometer-se ali em pleno dia um furto ou um assassínio sem receio de ser visto e perseguido.

Segundo as indicações recebidas, Remígio devia entrar na taberna situada na bifurcação das goelas, no caso de não encontrar marcada a cal uma grande cruz; aliás continuaria o caminho e, chegado à **Casa do Pastor**, subir a escarpada ladeira, e a meia-encosta da alta rocha de granito remover uma volumosa pedra quadrada; encontraria debaixo desta o documento. Se o documento se não encontrasse debaixo da pedra, devia entrar na casa e espreitar através da janela até que aparecesse um homem que agitaria um papel e colocaria sob uma pedra marcada e fácil de reconhecer. Finalmente, depois de o portador se ter afastado, Remígio podia apoderar-se do papel que a todos provaria a sua inocência.

Pobre rapaz! Caminhava embalado pela esperança da sua próxima felicidade. Quando viu a natureza mudar de aspecto e erguerem-se sobre as vistas dos despenhadeiros blocos de pedra gigantescos e solitários, não deixando no meio mais do que um estreito atalho, oh, que conforto desceu a alegrar-lhe o coração! Cada passo que dava, mais o aproximava da meta das suas aspirações. Não tardou a descobrir um grande ramo de sempre-vivas pendurado no tecto dum miserável casinhoto. A sempreviva, que agora faz a fortuna da pobre aldeia de Ollioules, era a única planta que crescia naquelas rochas. A taberna, como de resto as pouquíssimas casitas dispersas por aquele lugar, não eram edificadas segundo as regras da construção, mas encravadas na rocha viva. A taberna introduzia-se no interior da rocha e consistia totalmente em dois pequenos compartimentos. O fumo saía por uma abertura feita na rocha; duas estreitas janelas davam para a garganta. Para atingir a taberna, tinha de se trepar por um maciço natural formado por camadas de rocha.

Designavam-se pelo nome de **Taberna do**

Rei, em lembrança da paragem que ali fez Carlos IX numa das suas excursões.

Remígio subiu pelo íngreme atalho, empurrou a porta e entrou. Dois homens de aspecto sinistro estavam bebendo a um canto e falavam em voz baixa; o taberneiro com uma faca fazia incisões numa varinha, processo assaz primitivo de mencionar as garrafas esvaziadas pelos fregueses. Como vendia liberalmente a crédito, nunca havia com ele discussões sobre o número das marcações feitas, se acaso ele acrescentava uma ou duas quando o freguês se decidia a saldar a sua dívida; efectivamente ele nada mais recebia do que o lucro que lhe era devido pela transacção comercial.

Apenas entrou, Remígio lançou um olhar para a parede da chaminé, e um raio de sol iluminando os tijolos enegrecidos, pronto fez brilhar a cruz branca traçada de fresco. Se o rapaz tivesse ainda alguma dúvida, à vista daquele sinal ela tinha-se desvanecido. Contavam pois com ele, vigiavam-no, dentro duma hora estaria livre, salvo reabilitado! Sentia-se impelido a correr ao lugar indicado na carta misteriosa; soube porém refrear a sua impaciência e avançando para o taberneiro mandou vir pão, vinho e queijo de cabra. Remígio estava debilitado e comia com apetite.

Entrou um outro freguês que, a julgar pela aparência, parecia um carroceiro. Este sentou-se defronte de Remígio Ciotat, pediu um copo de aguardente e apoiou os cotovelos na mesa.

Remígio não lhe prestou atenção e continuou a devorar o pão e o queijo. Tinha uma pergunta a fazer ao taberneiro, pergunta na aparência indiferente, relacionada com assuntos para ele tão graves que hesitava em lha fazer. Finalmente decidiu-se, e com voz pouco firme disse:

— Podia ensinar-me o caminho que vai dar à **Casa do Pastor?**

— Deseja mandar ler a sua sina? — respondeu o taberneiro rindo. — Essa casa cheira a inferno; mas isso não impede que os rapazinhos obstinados em qualquer aventura amorosa corram para lá, a fim de mandarem ler a sina a esse tal feiticeiro. Dizem que ele tem o segredo dos filtros, dos encantamentos, e sei lá que mais?!...

— Palavra?... — exclamou nessa altura Remígio, satisfeitíssimo por ver a conversa a enveredar para o gracejo.

— Isto é o que se diz pelas redondezas... Calculo que a esta hora não encontra essa velha raposa. De dia vai à procura de amuletos, e de noite, no crescente, vai colher ervas.

— E mora?

— Perto; logo acima da casa dele, pintados na rocha como penachos, verá três tamarindos.

— Obrigado, — respondeu Remígio.

Nesta altura o carroceiro levanta-se atira uma moeda de prata para cima da mesa e sai.

— Este paga bem mas não tem educação — disse o taberneiro metendo a moeda na gaveta.

O falso carroceiro desceu ràpidamente os degraus da rocha.

— Óptimo, — exclamou Honorato; — já sei que o encontro é na casa do pastor. O que deve entregar o papel a Remígio virá certamente só. Eu chegarei primeiro, obrigo-o a dar à força, se for preciso, o papel, destruo-o... e depois... e depois sempre quero ver quem é que há-de ser capaz de tornar a extorquir-me uma assinatura neste género!... Há oito anos já que o pensamento daquela assinatura me perseguia, todas as cartas que recebia me pareciam recordar a existência dela; se eu tivesse casado com a minha namorada, sempre gostava de ver aquele papel em cima do contrato de casamento. Quem encontrarei eu nesta entrevista. Adriano?

Tanto pior para ele! Com certeza que eu

não me vou deixar prender pelo laço das suas promessas.

Banhava-lhe a testa um suor frio; caminhava a passo rápido, ansioso por chegar cedo, por se apoderar do papel antes que a presença de Remígio viesse complicar o negócio.

Não tardou a avistar a parte superior dos tamarindos, e no meio da sua leve folhagem pareceu-lhe ver sair qualquer coisa. De facto, um homem desceu por um carreiro de cabras, lançou um olhar pela casa deserta, inclinou-se, removeu uma pesada pedra, pô-la ao lado, tirou da algibeira um papel, colocou-no no lugar ocupado pela pedra e pôs-lhe outra vez a pedra em cima, de modo que se não pudesse notar nada de novo. Inclinou-se para ver se a pessoa que esperava tinha vindo, tornou a subir os degraus da rocha e desapareceu.

Honorato apressa o passo e chega ao lugar; à pressa afasta a pedra, pega no papel, esconde-o junto ao peito e retira-se. Neste momento dois braços vigorosos agarram-no pelos ombros, ele vacila por instantes, até que consegue tornar a pôr-se de pé, apalpa ràpidamente no cinto de couro, volta-se e dá de caras com Adriano.

Estão ambos calados, os seus olhos flamejam. Adriano está desarmado, mas os seus

braços vigorosos conseguem imobilizar Honorato! todos os seus esforços tendem a levantá-lo e a fazê-lo rolar pelo caminho. Então, certo de dominar o miserável, vai tirar-lhe a prova do delito e poderá entregá-la a Remígio. Mas Adriano não sabe ainda do que é capaz aquele que quer tornar a ser senhor de si mesmo e aniquilar a prova duma infâmia. No momento em que Adriano, reunindo todas as suas forças, aperta o corpo de Honorato e se prepara para o deitar por terra, sente-se vacilar e cai daquele alto sobre o estreito carreiro das gargantas de Ollioules. Honorato feriu-o em pleno peito e foge através das gargantas dos montes.

Nesse instante chega Remígio Ciotat. Reconhece os tamarindos, procura com os olhos a pedra, e aterrorizado vê um homem estendido no solo num lago de sangue. Ajoelha junto dele e solta um grito de angustiosa estupefacção, ao reconhecer nele Adriano.

Este reanima-se um pouco e com um gesto desesperado aponta a Remígio o fugitivo. — Para aquele lado, para aquele lado! — dizia-lhe ele com voz sumida; — roubou a prova...

— Infeliz de mim! — exclamou Remígio em tom desesperado.

— Corra! — acrescentou o moribundo.

— Abandoná-lo, a si... Ah! não; não posso... e demais, como poderei eu alcançá-lo?

— Não queira saber de mim — continuou Adriano, — a prova... readquira a prova.

— Adriano, Adriano! o nome daquele homem para que mais tarde eu o possa tornar a encontrar.

— Aquele homem é...

Mas não poude concluir a palavra e perdeu os sentidos.

O CONDENADO

Os homens encerrados na masmorra não deram pelo que tinha acontecido, quando o visitante que eles supunham tivesse partido, os deixou imersos nas suas reflexões. A ausência de Remígio não se prolongou por muito tempo. Quem poderia jamais conjecturar o que sucedera? Quando ouviram prender ao banco as algemas do galeoto voluntário, pensaram sem dúvida que Remígio tinha sido reconduzido ao seu lugar. A noite era total na obscura prisão; as ondas batiam com surdo lamento contra os flancos da galé, comunicando a esta um lento movimento. Na alma e no coração dos forçados a calma tinha substituído a cólera.

As palavras do desconhecido haviam produzido um efeito mágico sobre eles. Não achavam possível que um tal homem os pudesse enganar; mal o tinham visto, mas o tom da sua voz era daqueles que têm a força de convencer. Voz de santo; a doçura abranda-a, a caridade penetra-a, qualquer coisa de potente lhe dá vigor. Todos dormiram naquela noite;

até mesmo o infeliz que sabia que horrível morte o esperava dentro de poucos dias.

Quanto ao novo forçado, quem pode dizer o que se passou naquela alma de anjo abrasado em amor pelos que sofriam, ávida de conduzir a cruz por eles, e crucificado como o seu divino Mestre?

Para compensar tão grandes sacrifícios deve haver consolações inefáveis; esses mártires que se fazem algozes de si próprios, devem ser visitados por espíritos celestes. Durante a noite, contemplam a sua alma como se ela lhes fosse estranha e gozam duma inefável felicidade ao verem-na tão semelhante ao seu divino modelo e como todo o acto de paciência, de virtude e heroísmo mais a aproxima do **Homem das Dores.** Para esses seres privilegiados, cujo nome se torna mais tarde um estandarte e cujas palpitações geram outras tantas obras, a imolação encerra mistérios de alegria, êxtases sublimes.

O seu amor pelos homens, amor ardente, amor que se eleva como um hino ao próprio princípio do amor, é-lhes retribuído com bênçãos indizíveis. Sofre a sua natureza, padece e geme aquela carne mortal, como a dos seus irmãos, mas eles têm sempre o espírito a recordar-lhes **«aquilo que Deus reserva para os que o amam».** O número 2918, o fiador de Re-

mígio, passou a noite em plácido sono sobre o banco da galé, vigiado por Pa-Thermute, como a teria passado sobre os tijolos da pobre casa dos Padres de São Lázaro, ou nos aposentos dourados de Filipe Emanuel de Condé, conde de Joigny, irmão de monsenhor de Condé, Bispo de Paris.

Sem dúvida, se havia um homem capaz de compreender o desespero do infeliz Remígio, era bem aquele que tinha ocupado o seu lugar. Também ele havia bebido até às fezes o cálix da humilhação e aprendera o que significa ser vítima duma calúnia.

Aquele herói, aquele santo, aquele génio da bondade, suportara durante sete longos anos o peso duma suspeita injusta. Ele conhecia bem o culpado do delito que lhe imputavam; ter-lhe-ia sido fácil denunciá-lo; não o fez porém, e deixou que Deus manifestasse ou conservasse oculta a sua inocência.

Morava então numa pequena aldeia das Landes, não longe de Bordéus e residia perto um juiz. O magistrado foi roubado em quatro mil escudos, e o furto foi imputado ao humilde sacerdote. O processo foi demorado e ele comprazeu-se com o desprezo que lhe votaram. Exactamente como o Homem-Deus, que, acusado de sublevar o povo e de difundir falsas doutrinas, calava diante dos seus caluniadores, também o humilde sacerdote calou e inclinou a cabeça.

Quando se viu nas galés de Marselha, apertado com os ferros de Remígio Ciotat, veio-lhe à memória aquela recordação da sua juventude, e pensou se não seria destinado a passar por todas as escravidões e por debaixo de todos os jugos: começando pelo da opinião pública que durante sete anos o tinha oprimido: o da herdade de Tunis, onde pouco faltou para ser vítima dos duros tratamentos de Ahmed o Renegado, depois o de Pa-Thermute, ao qual viera naquela altura submeter-se. Mas como a sua vontade morria perdendo-se na vontade do Pai celeste, ele sorriu e adormeceu.

Pela manhã, a voz estontórea do carcereiro e o toque duma sineta despertaram os forçados. O número 2918 não foi o último a levantar-se. Só então os seus companheiros de algemas perceberam o que tinha acontecido na tarde anterior; não compreenderam totalmente a verdade, mas suspeitaram-no, e o prestígio do desconhecido aumentava aos seus olhos. Aqueles desgraçados foram para os trabalhos do porto, esperaram sem murmurar, e parecia que o seu único pensamento era conhecer a verdade sobre aquele que tanto respeito lhes inspirava. A confiança que haviam

depositado nele na tarde da véspera aumentou; à tarde, após terem regressado à prisão, um deles, voltando-se para o novo forçado, manifestou-lhe o desejo de todos, dizendo:

— Fale-nos agora, fale-nos como ontem!

E o forçado, num tom doce e suave, falou; e as suas palavras eram um bálsamo para aqueles corações dilacerados pela infelicidade. E no entanto censurava-lhes as culpas, acrescentava as tristes consequências, fazia-lhes compreender que a justiça tivera razão em os castigar! Depois, quando os via abatidos, humilhados, vencidos, reavivava-lhes a coragem; despertava neles a fé, e compadecendo-se deles encorajava-os a esperarem.

Os forçados habituaram-se a estas admoestações; se os ameaçava com a celeste vingança que pune um coração endurecido, reacendia neles a coragem com o exaltar a divina misericórdia, convidando-os ao arrependimento. A Religião mostrava-se para eles uma mãe tão terna, que suspiravam pelo momento de se lançarem nos seus braços. O forçado encorajava-os nas horas em que lhes acontecia permanecerem no porão; durante as longas horas dos duros trabalhos do porto, multiplicava-se para ir em auxílio dos menos robustos.

Privava-se da sua refeição matinal para qualquer dos companheiros de algemas; a outro curava uma perna ferida. Ainda poucos dias tinham decorrido, e já Pa-Thermute não reconhecia aqueles que dantes só o bastão conseguia refrear.

Contudo uma dura prova estava reservada ao número 2918; a sua condição de forçado impedia-o de fazer uso do misterioso pergaminho que já por duas vezes tinha apresentado, e não sem resultado, a Pa-Thermute. Por outro lado, só ao Rei competia conceder perdões, e não lhe era possível, a ele, encerrado no fundo duma galé, mandar no curto espaço de oito dias um correio a Paris. Já o dissemos; a justiça era sumária nas galés, e a expiação seguia imediatamente o delito.

O desgraçado que, num momento de cólera, tivesse levantado as próprias algemas para agredir o carcereiro, era condenado a ser esquartejado vivo. Se as execuções se faziam ràpidamente, elas eram revestidas dum terrível cenário. Era costume incutir espanto naqueles desgraçados, mediante uma cena de tal impressionamento que eles nunca mais a pudessem esquecer. No dia marcado para a execução, mandavam-se sair os condenados do porão, e, ajoelhados sobre a tolda do barco, rodeados pela soldadesca armada de mosquetes, por marinheiros com os terçados em riste, com as espingardas carregadas, os des-

graçados assistiam ao suplício do seu companheiro, mudos, aterrados, imóveis.

O infeliz que vimos condenado à roda, sabia já que nada podia esperar dos homens; nos primeiros quatro dias que se seguiram à sua condenação sumária, mostrou-se calmo e resignado; porém depois, o amor da própria conservação acabou por prevalecer. Estava resolvido a morrer como um forte, e agora o medo comprimia-lhe o coração e diminuia-lhe a coragem. Se se tratasse apenas de ser enforcado, resignar-se-ia mais fàcilmente com a sua sorte, mas ao seu pensamento acudia logo aquela cruz de traves, com a barra de ferro que lhe despedaçaria os ossos, a roda sobre a qual seria exposto aos ardentes raios do sol. Este suplício aterrava-o. Via-se que os seus membros tremiam; gemia e gritava que não queria morrer!

O seu desespero consternava os companheiros, e quase todos experimentavam por ele uma grande compaixão.

Pa-Thermute, que não se comovia tão fàcilmente, sentia-se agitado. Por diversas vezes assistira àquele suplício, mas nenhum forçado era tão revoltado como Randal! Não faltariam os soldados para o arrastarem algemado ao suplício; mas Pa-Thermute receava que aquele horrível espectáculo suscitasse

uma nova revolta. Poderiam certamente dizimar ou matar todos os amotinados, mas o Rei por coisa nenhuma se queria desfazer dos seus remadores de galés; o número deles já era reduzido, a guerra com o Turcos estava prestes a estalar outra vez; dum momento para o outro podia dar-se uma represália, e então que fazer sem os galeotos?

Pa-Thermute, vendo que às boas nada conseguia sobre o espírito de Randal, na véspera da execução foi buscar aos cepos o galeoto 2918 e conduziu-o até junto do condenado.

Randal, vendo-o aproximar-se, compreendeu que queriam vencê-lo e começou a gritar:

— É inútil, é inútil, não me falem de me resignar, não quero morrer... a morte é horrível e mais horrível ainda a que se está a preparar para mim... Não expirei já com lentas torturas a loucura dum momento? Eu andava a caçar sem licença os faisões do rei... um guarda surpreende-me, ameaça-me; amedronto-me, encho-me de cólera... disparo... a bala mata um homem.

Eu não queria tal coisa; foi uma desgraça, não foi um delito! Arrependi-me... mas à força de sofrer, o coração endureceu... e há oito dias levantei a mão e agredi o carcereiro... A sua ferida é leve... Não me podem condenar à morte por ter produzido uma fe-

rida tão leve num homem tão cruel para com os infelizes. Oh! não, não quero morrer, não morrerei... Hei-de revoltar-me... se os outros gritassem, se se defendessem, ah! não seríamos tratados tão cruelmente... No fim de contas, necessitam de nós, e sem os forçados, o Rei teria falta de braços. Pensar que daqui a poucas horas me hão-de arrastar até à tolda, me hão-de estender sobre a cruz... ah! é horrível!... é horrível!... — Horrível! — repetiu o número 2918 tirando do peito um crucifixo... — tão horrível que nós adoramos ajoelhados o Filho de Deus, que sofreu este suplício por amor dos homens!

Então o número 2918, que parecia não ter outra missão senão a de consolar, aproximou-se, encostou-se ao condenado. Falou-lhe com o coração nas mãos, compadeceu-se dele, choraram ambos! Desejaria poder substituí-lo sobre a cruz, como tinha podido tomar os ferros de Remígio! Recordou a Randal a inocência dos seus anos infantis, perscrutou no fundo da sua alma, para ver se alguma corda vibrava ainda, mas ai! tudo estava desfeito!

Condenado a quinze anos de galés pelo crime de caçar clandestinamente, viera a saber que os seus filhinhos haviam morrido de miséria e que sua mulher tinha caído no mais

profundo abismo da ignomínia. Se ele pudesse sair da masmorra, só encontraria túmulos e uma casa ainda mais sinistra do que túmulos. Naquele coração havia-se extinguido todo o sentimento de piedade; Randal odiava os homens; detestava os padres, amaldiçoava os juízes; e resolvera que no dia em que tivesse recuperado a liberdade, havia de servir-se dela para matar o que o tinha acusado.

Resultavam vãos os esforços do número 2918 para acalmar Randal, e as doces palavras do desconhecido como que alimentavam a cólera, o desespero selvagem do condenado. E como o substituto de Remígio se esforçasse por lhe fazer elevar o espírito até ao Céu:
— Ninguém mais, além de vós, ousará recordar-mo? — respondeu com voz rude o condenado.

— E porque não hei-de ser eu só, uma vez que sou suficiente?

— Não; vós não bastais. Vós sois um bom homem, um homem excelente... não sei porque ocupastes o lugar dum outro... é um mistério esse que não posso descortinar... mas vós não tendes o poder de me aproximar de Deus, dado que eu me arrependesse... De resto, eu não me arrependerei. O que havia eu de lamentar? Minha mulher perdeu-se... os meus filhinhos morreram... Quis matar um

carcereiro... um algoz a menos!... Ouvi; eu compreendia que a sociedade nos repelisse, que a lei nos castigasse... mas há uma coisa que de modo nenhum compreendo; é não se permitir que um padre viva junto de nós para nos consolar... para nos assistir na nossa desgraça...

— E se viesse um?

— Ele nada conseguiria de mim; mas bem se sabe que, antes de morrer, é agradável ouvir-se pronunciar uma boa palavra a um homem justo.

— Vós vereis o padre, Randal.

— Amanhã serei justiçado.

— Nesta noite, nesta mesma noite o vereis; por minha fé que o haveis de ver.

O nosso galeoto sentou-se ao pé do condenado; lutou por largo tempo para vencer aquela natureza rebelde; mas não conseguiu triunfar.

Pela manhã ouviu-se uma grande vozearia e um estrépito de armas e de homens armados sobre a tolda; alinhavam soldados com marinheiros. Pa-Thermute desceu à prisão dos forçados. A sua presença, a sua expressão diziam mais do que as palavras.

Randal pôs-se em pé, agitou as algemas convulsivamente, e voltando-se para o número 2918:

— Vós enganaste-me! — gritou, — enganaste-me como aos outros; só um homem não faltará ao seu dever: o algoz.

— E o sacerdote! — acrescentou com ternura o forçado.

Pa-Thermute desprendeu as cadeias que corriam dentro dos aneis que prendiam aos seus bancos os condenados e ordenou-lhes que subissem a escada.

O que devia morrer e o outro que o não tinha abandonado um só instante, ficaram sós no fundo da masmorra.

— Meu irmão, — disse este com voz grave — dentro de poucos instantes, a tortura despedeçará os vossos membros... vós tendes necessidade duma força interior para sofrer este tormento... essa força só vo-la pode dar o arrependimento... se as lágrimas que eu derramo por vós bastassem para vos tornar inocente, se eu pudesse morrer por vós... mas o que eu posso, o que eu quero é proporcionar-vos a vós, infeliz, uma alegria futura, uma sagrada esperança... de dizer a um pai: Vós encontrareis no céu os anjinhos que a miséria, longe de vós, matou, e dizer ao forçado: Se a morte é horrível, esta morte libertou-vos... Ajoelhai-vos, Randal, estas minhas mãos algemadas têm o poder de vos absolver... prometi-vos um padre na hora suprema da vos-

sa vida, e desde há oito dias que este padre vos não tem abandonado...

— Vós! — gritou Randal que julgava estar sonhando.

— Eu, querido irmão! E se resistisses às insistentes súplicas dum confrade meu, se vos revoltásseis contra a humilhação de confessardes as vossas culpas a um sacerdote estranho vindo aqui para cumprir o seu dever, não me negareis nada a mim, que depois de vos ter escutado, vos direi em nome do Salvador que os vossos pecados vos são perdoados; que subirei convosco estas escadas, que ajoelharei ao pé da vossa cruz com a mesma compaixão que teria sentido junto do Calvário; que ficarei de pé junto da roda para vos repetir até ao último instante: O Senhor é o Deus das misericórdias, Jesus perdoa-vos e espera-vos.

Randal cai a soluçar aos pés do seu companheiro. Depois duma hora de íntimo colóquio entre penitente e confessor, reapareceu Pa-Thermute. Randal ergueu-se; estava pálido mas resignado.

Apoiado ao seu companheiro, Randal subiu a escada.

Viam-se estendidas na coberta duas hastes de carvalho dispostas em cruz; nas extremidades daquele horripilante X encontravam-se cordas. Um ligeiro arrepio percorreu os ossos

de Randal! Este apertou a mão do número 2918; avançou em direcção ao algoz, e espontâneamente colocou-se sobre aquela cruz chamada de Santo André. Os olhos dele fecharam-se; a natureza evitava a vista do martírio. Uma pancada surda repercutiu como um eco mortífero sobre aqueles espectadores horrorizados; a barra de ferro do carrasco tinha despedaçado um braço.

Randal ouviu chorar perto de si. Aqueles gemidos infundiram-lhe coragem; apenas soltou um débil grito quando o instrumento de tortura, depois de lhe ter despedaçado os membros, o feriu no peito. Então foi tirado da cruz e lançado sobre a roda. Com olhos agonizantes procurou o que o havia sustentado com a sua presença e com as suas orações, e, vendo-o junto de si, disse-lhe:

— O vosso nome? Dizei-me o vosso nome!

— Vicente, — respondeu o forçado.

— Rezai por mim e ponde a minha alma nas mãos de Deus.

Vicente depôs um beijo na fronte do moribundo, ergueu os dedos, fez um sinal e o justiçado soltou o último suspiro.

O resto daquele dia foi passado pelos forçados metidos na prisão.

Sucediam-se os dias, e o número 2918 continuava a sua obra.

Pa-Thermute não escondia a sua admira-

ção por aquele homem que realizava tais mudanças: mas ao mesmo tempo, quando se lembrava de Remígio, abanava a cabeça e dizia:

— Ele já não volta.

— Enganas-te, Pa-Thermute; ele voltará.

O carcereiro encolhia os ombros. Ele não podia acreditar que o jovem, libertado por um acto de heroísmo, voltaria para a prisão. E de facto passavam os dias, as semanas, os meses, e Remígio não tornava a aparecer.

Que acontecera? que obstáculos o tinham impedido? Foi o caso que, quando ele verificou que Adriano tinha perdido os sentidos, esquecido de si próprio, não pensou mais senão naquele que tinha procurado salvá-lo. Esteve vai não vai para voltar à «Taberna do Rei», quando ouviu um grito de terror e de surpresa. Ergueu a cabeça e viu um velho, miseràvelmente vestido, que tinha nas mãos um feixe de ervas e de semprevivas. Remígio aponta-lhe o ferido; em dois saltos o velho está junto dele. Remígio adivinha que aquele homem estranho é o pastor; conta-lhe o sucedido, suplica-lhe que salve Adriano, pergunta-lhe se viu o carroceiro, o assassino do moribundo. O pastor aponta para as goelas dos montes.

— Ele correu muito, depois parou, ofegante, agitado; corra, pode apanhá-lo. Quanto a este, deixe-o comigo, que, juro-lhe, não se afastará da casa do pastor sem primeiro estar curado.

Então Remígio precipita-se em direcção às goelas de Ollioules com todo o vigor que lhe infunde a esperança de alcançar Honorato, tirar-lhe o documento das mãos e arrastar o culpado aos tribunais. Descobre-o a distância, hirto sobre um rochedo, à espreita, a ver se alguém o perseguia. Remígio trepou por um despenhadeiro íngreme talhado quase a prumo; mas o carroceiro havia desaparecido, e a larga capa que deixara, indicava apenas o lugar em que ele estivera.

Sobrevem entretanto a noite; Remígio encontra-se já extenuado, as pernas não se lhe aguentam; o caminho por onde segue, condu--lo à parte oposta de Cette, e sem dúvida Honorato Rameau deve trilhar o mesmo caminho.

Tendo descido pela goela do monte e chegado ao extremo limite de Ollioules, encontrou um aldeão que guiava um carro e a quem pediu o deixasse seguir nele. O camponês aceitou, e assim seguiram ambos novamente para Marselha. Remígio tencionava correr a cidade em todos os sentidos, esperando encontrar Honorato, que muito provàvelmente se encontrava ali a morar durante algum tempo, visto encontrar-se no cais naquela tarde em que ele saiu da galé.

Pensava todavia em perguntar pela sua

mãe e pelo irmão Paulinito, dos quais ignorava a morada. Para se não arriscar a ser reconhecido, envergou a capa do carroceiro fugido, e quando ao anoitecer reentrava em Marselha, um rapaz puxou-lhe pela orla da capa dizendo:

— Senhor Honorato...

— Que deseja?... respondeu Remígio, o qual suspeitou que o filho do banqueiro tivesse cúmplices.

— Novidades de Brignoles, — replicou Menico.

— Fala de...

— O meu patrão desapareceu... o velho Manrovéscio, que parecia não reconhecer o filho, agora que ele lá não está, está desesperado.

«Chama continuamente por Adriano, não tem sossego, e grita que salvem Cartahu. Sem a Irmã de Caridade, que não o abandona por um instante, não sei como havia de ser. Não sei se sabe que aquele padre, amigo do padre Dinis, não voltou mais... O senhor deve gostar de saber isto, visto não gostar daquele padre.

— Anda comigo, — disse Remígio ao rapazito — e vai à minha frente, tu conheces o caminho da minha pensão.

— Cuido que sim, — respondeu Menico.

«Deste modo, — pensou Remígio — poderei

saber onde estava hospedado Honorato; e... uma coisa puxa a outra».

Menico transpunha já o limiar da pensão, quando Remígio, parando, o chamou novamente e lhe disse:

— Ora eu estou a pensar que já é tarde... conversaremos para a outra vez... — Se o senhor Adriano volta para casa, não quero que a tua ausência o inquiete.

— Aconteceu-lhe por acaso alguma desgraça? — perguntou Menico.

Remígio não respondeu àquela pergunta e despediu-se dele. E assim, depois de se ter afastado, vai em busca duma casita para se abrigar naquela noite, disposto a colher informações só no dia seguinte. O dinheiro que generosamente lhe tinha fornecido aquele que o substituía na prisão, não era uma quantia avultada; por isso errou através das ruas da cidade em busca duma pensão de aparência modesta. Julgou ter encontrado o que pretendia, e subiu. Uma criada rubicunda e robusta veio abrir, e atrás dela apareceu um homem de aspecto calmo.

Mas apenas o sr. Robin Grivot viu o recém-chegado, recuou um passo, murmurando:

— Não é possível! diga-me que não é você!

A criada, curiosa como todas as filhas de Eva, aproximou-se; mas Robin Grivot, ordenou-lhe secamente:

— Depressa, desce à adega, e despacha-te.

A criada apressou-se tanto menos quanto lhe cheirou a mistério; apenas ela se afastou, Grivot olhando Remígio de frente, disse-lhe:

— Eu vi-o no porto, não é verdade?

— Sou o irmão do Paulinito, — respondeu Remígio.

— Desgraçado! O senhor evadiu-se!

— Quando souber que motivo me obrigou a abandonar a prisão, não olhará para mim desse modo... E minha mãe?

— Sua mãe?... a sua mãe não faz senão falar de si, a quem ela muito ama, mas ainda está doente... Pobre mulher! ela morreria decerto com a comoção, se o tornasse a ver sem estar prevenida.

E o Paulinito?

— Aprende um ofício. Tão novo e é já incansável no trabalho. Ah! meu Deus, meu Deus! Que vem fazer aqui?...

— O acaso trouxe-me esta tarde até junto do senhor... mas a Providência vela pelos infelizes... ela reservava-me a consolação de abraçar ainda minha mãe antes de partir.

— De partir...

— Oh! é verdade, o senhor não sabe nada! Há dois dias, julgava-me seguro de ter dentro em pouco nas mãos a prova da minha inocência... Um homem, com risco da própria vida, estava para entregar-ma... e ontem

assassinaram-no... Volto a Marselha, conheço a pensão em que se hospedava o culpado, hei-de procurar, farejar, se não encontrar nada, irei talvez a Cette...

— A Cette! seria descoberto!

— Oh! esteja tranquilo, eu serei prudente.

— Quer prestar-me atenção?

— Tenho confiança no senhor, fale...

— A sua mãe é a mais infeliz de todas as mães, mas a sua infelicidade aumentaria, se visse destruída a sua última esperança. Ela ignora a sua fuga; pois bem, deixe-a sempre ignorar... O senhor supõe seguir umas pègadas; siga-as, e não desista, enquanto se não perderem as últimas esperanças... Então sim, só então deve voltar, se quiser, e lhe explicará as suas razões... Dessa maneira, a pobrezinha não sofrerá as angústias que a torturariam, sabendo-o em perigo de ser reconhecido, capturado, e castigado como um evadido.

— Oh! não a ver, à mamã, — murmurou Remígio — estar tão perto dela e não receber um beijo seu!

— Espere, — disse o tio Grivot.

O hospedeiro subiu a escada que ia dar ao quartozito da pobre mulher.

A enferma dormia; um repouso necessário e de há muito esperado permitia-lhe esquecer os seus sofrimentos. O dono da pensão soltou um suspiro de alívio, tornou a des-

cer nos bicos dos pés para a não acordar, tomou entre as suas as mãos de Remígio e fez-lhe sinal para que o seguisse sem fazer ruído.

O jovem obedeceu. Chegado ao quarto, e possuído de comoção, lança-se de joelhos; estende os braços para sua mãe; as lágrimas inundam-lhe a face, os soluços fazem-lhe arfar o peito. Caminha de joelhos até junto da cama, banha de pranto aquela mão que arde em febre. O instinto materno abala o espírito de Julieta; continua adormecida em virtude da sua extrema fadiga, mas o coração reanima-se e o nome de Remígio soa nos seus lábios.

Robin Grivot treme pela pobrezinha, não vá uma súbita comoção ser-lhe fatal. Julieta continua a rever em sonhos o seu filho predilecto; murmura com a ebriedade do amor materno: — Remígio! meu doce Remígio!

Neste momento ouve-se o sotaque provençal da Mariquinhas, e após um instante de silêncio ela continua com uma conversa a que ninguém parecia responder. Robin Grivot, por sua vez, atende-a.

Remígio oscula a fronte de Julieta, murmurando:

— Reza, reza, minha boa mãe! eu voltarei livre e reabilitado para junto de ti.

Calou-se e seguiu Grivot, dócil como um cordeirinho, não sem se voltar para trás, a fim

de tornar a ver mais uma vez o amado rosto daquela que tanto havia chorado.

Na escada encontra o Paulinito que lhe cai nos braços. Oh! os mudos abraços, os beijos afectuosos, as ternas carícias dos dois irmãos! Remígio afasta os cabelos da testa do Paulinito, o qual se inclina num gesto que queria dizer: Então estás finalmente livre? E Remígio conta-lhe em rápidos gestos a sua odisseia.

Pergunta ao pequeno se se lembra daquele misericordioso desconhecido, a quem deveram poder conversar um com o outro no porto. Pois bem, acrescentou, os benefícios desse homem não se limitaram a essa prova de compaixão; a sua ternura paterna pelo teu infeliz irmão atingiu o heroísmo, e enquanto eu corro em busca do documento que me devia reabilitar, aquele herói da caridade suporta os ferros do condenado e responde ao meu número de ordem.

Não é só o Paulinito que, com tal narrativa, se comove até às lágrimas; com ele chora também Grivot, o qual não julga diminuido, com essa atitude, o seu prestígio de donos da pensão. Mariquinhas, que entra quase de súbito na sala, esforça-se, mas em vão, por apanhar frases da conversa entre o seu patrão e o recém-chegado.

Todas as vezes que ela se aproxima um pouco demais da entrada da sala em que os

três se encontram sentados, o patrão lança-lhe um olhar tão severo que a curiosa, para disfarçar, pergunta-lhe quantos talheres deve pôr na mesa.

— Três! — responde imediatamente Grivot — Quero jantar com o Paulinito e com o irmão.

A sala enche-se de gente, e Robin retira-se com os dois amigos para um compartimento vizinho. Terminada a modesta refeição, encorajado pelos cordiais desejos de Grivot, Remígio retira-se para o quarto onde está a cama do irmão, e adormece.

Ao romper da manhã, sem acordar o irmão, cumprimenta Robin Grivot, manda um beijo em direcção à mãe e deixa a pensão para ir procurar Honorato Rameau. Ele não voltara a casa, e Menico tinha esperado por ele, mas debalde. Remígio colhe informes pela cidade, com mil precauções; as suas pesquizas porém não surtem efeito algum.

Ao cair da noite, Remígio entra na cidadezinha que presenciou as suas alegrias e as suas dores. Não se atreve a percorrer de dia uma cidade em que decorreu a sua infância! Oh! como o coração lhe palpita, ao tornar a ver a casa do banqueiro e as janelas do escritório em que trabalhou tanto tempo! Sente uma comoção vivíssima, ao ver a velha Margarida aproximar-se da janela para a fechar

e quase se sente tentado a chamá-la pelo seu nome!

Gira em torno do gradeamento do jardim. Julga poder encontrar um sinal, um indício qualquer. Depois encaminha-se para a aldeia onde sua mãe morava, torna a ver a igreja em que ele rezou, as colinas deixando sobressair as brancas cabanitas sobre o fundo verde dos arbustos. A alma enche-se-lhe com todas as recordações da infância, e depois de ter passado pela memória todo aquele passado, volta outra vez até junto da casa do banqueiro. Tudo é silêncio; mas naquela medonha obscuridade, descobre uma luz que vem duma janela e recortar-se uma sombra sobre as cortinas da mesma.

Remígio, trepando a uma latada, salta o muro do jardim. Os ramos frondosos duma grande nogueira ocultam-no por completo, e dali, reconheceu no quarto iluminado Honorato. O rosto do assassino exprime uma agitação profunda. Vê-o procurar na secretária, tirar dela cartas, escondê-las junto ao peito e, com uma luz na mão, dirigir-se descalço ao jardim. Ali, vê-o abrir um buraco ao pé duma árvore, meter nele um dos papéis, correr a um outro esconder um segundo, e de vez em quando dirigir olhares receosos para a casa silenciosa. De repente, ouvem-se vozes, as portas abrem-se de par em par, os cria-

dos surgem às janelas, e ecoa este grito:

— Está apanhado! agarremo-lo!

Os criados descem precipitadamente as escadas; um deles segura nas mãos uma grossa correia de couro. Correm através do jardim para darem um corectivo a Honorato Rameau. Ele salta por entre as ameixeiras e esconde-se, depois, agitado, furioso, luta contra os criados, prostra um; finalmente, exausto, com voz chorosa e todo trémulo, grita:

— Deixem-me primeiro esconder as minhas cartas, todas as cartas... debaixo de rochas, na terra... que ninguém leia estas cartas... é preciso enterrá-las. Não o digam a meu pai, e eu os recompensarei... Deixem-me! oh, por piedade, deixem-me enterrar as cartas...

— Vá! — gritou um dos criados com voz severa — para dentro!

— Mas tenho ainda outras cartas...

Dêem-me mais algum tempo...

— Pobre rapaz! — exclama Margarida, debulhada em lágrimas — quem me havia de dizer, quando eu cuidava com tanto carinho do filhinho da senhora D. Luísa, que ainda um dia o havia de ver doido furioso!...

— Doido! — repete Remígio como em eco.

E desprendendo-se do ramo a que se tinha agarrado, deixou-se cair do muro abaixo.

— Agora já não há mais esperança! — murmurou batendo na testa.

LUÍS, O JUSTO

Uma febre ardente consumia as forças da desditosa mãe de Remígio. Quando o delírio cessava, caía num abatimento mortal. O desgosto causado por uma inútil viagem a Marselha, sem ter podido tornar a ver Remígio, aumentava os seus sofrimentos. A alma, tão cruelmente experimentada, consumira aquele frágil corpo. O médico já não deixava alimentar esperanças.

As longas privações, a fadiga da viagem, uma contínua angústia haviam-na esgotado lentamente. Os seus filhos eram toda a sua riqueza; ela extinguia-se abalada pela repreensão do martírio a que um deles fora condenado pela justiça dos homens. Quando a febre lhe concedia um pouco de tranquilidade, e via Paulinito ajoelhado ao pé da cama, apertava-o nos braços e chorava.

— Perdoa-me! — dizia-lhe a infeliz — eu devia viver para ti... Devia até bendizer ao Senhor por me ter deixado um filho; mas tu não tens ciúme do pobre Remígio, não é verdade? Pois olha: são os ferros do Remígio

que me despedaçam, é a dor de Remígio que me mata.

E a sua angústia crescia, à medida que o seu mal se agravava. Um dia pela manhã o médico anunciava ao senhor Grivot que já nada havia a esperar da pobre doente.

— Quem diz que minha mãe está prestes a morrer? — pergunta um jovem, tomando o médico pelo braço.

— Só um milagre; ela está perdida! Remígio cai numa cadeira, com a cabeça inclinada sobre o peito e os braços pendentes.

O médico receitou um medicamento qualquer, dirigiu algumas palavras de encorajamento a Remígio, e saiu, fazendo para o hospedeiro um gesto que significava: tem os dias contados.

— Já de volta? — exclamou Robin voltando-se para Remígio.

— Eu? sim; mas já não sou aquele que era antes de vos deixar. Nessa altura restava-me uma esperança... agora estou perdido! não encontrei nem já encontrarei coisa alguma!...

— Meu Deus! meu Deus! o que há, o que acontece, afinal? — perguntou Grivot.

— Se vós soubésseis o que eu fiz durante este tempo... eu que, se me tivessem conhecido e agarrado, seria arrastado às galés, mutilado e condenado por toda a vida!... Para me introduzir em casa de Rameau, o meu antigo

patrão, escalei o muro circundante. Encontrando-me sòzinho no jardim, escavei com as unhas a terra onde Honorato, perdido o uso da razão, havia escondido papéis, cuidando ocultar das vistas dos homens a prova do seu delito... Eu tinha espreitado os movimentos, conhecia os esconderijos... ao romper do dia tornei a saltar o muro e afastava-me levando como um tesouro aqueles pedacinhos de papel escondidos por um insensato... Nada! nada respeitante ao meu caso! Memórias inúteis, páginas rasgadas.

O seu último crime, as circunstâncias que o rodearam, deram-lhe volta ao cérebro... Honorato não voltou sòzinho a Marselha; foi encontrado à porta real por uma sentinela que percebeu estar em presença dum louco, e como ele tinha consigo papéis, dinheiro e cartas, assim averiguada a sua identidade, foi reconduzido a Cette, acompanhado dum médico...

Louco!... estava louco! Num momento de fúria deve ter rasgado o papel fatal, e agora continua a destruir todos os papéis em que descobre quaisquer letras... Repito-vos, Robin, já me não resta qualquer esperança... Só tornarei a ver minha mãe; preciso de a tornar a ver ainda uma vez, à minha mãe... alcançar coragem com a sua ternura e depois...

— E depois? — repetiu Grivot como que ajudando-o a concluir a frase.

— Cumprirei o meu dever.

E ao proferir estas palavras, Remígio foi subindo as escadas para ver de novo a mãe.

O médico não se enganava; o perigo era grave: Julieta piorou durante a noite. O Paulinito e o Remígio, abraçados ambos, estiveram vigiando à cabeceira da doente. Estava pronta. Quando vinham os acessos de febre, a pobrezinha delirava. Sublimes e ternos delírios duma mãe afectuosíssima; ela proferia o nome de Remígio, e preocupava-se com uma coisa apenas, a libertação dele. E em espírito, lançava-se aos pés das personagens mais ilustres de Marselha, e narrava-lhes a triste sorte do filho, e suplicava-lhes por tudo o que havia de mais sagrado na terra que ouvissem a prece duma moribunda ou que permitissem a Remígio poder vir fechar-lhe os olhos. Ela encontrava frases inefáveis, inflexões de voz indizíveis, arroubos de eloquência próprios para comover.

Pálida, com as faces ressequidas e encorreadas por sofrimentos inauditos, de mãos juntas e lágrimas a irromperem-lhe os olhos, ela teria triunfado da própria dureza dos guardas da turma. Mas não recebendo qualquer resposta às suas ardentes súplicas, passava da súplica ao desespero, à ameaça; invocava o

Deus das pobres mães, e predizia terríveis castigos para os que não experimentavam qualquer compaixão pelas suas torturas. Finalmente, tornava a cair na cama, agitando os braços como para expulsar imagens terrificantes.

Aquele delírio materno, a prolongar-se, podia roubar-lhe o último raio da razão, obrigar o coração a parar.

O médico, o Paulinito e o bom Grivot faziam o impossível, mas a doença não cedia e o médico não lhe deu mais de três semanas; se, decorridas três semanas, se tivesse operado uma crise salutar, Julieta estaria salva.

Remígio, embora junto de sua mãe, não esquecia aquele que o substituía nas galés, sem no entanto ter a coragem de abandonar a mãe moribunda. Se tinha de a perder, queria receber o seu último suspiro; se Deus lhe não tinha ainda marcado a hora derradeira, queria cooperar com todas as forças na sua cura, no seu restabelecimento. Ele conhecia perfeitamente o coração do que trazia as suas algemas, o suficiente para ter a certeza de que lhe diria: «Fizeste bem, meu filho!» E assim aguardava, esperava e rezava.

O Paulinito não tinha a coragem de ir, como de costume, para a oficina, e ficava quase todo o dia sentado ao lado do irmão, à cabeceira da enferma.

Beijava frequentemente Remígio; a ternura

da meiga criança compensava dalgum modo a sua aflição.

Rivalizavam em prestar à mãe os seus serviços e até em adivinhar os seus desejos.

O gordo Robin entrava nas pontas dos pés; Remígio e Paulinito compreendiam-se sem falar; a Mariquinhas abaixava a sua voz estridente.

Quinze dias depois, a boa criada saiu da pensão pela manhã cedo e voltou já tarde. O hospedeiro esperava-a muito triste, à porta. Julieta piorava; o delírio chegava a tal extremo que o cérebro estava esvaído. A Mariquinhas desembaraçava-se o mais que podia, o que não impediu que o patrão lhe ralhasse com uma certa rudeza.

— Então isto são lá horas de andar para aí a pavonear-se pelas ruas como uma senhora da sociedade, quando há uma agonizante em casa?

— Que há uma agonizante em casa, isso sei eu muito bem, — respondeu a Mariquinhas — mas asseguro-lhe que a morte não há-de entrar nesta casa.

— Ah! com certeza!... devido aos cuidados que tens tido com a doente, não é verdade?

— Cada um faz o que sabe e o que pode — respondeu bruscamente a criada. — Não se me pode pedir para ficar em volta da cama

duma doente, para a vigiar, para ter paciência e para falar no seu quarto com menos ruído do que uma mosca; mas tenho as pernas ligeiras, minha mãe fez de mim uma cristã, e venho agora da igreja de Nossa Senhora da Guarda, em cuja honra mandei queimar uma vela.

— Tu fizeste isso, Mariquinhas?

— E diz-me o coração que a valiosa vela que acendi diante do altar, vale pelo menos tanto como as receitas do médico!

— Bravo! és uma boa rapariga, Mariquinhas... e eu aumento-te o ordenado.

— Este ano não, senhor Robin; o senhor tem gasto muito dinheiro com a pobre viajante... O senhor não é, com certeza capaz de reembolsar as despesas com a farmácia e com as receitas médicas... A cada um a sua parte, senhor Robin; assim a pobrezinha se possa curar!... Oh! mas ela não há-de sucumbir!

Naquele momento descia Remígio, o qual, ao ver o hospedeiro disse:

— Senhor Robin, o médico não disse que se a febre acalmasse e minha mãe dormisse tranquilamente ao décimo quinto dia, ela se curava?

— Precisamente, meu amigo.

— Ah! ela dorme. Como Deus é bom! Eu choro de consolação.

— Com certeza? — perguntou a Mariqui-

nhas avançando — a febre cessou; e a que horas?

— Às seis.

— Ora vejam se eu não tinha razão... Eram exactamente seis, quando eu acendi a vela no altar de Nossa Senhora.

Robin e a Mariquinhas quiseram certificar-se com os seus próprios olhos sobre as melhoras de Julieta. A doente dormia tranquilamente. Remígio e o Paulinito, inclinados sobre o leito, esperavam impacientes que ela acordasse.

Foi um sono demorado e salutar.

Quando Julieta abriu os olhos, a semi-obscuridade do quarto impediu-a de reconhecer Remígio; ela sentiu um beijo do Paulinito, estreitou-o ao seio, e derramando lágrimas de alegria, murmurou:

— Meu filho! Meu Paulinito!

Depois o coração transportou-a até às galés, em busca daquele que ela julgava preso, ao banco, e os seus lábios murmuraram:

— Remígio!

— Mamã! — respondeu-lhe aos ouvidos uma voz trémula e bem conhecida.

Julieta ergueu-se e, por uns momentos, julgou estar sonhando; mas o filho, o seu querido filho estava ali mesmo, ela podia descansar a cabeça sobre os seus ombros e chorar de alegria. Afastava-o de si para o ver melhor;

os seus lábios abriam-se, tremiam e não podiam proferir palavra. Apenas soltava suspiros e soluços.

Naquele momento esquecia as angústias, as ânsias mortais do passado. Sim, Julieta sentia-se reviver e abandonava-se à alegria, sem perguntar a si mesma a que milagre devia tamanha consolação. Tinha a cabeça de tal modo esvaída, a sua fraqueza era já agora tão grande! E no entanto ela só via a presença de Remígio, sem pensar se estaria curada. Ele, por sua vez, encostado ao seio materno, com as faces inundadas de santas lágrimas, não queria lembrar-se de que aquelas horas estavam contadas; parecia-lhe estar gozando duma trégua durante a qual a sua alma se devia apetrechar de forças. O pensamento de que Julieta vivia, absorvia todos os outros pensamentos e, feliz por se ver entre a mãe e o Paulinito, esquecia a amargura do passado.

Aquele dia passou como um relâmpago. Julieta não interrogava o filho, contente por tornar a vê-lo, por se inebriar com a presença dele. Quanto ao aspecto, ele já não era aquele belo jovem de vinte anos, tão alegre, tão expansivo quando era guarda-livros na casa Rameau. A testa pálida, os olhos encovados, a voz por vezes cava, mostravam bem os sofrimentos padecidos. Já era um homem; sabia o que era a vida, e muito tinha chorado.

Remígio receou fatigar demasiado a mãe e julgou oportuno retirar-se. A Mariquinhas ofereceu-se para ficar vigiando naquela noite junto da enferma, e os dois irmãos retiraram-se para o seu quartito.

No dia seguinte Julieta acordou cedo; concentrou as suas ideias, reflectiu e pensou preocupada que Remígio nunca mais se poderia encontrar junto dela.

Quando este voltou ao pé da mãe e lhe deu o primeiro beijo, a pobre mãe olhou-o fixamente e interrogou-o:

— O Rei, afinal, perdoou-te?

— Não, mãezinha! — respondeu o filho reunindo todas as suas forças para lhe dizer a verdade.

— Então, — continuou ela aterrada e baixando a voz — então fugiste!

Remígio abanou a cabeça e apressou-se a dizer-lhe:

— Mãe, minha santa mãe, é preciso que saiba tudo... eu esperaria talvez até amanhã; mas a mãe interroga-me e eu respondo. Nem o Rei me perdoou, nem eu fugi, nem estou livre sob palavra, mas livre sob garantia.

— Não te compreendo, Remígio, — interrompe a enferma.

— Enquanto eu corria em busca das provas da minha inocência, um homem carregava com as minhas algemas; enquanto eu questionava com a morte, estava ele no meu lugar, ligado ao banco da galé...

— E encontrou-se um homem capaz de tanto?

— Melhor que um homem, minha mãe, um santo!

Então Remígio narrou minuciosamente a sua aventura: como, cedendo a um impulso de confiança, se abrira com o desconhecido visitante e lhe mostrara a carta de Adriano; depois disse do seu desespero quando se viu impossibilitado de se valer do único meio de salvação que lhe restava... Fez finalmente a descrição do visitante, falou da sua eloquência persuasiva, da sua autoridade misteriosa, da sujeição que inspirava a Pa-Thermute, da sublime generosidade com que se oferecera para o substituir.

— Aceitei a oferta heróica, prometia a mim mesmo a prova da minha inocência; e esta prova era-me necessária para ti que te finavas com os meus sofrimentos, para o Paulinito desonrado com a própria desonra do irmão, para mim, enfim, que estava prestes a sucumbir ao desespero. Oh, como de antemão eu saboreava as alegrias maternas e os afectuosos impulsos do Paulino. Parecia-me até ver João Rameau estender-me a mão e pedir-me perdão de me ter acusado.

«A mãe teria feito como eu, não é verda-

de? também teria caído de joelhos diante daquele homem, daquele heróico benfeitor, e ter-lhe-ia jurado tornar aos seus grilhões com as provas da sua inocência nas mãos, para o libertar do seu voluntário aprisionamento, para manifestar a todos o segredo da sua generosidade; que se depois não fosse bem sucedida... se esse documento se tivesse escapado sempre à sua mão que se estendia ávida para o apanhar... se o assassino e a loucura tivessem perseguido uns e outros... se tudo tivesse sido perdido, se esta última esperança não tivesse tido outro resultado que não fosse o fazê-lo sentir-se mais forte no abismo em que se encontrava, ah, a mãe teria retomado o caminho do calvário e teria aceitado novamente as suas cadeias àquele que, ardente de caridade, não pudera ver realizado o sonho.

Julieta continuava a olhar sempre para o filho, mas as lágrimas toldavam-lhe os olhos.

— Revista-se de coragem, minha mãe; ambos necessitamos dela: anime-se, que o pensamento de desanimar despedaça-me o coração; parece-me sempre que nunca mais poderei afastar-me desta casa, deixar de a ver, renunciar às efusões do seu afecto que me faltaram durante oito extensíssimos anos...

Julieta ergueu-se na cama e com ambos os braços estreitou o filho ao peito.

— Todos nós cumpriremos o nosso dever,

meu filho! Remígio, a tua cruz é pesada, mas tu encontraste no caminho o Cireneu que te ajuda a transportá-la... Eu alcanço forças com a alegria de te ver, fosse tão sòmente uma hora; os acontecimentos demonstram que a Providência não te abandona. A tua causa é justa, e cedo ou tarde há-de triunfar! Oh, não poder eu ir contigo bendizer o que mostrou por ti tamanha compaixão, e banhar as suas mãos com as minhas lágrimas!... Dize-lhe que ao ouvir a narrativa do que ele fez por ti, chorei de ternura e de admiração! Oh quão feliz é a mãe dum tal filho! Vê tu, Remígio, o tempo voa; já te não restam senão dois anos de prisão, suporta-a generosamente. Eu creio na tua honestidade, na tua honra! quero acreditar também na tua firmeza e na tua virtude. Deus experimenta-nos, Ele nos premiará.

— Está bem — disse Remígio — deixá-la-ei amanhã. Enquanto a sua vida estava em perigo, não tive a coragem de voltar para as minhas algemas. Não temia o sofrimento, mas não queria que a mãe morresse longe de mim... Amanhã! amanhã! ambos fortalecidos e reanimados nos separaremos pedindo a Deus que nos dê outros dois anos de vida.

Neste momento chegaram aos ouvidos de Remígio os sons distantes duma marcha militar; ouviu porém gritos de alegria; as aclamações dum povo alvoroçado faziam eco com

o surdo ruído dos canhões que troavam nos fortes e nas galés. Julieta e o seu filho interrogavam-se um ao outro sobre o que teria acontecido em Marselha, quando Mariquinhas surgiu no quarto a gritar:

— Meu Deus! É sua majestade Luís XIII que está a entrar na cidade.

Julieta que durante três semanas estivera em perigo de vida, e Remígio que a não abandonava um instante, eram totalmente estranhos às notícias que corriam na boca de todos. O dono da pensão, apesar de as saber quase todas sem perguntar, esquecia tudo desde que se encontrava no quarto da enferma. Por outro lado, aqueles seres tão experimentados pelo sofrimento importavam-se muito pouco com o que em torno deles acontecia, como pouco se lhes dava que o parlamento de Aix se lamentasse de já não gozar todas as suas liberdades, que os Huguenotes se fortificassem em todas as cidades de que se apoderavam, que o cardeal de Richelieu julgasse necessária a posse de la Rochelle.

A mãe e o filho estavam oprimidos por demasiados temores, demasiadas angústias, demasiadas torturas. Além disso, ninguém falava na sua presença acerca de coisas que os pudessem perturbar, nem tampouco do grande movimento popular provocado em Marselha

pela entrada do Rei para os afastar dos seus pensamentos.

* * *

A viagem de Luís XIII tornara-se uma necessidade política. Há mais dum século que a Provença era teatro de sublevações, de revoltas que pela sua retumbância se faziam ouvir em toda a França. Os morticínios de Orange, as represálias de Mornas, as guarnições massacradas por vencedores sanguinários, os momentâneos triunfos retribuídos com cruéis destruições, o ódio dos Huguenotes contra os católicos, os esforços desesperados destes últimos para retomarem os seus castelos fortificados e reforçarem a sua influência no parlamento de Aix, tudo contribuíra para arruinar a Provença, já dizimada pela peste e desfalcada pela fome.

O duque de Guise, governador desta província, conseguira dominar o orgulho e a altivez do duque de Epernon e já se podia esperar que a paz não voltaria a ser perturbada, quando o furacão soprando do Delfinado assolasse de novo a Provença. Os católicos pediam a revogação do edito de Nantes, os protestantes entrincheiravam-se nas suas cidades, fortificavam-se e preparavam-se para a guerra. Estes tinham à frente o duque de Rohan, cuja obstinação se tornara muito temível.

O cardeal de Richelieu, talvez pelo ódio ao duque de Guise, seu governador, não deixava perder uma ocasião de ferir os Provençais; e era preciso que as circunstâncias exigissem imperiosamente a presença do Rei, para que ele não opusesse todo o seu poder à visita que Luís XIII se propunha fazer a Marselha. Este monarca estava grato à grande e rica cidade da Provença pela sua fidelidade e pela dádiva de trinta e oito mil sequins.

O conselho da cidade quis receber o Rei com grande magnificência. Marco António de Vent des Pennes foi criado coronel de cavalaria pela milícia burguesa. Na praça de S. Miguel foi erguido um rico anfiteatro, no centro do qual um dossel de veludo azul cobria um trono maravilhoso.

Um destacamento de rapazinhos de uniforme e com bandeirinhas das cores nacionais sairam da cidade ao som de instrumentos musicais e dirigiram-se para a planície onde se aglomerava a multidão impaciente. O cortejo não tardou a seguir o destacamento infantil. Marchava à frente a milícia, comandada pelo seu mestre de campo. Os soldados levavam uniformes vistosos e extravagantes. Muitos deles iam vestidos de Turcos, outros de Indianos, outros de selvagens. O vigário, marquês de Oraison, com uma capa a cobri-lo, os cônsules Bonifácio de Cabanes, José de Bègue, António Gasquet, o assessor João de Riquetti, vestidos de togas vermelhas, precedidos de moços e trombeteiros; os fidalgos, os membros do conselho municipal em cavalos cobertos de gualdrapas de veludo e ricamente ajaezados. Vinham depois a magistratura, os procuradores, os porteiros e os oficiais de polícia. Seguia atrás o clero das diversas paróquias e o representante de Monsenhor Coëffetau, que se encontrava ausente de Marselha.

Os cónegos da catedral envergavam os seus trajes de brocado; as comunidades religiosas haviam mandado os seus delegados; seguiam-se-lhes os mesteirais conduzindo as efígies e insígnias dos seus patronos. Depois deste imenso cortejo se ter disposto em boa ordem, aguardou-se a chegada dos primeiros arautos de Sua Majestade.

Apenas se descobriu ao longe a comitiva real, logo as salvas de artilharia se confundiram com as aclamações do povo. Luís XIII era acompanhado pelo duque de Montmorency, pelo conde de Schomberg e por alguns dos seus familiares. Avançou até ao anfiteatro, subiu os degraus do trono, no qual se sentou, e recebeu com modos reais os cônsules que dobravam o joelho diante dele. Riquetti proferiu um discurso que foi seguido por um outro do grande vigário do bispo de Marselha.

Finalmente o cortejo desfilou por diante do monarca.

Luís XIII desceu então do anfiteatro, montou um cavalo branco e fez a sua entrada em Marselha pela porta real, onde o recebeu António Libertat. Nesta altura foi-lhe feita a entrega das chaves da cidade, uma maravilha de cinzeladura e de ourivesaria, pelas mãos de Bonifácio de Cabanes.

Depois de o Rei Luís o receber, colocou uma das mãos sobre o livro que continha os «Capítulos da paz» e jurou em voz alta respeitar as liberdades de Marselha. Então foi um estrondear de aclamações e de gritos entusiásticos, e o Rei continuou a sua marcha triunfal até à porta dos Agostinhos.

Os Marselheses, que conheciam a paixão do Rei pelas aves, tinham reunido numa grande gaiola as mais melodiosas e as mais raras. Por último sairam dum jardim pastorinhos e pastorinhas para fazerem uma saudação ao rei com danças graciosíssimas e pitorescas. Luís XIII estava profundamente comovido com este acolhimento. Este monarca fantasista e melancólico, tanto tempo torturado pela dúvida e pelo desconfiança, sentia expandir-se-lhe o coração e renascer ao mesmo tempo pela afeição que lhe patenteavam. E depois ele podia respirar um pouco mais livremente que de costume e entregar-se às naturais inclinações

do seu coração, visto estar livre da tutela do Cardeal, que constituía tanto a sua salvação como o seu suplício.

O monarca que havia de consagrar um dia a França à Virgem, desejou que a sua primeira visita fosse à catedral, santuário edificado sobre as ruínas da primeira capela erigida quando Marta evangelizava a Proença, e Madalena, do fundo da gruta de Beaume, pedia a Deus a salvação dos habitantes da colónia greco-fenícia.

Da igreja, Luís XIII dirigiu-se ao palácio que se erguia sobre o porto. A artilharia da torre de S. João e a das galés saudou-o com salvas de todos os calibres. Luís aproximou-se duma das janelas do palácio, e a milícia civil desfilou diante dele. O Rei quis visitar o forte de N.ª Senhora da Guarda e orar no santuário miraculoso, e enriqueceu-o com dádivas reais.

Esta viagem foi para ele uma verdadeira festa. Tomava parte em todos os divertimentos que lhe preparavam, não como na sua corte de Paris, aborrecido e triste, farto de etiquetas e dominado por um homem que temia e suportava ùnicamente por não poder prescindir dos seus conselhos. Quando visitou o porto de Marselha, divertiu-se a observar a pesca do atum organizada propositadamente para a ocasião.

Durante esta viagem não parecia senão o

primeiro fidalgo do seu reino. Sentia-se inclinado à clemência, sentia a necessidade de distribuir mercês, de conceder perdões.

De vez em quando porém uma nuvem lhe toldava a fronte: fazia a si mesmo uma pergunta a que não sabia responder; parecia procurar entre a multidão um homem que não conseguia encontrar.

Ao sair do santuário de Nossa Senhora, perguntou ao deão da catedral:

— Não vistes por aqui o Capelão geral das galés?

— Esperámo-lo, Senhor; mandámos até uma deputação para o receber, mas não veio.

— É estranho! — murmurou o Rei. E acrescentou, como que falando consigo mesmo: — Em rigor não devo surpreender-me, porque ele está sempre ocupado na criação de novas obras e no dedicar-se ao alívio de todas as misérias.

No entanto a ausência de Vicente afligia-o, e à tarde falou dele ao intendente geral das galés, o qual, como o senhor d'Ollière, respondeu:

— Não veio.

Luís nutria pelo santo sacerdote que ele investira naquela grande e penosa missão um sentimento de profundo respeito e de afeição sincera. A palavra daquele homem humilde e terno tranquilizava-o e consolava-o; o apóstolo da caridade tinha a faculdade de comover os grandes, e os poderosos. Fez chorar Ana de Austria, levou a fazer-se trapista o senhor de Rancé, e um dia havia de assistir ao próprio Luís XIII no leito de morte!

Ao mesmo tempo em que o cardeal de Richelieu governava politicamente a França, o fundador das Filhas de Caridade criava no seio da França uma França nova, uma série de lazaristas, de missionários, irmãs de hábito cinzento, sementeira de novos rebentos destinados, por sua vez, a produzirem ramos vigorosos e fecundos.

Quando o Rei, nas suas horas de angústia e de tristeza não podia consultar o seu director espiritual, aterrava-se, afligia-se. Agitavam-no estranhos temores, a timidez do seu carácter acabrunhava-o, a suspeita devorava o seu coração receoso, e lembrava aquele pobre Rei cuja mãe tinha abandonado Henrique IV ao punhal de Ravaillec, por estar rodeado de intrigas e ameaçado por mil perigos.

Tanto para satisfazer a sua inclinação à clemência, como para ter mais tarde a satisfação de dizer ao Capelão geral das galés que tinha concedido perdões e mercês em seu nome, Luís XIII quis, antes de regressar a Aix, visitar a prisão.

O rei tinha bom coração, e se muitas vezes se via constrangido a ratificar as sentenças

de Richelieu, ele sentia-se aliviado e feliz, quando podia usar de clemência. Além disso, tudo o convidava à bondade, o esplendor do céu, ao piedosas peregrinações, o entusiástico acolhimento dos Marselheses e as boas notícias que recebia de todos os lados.

A sua visita às galés foi assinalada por numerosos perdões. Comutou penas e restituiu à liberdade alguns infelizes condenados por faltas leves. Embora reconhecesse a necessidade das galés para fazer frente aos Turcos, ele não lhes atribuíra aquela exagerada importância que lhes tinham dado Carlos IX e Henrique IV. Do fundo daquelas prisões flutuantes em que reinava o desespero, ele ouviu tão ardentes bênçãos que lhe enterneceram o coração. Todos se alegraram com a visita do Rei, o qual, ao abandonar os condenados, lhes disse com voz grave:

— Eu perdoo a alguns de vós como Rei; mandar-vos-ei porém o Capelão geral para vos perdoar em nome de Deus.

A galé de Pa-Thermute era a última.

O dia declinava, Luís XIII recebeu a saudação dos oficiais, passou em revista a tripulação, e desceu, seguido do intendente geral, do senhor de Scomberg e do senhor Gaspar Seren, arcipreste do cabido. Pa-Thermute já estava no seu posto.

Ao entrar no ergástulo, Luís XIII sentiu-se

sufocar com o ar viciado, mas venceu a própria repugnância e avançou até junto dos forçados; alguns olhavam para ele com ar suplicante, outros pareciam desafiá-lo com a sua atitude arrogante.

Luís XIII interrogou alguns. A maior parte deles protestavam a sua inocência. Aqueles rostos lívidos, aqueles pés algemados, aquelas mãos como que presas aos remos, produziram no espírito do Rei uma profunda comoção. Compreendeu então a necessidade dum Capelão geral para suavizar a severidade dos guardas.

Naquele momento intensificava-se nele o desejo de ter junto de si aquele que, melhor do que ninguém, lia na sua consciência, e o tranquilizava e o iluminava! À medida que Luís XIII continuava na sua inspecção, o forçado que ocupava o lugar de Remígio cada vez abaixava mais a cabeça. A sua atitude era mais humilde que nunca, tentava ocultar-se atrás dos seus camaradas e não parecia pedir perdão nem mitigação para as suas penas.

O monarca notou-o e, dirigindo-se a Pa-Thermute, perguntou:

— Quem é este?

— O número 2918 — respondeu o carcereiro a tremer.

— E já não tem sequer um nome?!... murmurou o Rei.

No mesmo instante ouviu-se ao cimo da escada um certo tumulto no qual se distinguiam gritos desesperados:

— Deixem-me passar! tenho de aproximar-me! é o meu dever! sou um forçado!

Os oficiais avançam perturbados, a agitação do carcereiro aumenta; os seus ajudantes perguntam-lhe donde provém semelhante escândalo. Ninguém tinha fugido, o número dos condenados era exacto.

Os soldados procuram impor silêncio ao que produz aquela desordem, mas ele continua a agitar-se, a gritar:

— O Rei está aqui, — disse — apelo para o Rei.

O Rei ouviu estas palavras e disse para o intendente:

— Desejo saber o que é que ele quer; trazei-mo cá.

Aquele homem era Remígio.

Tendo descobrido o Rei, avança respeitosamente.

— Tu apelaste para o Rei, — disse o monarca — e este Rei chama-se Luís o Justo. Que queres?

— Retomar as minhas algemas — disse.

— Tu evadiste-te.

— O número dos remadores está completo, — disse Pa-Thermute com voz sufocada pela ira.

— Sim, completo — prosseguiu Remígio — graças ao heroísmo dum homem que se sacrificou para tornar possível a minha salvação... Uma carta misteriosa advertira-me de que procurasse maneira de me evadir para pode ir às gargantas de Ollioules a fim de encontrar a prova da minha inocência; eu estava reduzido ao desespero pela impossibilidade de fugir; e a impaciência insofrida de reconquistar a minha honra e a minha liberdade arrastava-me quase ao suicídio, quando um estranho que visitava as galés carregou com as minhas algemas, confiou na minha palavra e disse-me que fosse em busca dos documentos, que eram para mim mais do que a existência, eram a honra...

«Afastei-me da galé e... mas a fatalidade pesa sem dúvida sobre mim, porque justamente quando me supunha salvo, caí ainda mais profundamente nas minhas incertezas e na minha dor... Para receber a bênção de minha mãe, estendida no seu leito de agonia, velei, rezei... minha mãe há-de viver. No entanto bendigo o Senhor que ma tem conservado, e vou retomar os meus grilhões e o meu lugar na prisão...

Ao escutar aquele homem, Luís XIII experimentara uma rápida comoção que se reflectia toda no seu rosto pálido e magro, e quando

Remígio se calou, o Rei avançou para o condenado indicado por ele e disse:

— Em todo o meu reino há apenas um homem que é capaz de tamanha abnegação: Vicente de Paulo.

Todos os peitos arfavam, todos os olhares se enchiam de lágrimas. Remígio foi-se conduzindo até à extremidade do banco, e levantava já as algemas, mostrando-as a Pa-Thermute.

Apenas o Rei se encontrou defronte do forçado e pôde distinguir naquela semi-obscuridade as suas feições, ficou por um momento imóvel, como que empolgado pelo quadro que tinha na sua frente; depois, com voz acentuada e os olhos marejados de lágrimas, num movimento tão nobre como inspirado pôs um joelho em terra diante do forçado e disse:

— Abençoai-me, meu pai.

Vicente de Paulo recordou-se de que, estando revestido do carácter sacerdotal, o Senhor ratificaria as suas acções e colocando as mãos algemadas sobre a fronte do Rei, exclamou:

— Deus vos salve, senhor. Deus vos guarde!

E quando Luís XIII, Rei de França e de Navarra, se ergueu de novo, foi apenas para estreitar ao peito o sacerdote.

Num instante foram soltas as cadeias de Vicente.

— Pedíeis vós — disse Vicente aos galeotos — a visita do Capelão das galés; pois bem, a visita foi mais demorada do que acreditaríeis, meus irmãos... Vivi a vossa vida, comi o vosso pão, vi os vossos suores e as vossas lágrimas... para muitos pedirei perdão, para alguns pedirei justiça.

Vicente de Paulo tomou Remígio pela mão:

— Senhor... — disse.

E calou-se. Luís XIII fez um sinal ao intendente.

— Não é já o perdão dum culpado que eu desejo; — continuou Vicente de Paulo — Remígio está inocente, empenho a minha palavra e ofereço-me para fornecer as provas disso mesmo.

— Fazei, Vicente, fazei vós: — disse o Rei — concedei perdões em meu nome a quem quer que julgardes merecer indulgência ou justiça; governai por mim que governo tão pouco, para que também vós me não recuseis aquilo que eu vos pedir.

— Ah senhor! — exclamou Vicente — acaso não conheceis o meu respeitoso afecto por vós?

— Pois sim! — disse o Rei, inclinando-se ao ouvido do Capelão geral das galés — sois vós que haveis de assistir-me no momento da

minha morte; quero entregar a minha alma nas mãos dum santo.

O Capelão geral aproveitou-se largamente do direito de perdão que lhe conferia Luís o Justo. O senhor d'Ollière colocou-lhe sobre os ombros a sua própria capa. Luís XIII não quis que Vicente de Paulo o abandonasse no resto do dia.

A notícia do que se passara a bordo da galé correu como um relâmpago de boca em boca. As ruas iluminaram-se como por encanto, a multidão comprimiu-se à passagem do rei, aplaudindo-o e pedindo a bênção ao humilde sacerdote. O Rei tirava o seu chapéu de plumas, o sacerdote agitava a mão, e cem mil homens repetiam como uma só voz no porto:

— Viva o Rei! viva Vicente de Paulo!

E foi no meio de tão espontâneo entusiasmo de todo um povo que Luís XIII voltou para o palácio.

EXPIAÇÃO

A loucura de Honorato foi um golpe duríssimo para João Rameau. Tentou conservar em casa o pobre louco, a fim de lhe prodigalizar todos os cuidados; mas aos poucos momentos de calma sucediam tais acessos de furor, que a vida das pessoas a quem fora confiado encontrava-se em perigo permanente. João Rameau confiou então o filho aos assíduos cuidados dum médico famoso. Este fez levar o seu novo cliente para uma casa de saúde, edificada numa situação risonha, e esforçou-se por libertar o infeliz de toda a preocupação.

O género de loucura do pobre doente logo forneceu ao médico a prova de que no fundo dela se escondia qualquer terrível verdade. Para curar Honorato era necessário empregar mil precauções, não o contrariar nas suas manias, mas procurar vencê-lo à força de complacências.

Honorato continuava a recolher, sem interrupção, fragmentos de cartas e a enterrá-los no meio de grande mistério. Muitas vezes

tornava a desenterrar os que tinha escondido no dia anterior, com receio de que pudessem ser fàcilmente descobertos. O médico não só lho deixava fazer, mas até lhe proporcionava a ocasião e a facilidade de arranjar esconderijos, encontrando ao mesmo tempo o meio de lhe restituir um pouco de equilíbrio.

Fez compreender ao louco que nem todas as cartas escritas eram igualmente úteis ou comprometedoras. Obrigou o seu espírito entenebrecido a descobrir o sentido das letras e das palavras. Frases soltas, exclamações apanhadas no ar, dos lábios do louco, puseram-no em condições de suavizar-lhe e diminuir-lhe a loucura; em vez de esconder cartas, sobreveio-lhe o desejo de ler as que havia enterrado.

A reflexão retomou lentamente o seu império; sucederam-se os intervalos lúcidos, que, a princípio intermitentes, foram depois adquirindo mais força e maior duração, de tal forma que, passado um ano, o médico pôde reconduzir Honorato a casa do pai.

Ao mesmo tempo, com a razão despertou a consciência. Aquele homem que tinha desprezado o remorso debatia-se agora nas suas garras, não podendo recordar sem tremer as gargantas de Ollioules. O duplo crime que havia cometido não se apagava no seu espírito, e caiu num marasmo pior do que a loucura.

O banqueiro, temendo uma recaída, interrogava-o com bondade, encorajava-o, rodeava-o de carinhos.

Semelhantes demonstrações de afecto faziam recrudescer a tortura do culpado. Sabia-se indigno da afeição do pai e da estima dos homens. Lutava contra si próprio, hesitava em confessar uma terrível verdade, mas sentia, por outro lado, que uma absoluta franqueza o podia reabilitar perante si mesmo, muito embora essa franqueza lhe custasse a liberdade e a vida.

Uma tarde, encontravam-se João Rameau e o filho sòzinhos na saleta. O elegantíssimo lampadário projectava uma luz serena sobre as molduras douradas dos quadros e sobre a pálida figura do retrato de Luísa. O negociante atiçava o lume com um ar tristemente pensativo; Honorato, com a cabeça entre as mãos, estava vergado ao peso das suas tristes recordações.

Meu caro, — disse João Rameau tocando nas costas do filho — o teu estado de sofrimento adormeceu os teus afectos? parece que esqueceste o teu namoro com Cecília; no entanto trata-se duma promessa de honra. A família está preocupada e a rapariga está a entristecer.

— Não caso com ela, — respondeu secamente Honorato.

— Porque exageras o teu mal? — replicou João Rameau com doçura; — o que tu sofreste não foi senão uma febre com delírio cujos acessos se têm prolongado um pouco mais que de ordinário... Mas isto não pode prejudicar o teu futuro; não se trata dum mal nem perigoso nem hereditário.

— Eu sei — respondeu Honorato.

— Mas então!... Acaso já não terás tu amor à rapariguinha?

— Se tenho! Agora mais do que nunca!...

— E então?

— Sou indigno dela, pai.

— Deixa-te disso, Honorato; agora é a mim que compete tranquilizar-te sobre os teus receios; a tua mocidade foi talvez agitada... não sei; tu nunca me disseste nada, nem eu nunca te falei nisso... mas se da desordem dos primeiros anos, se dessas perturbações do coração já nada resta, com boas resoluções podes reparar o passado. As dívidas do jogo, já saldadas, esquecem-se, e eu de boamente te perdoo erros para os quais, uma vez ou outra, fui pouco indulgente.

— Erros? — repetiu Honorato com voz sumida. Depois, erguendo-se, exclamou com voz vibrante:

— Eu cometi crimes!

— Meu filho, meu filho, tu estás enganado.

— Não, não estou enganado! Se eu lhe fizer a minha confissão, vai dizer-me ainda que estou doido, que são loucuras, e chamará o médico... Não, meu pai, não mande chamar ninguém; eu roubei, matei... é horrível, é medonho... Eu, seu filho, sou um ladrão, um assassino!

João Rameau apertou o filho nos seus braços.

— É necessário que eu expie, — replicou Honorato — é necessário que eu me acuse... Oh! mas não duvidem das minhas palavras; sim, acreditem-me... há provas, as provas da minha infância.

Honorato estava de pé; a sua fisionomia desfigurada revelava uma comoção violenta, as mãos tremiam-lhe.

— Parece-me, — prosseguiu ele — que só serei um homem honesto, quando tiver confessado tudo, expiado tudo... Estive louco! é uma grande desgraça. Durante a minha loucura, tentei destruir a única prova do meu crime e de... oh! mas hei-de encontrá-la! e então, meu pai, se me perdoar, creio que Deus me perdoará.

João Rameau mais convencido ficou de que o filho estava atacado dum novo acesso de loucura, porque, sem mais palavra, Honorato precipitou-se para o jardim. Em todo o resto da tarde, escavou com febril actividade de-

baixo dos grandes olmeiros, mas sem poder encontrar o que procurava. Tinha reavido o uso da razão na medida em que isso lhe era necessário para compreender que o pai se oporia aos seus projectos se ele lhos desse a conhecer.

E assim, abandonando no dia seguinte logo pela manhã a casa paterna, só voltou passados quatro dias.

O negociante ficou aflitíssimo. Numa tarde tempestuosa, Honorato bateu à porta da casa e entrou no escritório do pai, que se encontrava possuído de desespero.

Honorato parecia feliz; era uma alegria extravagante, febril; tirando do peito um papel e agitando-o gritou:

— Cá está finalmente nas minhas mãos; cá está, cá está o papel, meu bom pai! agora já não haverá mais nenhuma nuvem no meu espírito. Eu arrependo-me, vou dizer toda a verdade... salvarei o inocente, aceitarei o castigo em seu lugar... Pai, aperte-me entre os seus braços; eu readquiro coragem e sinto-me feliz, torno a ser um homem de bem; — e Honorato mostrou a João Rameau um papel amarrotado, sujo de terra, meio desfeito pela humidade.

O negociante, desolado por ver que o filho tornava a cair nas suas alucinações, não se

atreveu a contestar a sua loucura e pegou no papel.

À medida que ia decifrando as palavras e olhando para a data, mudava de cor, e por último, fitando em Honorato os olhos esbugalhados, gritou:

— Tu! tu!

— Eu repararei! confessarei tudo — gritou Honorato, caindo-lhe aos pés.

Os braços do negociante tombaram; sem um suspiro, com o olhar vítreo, os membros inteiriçados, caiu fulminado por uma apoplexia.

Honorato não compreendeu imediatamente que terrível expiação lhe estava reservada. Supôs que o pai tivesse sucumbido devido a ter perdido os sentidos inesperadamente, e por largo tempo procurou acalmá-lo, consolá-lo. Repetia-lhe que a única maneira de o libertar da sua culpa, era o pai permitir-lhe que a confessasse; suplicava-lhe que lhe perdoasse; invocava a sua ternura; falava das próprias aflições e remorsos...

Quando repara na terrível verdade, não quer crer: era demasiado cruel, e o seu castigo não devia ser a morte de seu pai.

Honorato foi invadido por um desespero selvagem. Fechou-se no compartimento com o cadáver, e ia repetindo a quem já o não podia ouvir, a triste história.

* * *

João Rameau era muito estimado na cidade de Cette; desde há muitas gerações que todos os membros da família eram exemplo de virtude, e a sua morte foi uma consternação geral.

Por uma estranha coincidência, precisamente no momento em que os sinos anunciavam a morte de João Rameau, entravam na igreja paroquial de Cette e ajoelhavam diante do altar Julieta, Remígio e o Paulinito conduzidos por um sacerdote. Vicente de Paulo estava convencido de que a hora da justiça tinha soado para o seu protegido e aconselhara Remígio a entrar de novo na sua cidade natal.

Adriano, que sobrevivera à agressão, havia narrado a Vicente de Paulo todas as vicissitudes da sua vida, pedindo-lhe a absolvição em nome e Deus e suplicando-lhe que o ajudasse a expiar completamente a sua falta.

Era necessária porém a confissão de Honorato.

O apóstolo prometeu empregar todos os esforços para triunfar daquele carácter rebelde; e seguro de que, com a ajuda do céu havia de ser bem sucedido, pediu a Remígio e à família dele que o acompanhassem a Cette.

A sua primeira visita foi à igreja. Ao centro estava colocado um ataúde coberto com um pano negro; os criados da casa Rameau choravam desolados em volta dele. Os sacerdotes paramentados de preto, cantavam as exéquias.

Então viu-se avançar lentamente pela nave acima um homem precocemente envelhecido, curvado pelas preocupações e pela vergonha, e quando chegou ao pé do cadáver de João Rameau, apoiou a fronte sobre o pano mortuário e desatou num amaríssimo pranto.

A família Ciotat levantou-se para render uma derradeira e piedosa homenagem à alma do falecido. O padre Vicente tirou o hissope duma caldeirinha de prata e aspergiu com água benta o corpo exânime de Rameau. Remígio estava prestes a acompanhá-lo no seu tributo, quando o seu olhar incide sobre o homem prostrado aos pés do féretro. Reconheceu-o, vacilou, e apoiando-se no sacerdote, exclamou em voz baixa:

— Aqui está ele! Aqui está ele!

Vicente de Paulo olhou para Remígio. O rosto do jovem exprimia uma dolorosa surpresa, mas não um vislumbre de ódio.

— Tu perdoas? — perguntou-lhe o sacerdote.

— Vós ensinastes-me a caridade — responde Remígio.

A comoção, o terror, pregavam Julieta ao solo. O sacerdote aproximou-se de Honorato e com um acento que revelava uma autoridade duplamente sagrada disse-lhe:

— Meu filho, não ouves uma voz vinda deste cadáver a convidar-te a uma reparação?

Honorato ergueu a fronte, e com uma das mãos apoiada sobre uma cadeira e estendendo a outra à mão do sacerdote, perguntou:

— Que é que vós sabeis?

— Tudo! — respondeu Vicente de Paulo.

— Tendes razão... — replicou Honorato — a mão de Deus pesa sobre a minha cabeça, é preciso que eu fale... que eu fale diante do meu pai morto, fulminado com a notícia do meu crime; defronte de Remígio, ao qual fui causa de ruína e de desespero... Remígio exige-me a restituição da sua honra perdida, exige a sua reabilitação diante dos homens, e há-de tê-la... já que eu não poderei ir longe com esta miserável vida...

Honorato levantou-se. A expiação que ele queria impor a si mesmo devia ser proporcionada à sua culpa. Quisera evitar a vergonha pública; agora era forçoso que a aceitasse.

Os padres terminavam os seus tristes cânticos, a multidão comprimia-se na igreja, estavam ali os amigos, os clientes da casa Rameau; Honorato com um rápido olhar passou em revista toda aquela gente. Tremia com a

ideia do que estava para fazer, mas a dois passos dele estavam Remígio, Julieta e o Paulinito, e ao seu lado, como que para o sustentar na duríssima prova, estava Vicente de Paulo.

Honorato parou diante deles, subiu dois degraus, e em voz alta falou nestes termos:

— Diante do cadáver de meu pai, diante daqueles que honram as suas exéquias e oram por sua alma, venho finalmente dar uma satisfação à minha consciência ultrajada, vingar a justiça ofendida... A minha tardia confissão não chega para apagar os sofrimentos que os inocentes padeceram por culpa minha, mas eu me arrependo! peço por minha vez misercórdia, perdão, e choro acusando-me... Há quase dez anos que um jovem abandonava a nossa cidade, algemado com outros forçados; era considerado réu dum furto, dum abuso de confiança... chama-se Remígio Ciotat... estava inocente... fui eu que, para saldar uma dívida contraída no jogo, roubei o meu pai!

Honorato pôs a mão sobre o cadáver.

— Peço perdão a Deus, — exclamou — peço perdão à tua memória, João Rameau! peço perdão a Remígio e a sua mãe!

O pranto sufocou-lhe as palavras e caiu de joelhos.

À vista daquela cena, daquelas palavras de arrependimento, acalmou-se a agi-

tação que por momentos se fizera na igreja. Remígio avançou para Honorato; Julieta, sem manifestar sombra de rancor, fixava o olhar lacrimoso naquele que tanto mal lhe tinha feito. O infeliz ofereceu ao filho de Julieta o documento que Adriano correra o risco de pagar com a vida, e Vicente de Paulo, estendendo a mão direita sobre o culpado, em sinal de protecção, disse em voz bem acentuada:

— Este homem já não será julgado por outro tribunal que não seja o da divina Justiça.

COMPOSTO E IMPRESSO
NA PIA SOCIEDADE DE S. PAULO
RUA DO LUMIAR, 167 — LISBOA